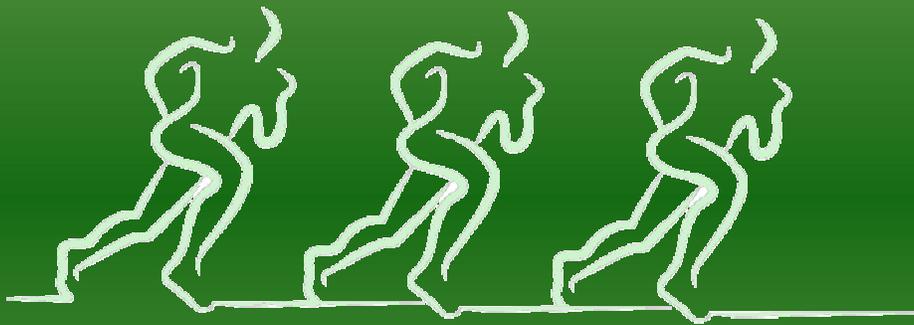


ISSN 1981-8564

ANAIS
DO
III CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
FÍSICA
XIV REUNIÃO CIENTÍFICA
*"EXPANDINDO E INTEGRANDO CONHECIMENTOS
CIENTÍFICOS"*



UNESP BAURU

21 a 25 de Setembro de 2009

V.3 n.1 Setembro de 2009

III CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA
XIV REUNIÃO CIENTÍFICA

**“EXPANDINDO E INTEGRANDO CONHECIMENTOS
CIENTÍFICOS”**

21 a 25 de Setembro de 2009

Comissão Organizadora

Flávio Borone Bitelli	Mariane Benetti do Nascimento
Gislaine Aparecida Alves Encarnação	Mariana Rodrigues Bighetti Godoy
Larissa de Oliveira Marques	Priscila Moulaibb
Luana Farias de Oliveira	

Comissão Científica

Prof. Dr. Julio Wilson dos Santos	Prof. Dra. Sandra Lia do Amaral
Prof. Dr. Marcelo Carbone	Prof. Dra. Marli Nabeiro
Prof. Dra. Lillian Aparecida Ferreira	Prof. Dr. Sérgio Tosi Rodrigues

Colaboração

Camila Marafanti	Josiane Katsue Savay da Silva
Carolina Bilato	Julia Pinheiro da Silva
Cesar Fernandes Machado	Leandro Pires Maciel
Clara Monteiro	Leonardo Elias Ferreira Pereira
Denise Cardoso da Silva	Marcos Roberto So
Fernanda Toledo Zázera	Pedro Lucas dos Santos Pêgo
Gabriel de Souza Zanini	Simone Rodrigues Feliciano
Gênesis Fundo	Rafael Suzushi Murakawa

Grupo de Estudos de Lazer - GEPL

André Tiago Rossito Goes	Lidiele Pazin Tardelli
Bárbara Pignataro Fumes	Marcela Gomez Alves da Silva
Débora Pignataro Fumes	Maria Márcia da Silva
Djeimy Renata Jeronimo	Mirelle de Faria Baldini
Elisa Cerqueira Rodrigues	Profa. Dra. Luciene Ferreira da Silva
João Henrique de Paula Pereira.	Rafael Alemida
Laura Ferrari Fernandes	Vanessa Magalhães Marcondes

Realização:



Apoio:



**DEPARTAMENTO DE
EDUCAÇÃO FÍSICA**



APRESENTAÇÃO

Reuniões Científicas no campo da Educação Física vem sendo realizadas há 14 anos, na UNESP de Bauru, caracterizadas por apresentações de palestras, mesas redondas, mini- cursos, trabalhos de alunos e professores e vivências culturais. Congregam-se pesquisadores e especialistas, oportunizando aos participantes contatos com os mais qualificados profissionais desta área de conhecimento. Salienta-se que anualmente são reunidos profissionais e pesquisadores de diversos pontos do Estado de São Paulo e outros Estados, como: Paraná, Minas Gerais e Rio de Janeiro, além da presença em anos anteriores de palestrantes internacionais, o Professor Doutor Manuel Sérgio Vieira e Cunha, da Universidade Técnica de Lisboa e o Professor Doutor Jorge Olímpio Bento, da Universidade do Porto .

A Reunião Científica da Educação Física (UNESP-Bauru), como todo congresso realizado no Brasil ou exterior, traz consigo uma trajetória. O evento originou-se com a idéia de possibilitar aos alunos de graduação aprimoramento em termos científicos, discutindo de modo profundo os conteúdos da educação física, dando-lhes a oportunidade de conhecer vários pesquisadores da área. Iniciou-se com um ciclo de palestras e com o passar das edições o evento foi se aperfeiçoando, sempre em busca do nível de excelência que a Educação Física necessita.

A partir do ano de 2007, a “Reunião Científica de Educação Física” também recebeu o nome de “Congresso Nacional de Educação Física” já que o nível que atingira necessitava um nome que acompanhasse estas mudanças.

A continuidade do evento significa aprimoramento acadêmico dos graduandos, bem como, profissional daqueles que já atuam no campo da Educação Física. Com um diferencial, a comissão organizadora conta com uma participação efetiva dos graduandos de Educação Física da UNESP-Bauru, coordenados pela chefia do departamento e coordenação de curso.

Nesse ano propõe-se discutir como tema central “O profissional de educação física: intervenção e impacto social”, considerando-se sua relevância em termos da formação e atuação do profissional.

Contamos com pesquisadores renomados na área, em âmbito nacional e internacional, destaca-se a presença do Professor Doutor José Sarmiento de Rebocho Lopes o e vindo de Porto - Portugal e Professor Mestre Eduardo de Souza Laureano vindo de Madri - Espanha.

OBJETIVO

Congregar pesquisadores da área de Educação Física para aprimorar os conhecimentos acadêmicos, científicos e profissionais e, conseqüentemente, a atuação profissional nos sub-campos escolar, treinamento desportivo, educação física adaptada, aprendizagem motora, ciências humanas e saúde. A nossa meta é realizar o melhor evento dos doze já apresentados, convidando pesquisadores internacionais e do Brasil, com a perspectiva de superar o sucesso que atingimos no I Congresso Nacional de Educação Física da UNESP-Bauru.

Público alvo do evento é caracterizado por docentes, discentes, profissionais da área de Educação Física, Educação, Esporte, Saúde e interessados no tema.

PROGRAMAÇÃO CONEF**→ 21/09/2009 – Segunda-Feira****17h00min as 19h00min**

Credenciamento e Entrega de Materiais.

19h00mi as 19h30min: Conferência de Abertura

III Congresso Nacional de Educação Física UNESP-Bauru, com a presença do diretor da Faculdade de Ciências: Prof.Dr. Henrique Luiz Monteiro, do chefe do departamento de Educação Física: Prof. Dr. Milton Vieira do Prado Junior, coordenadora do curso: Profa. Dra. Marli Nabeiro, e representante da comissão organizadora de Educação Física Luana Farias de Oliveira.

19h30min as 21h00min

Palestra de Abertura: *"O Desporto e o Gestor Desportivo do século XXI"*.

Palestrante Internacional: Prof. Dr. José Pedro Sarmiento de Rebocho Lopes– Universidade do Porto (UP)

Coordenadora: Profa. Dra. Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger

Local: Sala 1 – Antônio Manuel dos Santos

21h00min as 22h30min Coquetel de Abertura e Apresentação Cultural

Local: FUNDEB

→ 22/09/2009 – Terça-Feira**09h00min as 11h00min**

Palestra: *"Exercício resistido na hipertensão"*

Palestrante: Profa. Dra. Cláudia Lúcia de Moraes Forjaz - Universidade de São Paulo - USP

Palestrante: Prof Dr. Marcos Polito - Universidade Estadual de Londrina - UEL

Coordenadora: Profa. Dra. Sandra Lia do Amaral

Local: Sala 1 – Antônio Manuel dos Santos

14h00min as 18h00min

Mini-curso 01: *"Dinâmicas para aula de Educação Física na escola"*

Palestrante: Profa. Ms. Luciana Venâncio – Universidade Guarulhos - UnG

Palestrante: Prof. Ms. Luis Sanches – Universidade Guarulhos - UnG

Coordenadora: Profa. Dra. Lilian Aparecida Ferreira

Local: Central de Salas de Aula

14h00min as 18h00min

Mini-curso 02: *"Treinamento Funcional"*

Palestrante Internacional: Prof. Ms. Eduardo de Souza Laureno

Coordenador: Júlio Wilson dos Santos

Mediador: Prof. Dr. Márcio Pereira da Silva

Local: Sala 1 – Antônio Manuel dos Santos

19h00min as 23h00min

Mini-curso 03: *"Marketing Desportivo"*

Palestrante Internacional: Prof. Ms. Eduardo de Souza Laureno

Coordenador: Prof. Ms. Dalton Müller Pessoa Filho

Local: Sala 1 – Antônio Manuel dos Santos

→ **23/09/2009 – Quarta – Feira**

09h00min as 12h00min

Palestra: *"Lazer e Educação Física: relações e desafios"*

Palestrante: Prof. Dr. Edmur Antonio Stoppa - Universidade de São Paulo – USP

Coordenadora: Profa. Dra. Luciene Ferreira da Silva

Local: Sala 1 – Antônio Manuel dos Santos

14h00min as 18h00min – (continuação):

Mini-curso 01: *"Dinâmicas para aula de Educação Física na escola"*

Palestrante: Profa. Ms. Luciana Venâncio – Universidade Guarulhos - UnG

Palestrante: Prof. Ms. Luis Sanches – Universidade Guarulhos - UnG

Coordenadora: Profa. Dra. Lilian Aparecida Ferreira

Local: Praça de Esportes

14h00min as 18h00min – (continuação):

Mini-curso 02: *"Treinamento Funcional"*

Palestrante Internacional: Prof. Ms. Eduardo de Souza Laureno

Coordenador: Júlio Wilson dos Santos

Local: Sala 1 – Antônio Manuel dos Santos

19h00min as 23h00min – (continuação):

Mini-curso 03: *"Marketing Desportivo"*

Palestrante Internacional: Prof. Ms. Eduardo de Souza Laureno

Coordenador: Prof. Ms. Dalton Müller Pessoa Filho

Local: Sala 1 – Antônio Manuel dos Santos

→ **24/09/2009 – Quinta-Feira**

09h00min as 11h00min

Palestra: *"Visões sobre controle motor"*

Palestrante: Prof. Dr. Marcos Duarte - Universidade de São Paulo - USP

Palestrante: Prof. Dr. José Ângelo Barela - Universidade Cruzeiro do Sul - UNICSUL

Coordenador: Prof. Dr. Sergio Tosi Rodrigues

Local: Sala 1 – Antônio Manuel dos Santos

14h00min as 18h00min:

Mini-curso 04: *"Primeiros Socorros"*

Palestrante: Capitão Ms. Miguel Ângelo Minozzi – Faculdade Anhanguera - Polícia Militar do Estado de São Paulo, Ccb Comando do Corpo de Bombeiros

Coordenador: Prof. Dr. José Roberto Bosqueiro

Local: Central de Salas de Aula

14h00min as 18h00min:

Mini-curso 05: *"Ginástica Laboral"*

Palestrante: Prof. Ms. Ricardo Alves Mendes – Universidade Federal do Paraná – UFPR

Coordenadora: Profa. Dra. Marli Nabeiro

Local: Sala 1 – Antônio Manuel dos Santos

19h30min as 22h00min:

Apresentação de Trabalhos Orais: *"Escolar, Ciências Humanas e Educação Física Adaptada"*

Coordenadora: Profa. Ms. Liene Milcia Aparecida Josué

Local: Sala 1 – Antônio Manuel dos Santos

Simultâneo:

Apresentação de Trabalhos Orais: *"Treinamento, Saúde e Comportamento Motor"*

Coordenador: Prof. Dr. Milton Vieira do Prado Junior

Local: Central de Salas de Aula

→ **25/09/2009 – Sexta-Feira**

09h00min as 11h00min

Palestra: *"Psicomotricidade Relacional: desafios de uma prática pedagógica diferenciada"*

Palestrante: Profa. Dra. Sônia Bertoni Souza - Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Coordenador: Prof. Dr. Francisco Gouvêa Junior

Local: Sala 1 – Antônio Manuel dos Santos

14h00min as 18h00min – (continuação):

Mini-curso 04: *"Primeiros Socorros"*

Palestrante: Capitão Ms. Miguel Ângelo Minozzi – Faculdade Anhanguera - Polícia Militar do Estado de São Paulo, Ccb Comando do Corpo de Bombeiros

Coordenador: Prof. Dr. José Roberto Bosqueiro

Local: Praça de Esportes

14h00min as 18h00min – (continuação):

Mini-curso 05: *"Ginástica Laboral"*

Palestrante: Prof. Ms. Ricardo Alves Mendes – Universidade Federal do Paraná – UFPR

Coordenadora: Profa. Dra. Marli Nabeiro

Local: Sala 1 – Antônio Manuel dos Santos

18h00min as 19h00min:

Cerimônia de Encerramento com coquetel, premiação dos melhores trabalhos e amostra cultural

Local: Praça de Esportes

SÚMARIO

RESUMO DAS PALESTRAS

O DESPORTO E O GESTOR DESPORTIVO DO SÉCULO XXI

Prof. Dr. José Pedro Sarmiento 17

EXERCÍCIO RESISTIDO E HIPERTENSÃO ARTERIAL

Profa. Dra. Cláudia Lúcia de Moraes Forjaz..... 19

Prof. Dr. Marcos Polito..... 20

DINÂMICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Profa. Ms. Luciana Venâncio 22

Prof. Ms. Luiz Sanches Neto 22

TREINAMENTO FUNCIONAL

Prof. Ms. Eduardo de Souza Laureno..... 23

MARKETING DESPORTIVO

Prof. Ms. Eduardo de Souza Laureno..... 24

LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA: RELAÇÕES E DESAFIOS

Prof. Dr. Edmur Antonio Stoppa

INFORMAÇÃO VISUAL E CONTROLE POSTURAL

Prof. Dr. José Angelo Barela 26

Prof. Dr. Marcos Duarte 26

PRIMEIROS SOCORROS

Prof. Ms. MIGUEL ÂNGELO MINOZZI 27

GINÁSTICA LABORAL

Prof. Ms. Ricardo Alves Mendes..... 28

PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL: DESAFIOS DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA DIFERENCIADA

Profa. Dra. Sônia Bertoni..... 29

RESUMOS TRABALHOS - ORAL

ÁREA: CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO FÍSICA, EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E EDUCAÇÃO

FÍSICA ADAPTADA 30

A COMPETIÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOB A PERSPECTIVA DOS ALUNOS COMPETITIVOS.

José Murilo Castellani; Lílian Aparecida Ferreira..... 30

A FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA NA REVISTA DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ATIVIDADE MOTORA ADAPTADA.	
Cláudio Silvério da Silva; Samuel de Souza Neto; Alexandre Janotta Drigo.....	30
ANÁLISE DA GRADE DE PROGRAMAÇÃO DAS EMISSORAS BRASILEIRA DE TELEVISÃO ABERTA EM RELAÇÃO AO CONTEÚDO ESPORTIVO	
Tatiana Zuardi Ushinohama; Letícia Passos Affini; Mauro Betti.....	31
É POSSÍVEL REINVENTAR A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E AS PRÁTICAS EDUCATIVAS?	
Narciso Mauricio dos Santos.....	32
ENSINO DE LUTAS NA ESCOLA E SABERES DOCENTES: QUESTÕES E REFLEXÕES Marcos	
Roberto So; Mauro Betti.....	32
ESPORTE E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: ATÉ QUANDO TEREMOS “MAIS DO MESMO”?	
Juliana Gomes Jardim; Mauro Betti.....	33
PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA: O PROFESSOR DE EF COMO MEDIADOR DE CONFLITOS AFETIVO-EMOCIONAIS NA AULA	
Irineu Aliprando Tuim Viotto Filho; Ismael Forte Freitas Filho; Bárbara de Moura Mello Antunes; Bruno Affonso P. Oliveira; Driele Pereira da Silva; Fernando Botelho Morato; Gabriella Mathias; Jefferson Arakaki; Loreana Sanches Silveira; Paula Alves Monteiro; Raoni Bernardes Malta; Suziane Ungari Cayres.....	34
O PROFESSOR ATENTO PARA SI E ATENTO AO OUTRO: UMA PERSPECTIVA SEMIÓTICA PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.	
Bruna Eliza Paiva; Mauro Betti.....	34
O VOLEIBOL NA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA À LUZ DAS DIRETRIZES CURRICULARES EM VIGOR: A PERSPECTIVA DOCENTE	
Rafael Quezada Almeida; Lílian Aparecida Ferreira.....	35
REDIMENSIONANDO A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR : UMA PROPOSTA DE PROGRAMA TEMÁTICO	
Willer Soares Maffei.....	36
ÁREA: TREINAMENTO ESPORTIVO, EXERCÍCIO FÍSICO E SAÚDE E COMPORTAMENTO MOTOR	
.....	37
ANÁLISE DA FREQUÊNCIA CARDÍACA NA NATAÇÃO COMO MÉTODO NÃO-INVASIVO DE CONTROLE DAS RESPOSTAS FISIOLÓGICAS	
Milton Vieira do Prado Junior; Mariana Santoro Nakagaki; Rafael Oliveira de Antonio; Thiago Sakamoto Contesini; Tatiana Zuardi Ushinohama.....	37
ANÁLISE DA VELOCIDADE CRÍTICA DETERMINADA EM DIFERENTES ESTILOS DE NADO COMPETITIVO	
Rafael Oliveira de Antonio; Tatiana Zuardi Ushinohama; Mariana Santoro Nakagaki; Julio Wilson dos-Santos; Milton Vieira do Prado Junior.....	37

ANÁLISE LONGITUDINAL DE PARÂMETROS BIOMECÂNICOS DO NADO EM COMPETIÇÃO	
Mariana Santoro Nakagaki; Tatiana Zuardi Ushinohama; Rafael Oliveira de Antonio; Milton Vieira do Prado Junior.....	38
APTIDÃO FÍSICA RELACIONADA À SAÚDE DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS PRATICANTES DE NATAÇÃO	
Camila Bissaro; Cassiano Merussi Neiva.....	39
BURNOUT E ENFRENTAMENTO EM JOGADORES DE FUTEBOL DURANTE A FASE DE PREPARAÇÃO COMPETITIVA	
Carlos Eduardo Lopes Verardi; Ana Paula da Silva Lobo; Maria Cristina de O. S. Miyazaki.....	39
CRENÇA DE AUTO-EFICÁCIA, FONTES DE CONSTRUÇÃO E SUAS CORRELAÇÕES PARA A PRÁTICA REGULAR DE ATIVIDADE FÍSICA	
Mariana Bennaton de Barros; Roberto Tadeu Iochite.....	40
FORÇA DE PREENSÃO MANUAL EM ADOLESCENTES	
Luana Farias de Oliveira; Sandra Lia do Amaral.....	41
IMPACTO DE DIFERENTES ESQUEMAS TERAPÊUTICOS NO GASTO COM O TRATAMENTO DO DIABETES MELLITUS TIPO 2	
Jamile S. Codogno; Rômulo A. Fernandes; Clara Suemi Da Costa Rosa; Denise Rodrigues Bueno; Henrique L. Monteiro.....	41
PERFIL DO USO DE RECURSOS ERGOGÊNICOS ENTRE PRATICANTES DE EXERCÍCIOS RESISTIVOS	
Daniel Fernandes Viveiros; Dalton Müller Pessoa Filho.....	42
RELAÇÃO ENTRE ATIVIDADE FÍSICA ANTROPOMETRIA, IDADE E PRESSÃO ARTERIAL DE HIPERTENSOS.	
Denise Rodrigues Bueno, Jamile Sanches Codogno, Clara Suemi da Costa Rosa, Henrique Luiz Monteiro.....	42
RESUMOS DOS TRABALHOS - PÔSTER	44
A “LEITURA DO JOGO” NO HANDEBOL: REFLEXÕES PRELIMINARES	
Igor Malinosqui Rinaldi; Juliana Gomes Jardim; Lílian Aparecida Ferreira.....	44
A ALIENAÇÃO NOS JOGOS DE PAPÉIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DISCUTINDO E ATUANDO NUMA PERSPECTIVA HUMANIZADORA	
Rodrigo Lima Nunes; Irineu Aliprando Tuim Viotto Filho.....	44
A CULTURA DAS VESTIMENTAS DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
Thiago Frederico da Silva Zani; José Murilo Castellani; e Luciene Ferreira da Silva.....	45
A FALTA DE DIVERSIFICAÇÃO DE CONTEÚDOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA: CAUSAS E POSSIBILIDADES	
Rafael Sales Lima; Douglas dos Santos Pierazo Valadares; Lucas Torres Basque; Arthur Bertaglia de Souza.....	45

A GINÁSTICA ARTÍSTICA NA ESCOLA	
Douglas de Almeida Cipriano; Virgínia Mara Próspero da Cunha	46
A IMAGEM E A PRÁTICA ESPORTIVA	
Cleusa Medina Custódio Alves; Raquel Custódio Alves.	47
A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA TENTATIVA DE SUPERAR A “VIOÊNCIA” NO COTIDIANO ESCOLAR	
Felipe Gustavo Barros Nunes; Irineu Aliprando Tuim Viotto Filho.	47
A INFLUÊNCIA DA NECESSIDADE DE AUTO - REALIZAÇÃO DO ADULTO NA ESCOLHA DA PRÁTICA ESPORTIVA DA CRIANÇA	
Giovanni Plácido Palhaci; Maria do Carmo Jampaulo Plácido Palhaci.	48
AS ATIVIDADES LÚDICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM UMA CRECHE DE BAURU - SP	
Maria Márcia da Silva; Vanessa Bentes de Miranda.	48
ALTERAÇÕES DA MECÂNICA E DA VELOCIDADE MÁXIMA DO CRAWL APÓS 4-SEMANAS DE TREINAMENTO DE FORÇA ESPECÍFICO	
Douglas S. P. Valadares; Thiago F. S. Zani; José Murilo Castellani; Camila Bissaro; e Dalton M. Pessoa Filho.	49
ANÁLISE DO ESTADO DE SAÚDE DE ADULTOS A PARTIR DO ÍNDICE DE MASSA CORPORAL E DA RELAÇÃO CINTURA-QUADRIL	
Vinicius de Lima Freitas ¹ ; Cassiano Merussi Neiva ² ; Carlos Eduardo Lopes Verardi ³ ; Cláudio Luiz Neves Júnior ⁴	50
AULAS MISTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: VALORES E INTENÇÕES DOS FUTUROS PROFESSORES	
Juliana Gomes Jardim; Lílian Aparecida Ferreira.	50
BASQUETEBOL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM ESTUDO SOBRE A REALIDADE DA PRÁTICA NA CIDADE DE BAURU-SP	
Lucas Torres Basque; Luciene Ferreira da Silva.	51
BRINCADEIRAS INFANTIS DE ESCOLARES DO PRIMEIRO CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE BAURU	
Débora Pignataro Fumes, Luciene Ferreira da Silva.	52
COMPARAÇÃO DAS CAPACIDADES MOTORAS DE JOGADORES DE FUTSAL DO CAMPEONATO PAULISTA DAS SERIES OURO E PRATA	
Carlos Rogério Thiengo; Flávio Ismael da Silva Oliveira; Júlio Wilson dos Santos; Higor dos Santos Morceli; Júlio César Porfirio Vicente; Elton Carvalho da Silva; Everton Carvalho da Silva; Laurindo de Menezes; Guilherme Augusto Talamoni; Cléber Carlos Evangelista	52
COMPORTAMENTO DA PRESSÃO ARTERIAL EM DUAS MODALIDADES DO TREINAMENTO RESISTIDO	
Luana Urbano Pagan; Francisco Gouvêa Jr.	53
DANÇA: UMA OPÇÃO DE LAZER-EDUCAÇÃO PARA CRIANÇAS SOCILMENTE DESFAVORECIDAS	
Marcela Gomez Alves da Silva; Luciene Ferreira da Silva.	54

DÉFICIT DE FORÇA DE PÓS-PÚBERES EM EXERCÍCIOS GLOBAIS PARA O MEMBRO SUPERIOR ANTES E APÓS TREINAMENTO RESISTIDO	
José Adolfo Mariani Neto e Dalton Müller Pessoa Filho.	54
DIFERENÇAS E DEFICIÊNCIAS NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA: SEGUNDO CRIANÇAS SEM DEFICIÊNCIAS	
Andréia de Carvalho Lopes; Marli Nabeiro, Maria Regina Cavalcante.	55
É BRINCANDO QUE SE APRENDE	
Jessica Osmondes Travassos.	56
EDUCAÇÃO FÍSICA E A ANÁLISE E DESCRIÇÃO DE CARGOS	
Guilherme Becker Tagliarini; Fernanda Maria de Oliveira Meirelles.	56
EDUCAÇÃO PELO ESPORTE E A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA: O CASO DO PROJETO ESPORTE JOVEM SESCSP-SANTO ANDRÉ	
Douglas dos Santos Rosário Matos.	57
EDUCAÇÃO PSICOMOTORA: UMA FERRAMENTA PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	
Irineu A. Tuim Viotto Filho; Rafael César Ferrari; Edelvira de Castro Q. Mastroianni.	57
EFEITO DE CINCO SEMANAS DE TREINAMENTO PERIODIZADO EM ATLETAS PROFISSIONAIS DE HOCKEY IN LINE	
Gustavo Barquilha; Vinicius Coneglian Santos; Paulo Henrique Silva Marques de Azevedo; Nivaldo ribeiro; Tania Cristina Pithon Curi; Elaine Hatanaka; Sandro Massao Hirabara.	58
ESCOLA NOVA NO BRASIL: UMA REFLEXÃO SOBRE A INFLUÊNCIA DO IDEÁRIO ESCOLANOVISTA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	
Misael Hipólito Ribeiro.	59
EXERCÍCIO FÍSICO COMO COADJUVANTE NO CONTROLE PRESSÓRICO DE INDIVÍDUOS HIPERTENSOS	
Priscila Moulabb; Haliny Miqueleto Casado; Luiza Viola Romani; Thalita Berdú Llevadot e Sandra Lia do Amaral.	59
EXPRESSÃO E CONSCIÊNCIA CORPORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Fernanda Montebugnoli Boniotti; Ana Flora Zanirato Zonta.	60
ÍNDICES CORPORAIS COMO INDICATIVOS DE HIPERTENSÃO ARTERIAL EM PRÉ-ADOLESCENTES E ADOLESCENTES OBESOS	
Loreana S. Silveira; Karolynne N. Bastos; Driele Pereira da Silva; Paula Alves Monteiro; Ismael F. F. Júnior.	61
INTERVENÇÃO PSICOMOTORA EM CRIANÇAS COM DISLEXIA	
Rafael César Ferrari; Ninfa de Lima B. Beneti; Edelvira C. Q. Mastroianni; Irineu A. Tuim Viotto Filho.	61
LACTACIDEMIA E DESEMPENHO EM TESTE PROGRESSIVO ENTRE INDIVÍDUOS TREINADOS COM PESOS E AEROBIAMENTE	
Vinicius Souza Napolitano e Dalton Muller Pessoa Filho.	62

MÚSICA E EDUCAÇÃO FÍSICA INTEGRADAS AO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO NA ESCOLA	
Thiago Henrique de Carvalho; Irineu Aliprando Tuim Viotto Filho.....	63
NÍVEIS DE OBESIDADE INFANTIL DE ALUNOS DE ESCOLAS DA REDE PÚBLICA URBANA E RURAL	
Julio Wilson dos-Santos; Adriana Nascimento de Souza; Alessandra Neves Roque; Ana Lúcia Porfírio; Claudio Tarso de Jesus Santos Nascimento.	63
O DESINTERESSE E A INDISCIPLINA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO SEXTO AO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Nicole Chiba Galvão; Daiane Pessoa Berto; Iani Fassa dos Santos; Jéssica dos Santos; Luciene Ferreira da Silva.	64
O DUPLO PRODUTO OBTIDO EM DUAS MODALIDADES DO TREINAMENTO RESISTIDO	
Francisco Gouvêa Jr; Luana Urbano Pagan.	65
O OLHAR DE FORMANDOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO	
Rogério Zaim-de-Melo; Íris Costa Soares; Carlos Eduardo Vilela Gaudioso.	65
ORIENTAÇÃO MOTIVACIONAL NA MODALIDADE DO BASQUETEBOL: UM ESTUDO PILOTO	
Vinicius Barroso Hirota; Carlos Eduardo Lopes Verardi; Ana Paula da Silva Lobo; Ademir De Marco.	66
OS BRINQUEDOS NO PROCESSO EDUCACIONAL DE CRIANÇAS DOS PRIMEIROS E SEGUNDOS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Bárbara Pignataro Fumes, Luciene Ferreira da Silva.....	66
OS JOGOS E AS BRINCADEIRAS DE CRIANÇAS DE UMA ESCOLA RURAL: UM ESTUDO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE PONTA PORÃ, MS	
Íris Costa Soares; Rogério Zaim-de-Melo; Carlos Eduardo Vilela Gaudioso; Carlos Alberto Mundier Junior; Ana Paula da Cunha Arguelho.....	67
PERFIL DA COMPOSIÇÃO CORPORAL DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS PRATICANTES DE NATAÇÃO	
Camila Bissaro; Cassiano Merussi Neiva.	68
PERFIL DO ESTILO DE VIDA DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE DE UMA UNIDADE DE SAÚDE DA FAMÍLIA DO INTERIOR DE SP	
Kelen Cristina Paccola Larini; Giovana Budart; Tiago Rocha Pinto.	68
PERFIL MOTOR DE CRIANÇAS QUE A PRESENTAM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM	
Maiara P. Assumpção; Rafael César Ferrari; Edelvira C. Q. Mastroianni; Irineu A. Tuim Viotto Filho.....	69
PLANEJAMENTO, ORGANIZAÇÃO E OBJETIVOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	
Mariana Vidal Syllos; Fernanda M Boniotti, Maria Stela F Castro; Augusto F Figueiredo; Lívia C. P. Gomes; Luciana S. P. Ramos.	69
POLÍTICAS PÚBLICAS DE LAZER, ESPORTE E EDUCAÇÃO	
Luciene Ferreira da Silva; Flavio Barone Bitelli.....	70

**PRÁTICA DE EXERCÍCIOS FÍSICOS DE PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO DE SACRAMENTO –
MG**

Cláudio Luiz Neves Júnior; Fernando Oliveira Martins; Vinicius de Lima Freitas. 71

**PROBLEMAS DE GESTÃO DE MATERIAIS PEDAGÓGICOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA
DETECTADOS ATRAVÉS DO ESTÁGIO CURRICULAR**

Thalita Berdú Llevadot; Rafael Quezada Almeida; Luciene Ferreira da Silva. 71

**RAZÃO DE CHANCE DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES OBESOS EM DESENVOLVER DOENÇAS
CRÔNICAS NÃO TRANSMISSÍVEIS**Bárbara de Moura Mello Antunes; Camila Buonani; Paula Alves Monteiro; Driele Pereira da
Silva; Loreana Sanches Silveira; Ismael Forte Freitas Júnior. 72**SENSIBILIDADE DO TESTE AERÓBIO DE VAI-E-VEM DE FUTSAL**Ruth Luzia Baraviera; Julio Wilson dos-Santos; Olga de Castro Mendes; Edson Valter Lopez;
Ruth Luzia Baraviera; Ricardo Sant'anna; Marcelo Papoti. 73**TREINAMENTO RESISTIDO ESPECÍFICO PARA A FORÇA MÁXIMA E O DESEMPENHO EM
EXERCÍCIOS GLOBAIS PARA O MEMBRO SUPERIOR**

Filipe Mariano de Moura; Dalton Müller Pessoa Filho. 73

RESUMO DAS PALESTRAS

O DESPORTO E O GESTOR DESPORTIVO DO SÉCULO XXI

Prof. Dr. José Pedro Sarmento

(Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Portugal)

O Desporto Moderno sempre foi visto como um meio de aglutinação e consolidação social, através da prática desportiva organizada. Desenvolvendo-se assim os conceitos básicos da vida em comunidade, como o respeito pelas regras, o trabalho em equipa, o voluntariado, a superação, o apoio aos menos favorecidos, a luta por níveis de vida mais evoluídos e por uma saúde pública cada vez mais efectiva.

Enquanto cidadãos, os desportistas em qualquer sociedade são obrigados a assumir, cada um no seu nível de intervenção, responsabilidades de gestão e organização do desporto, quer seja na base do sistema desportivo que é o clube, ou em todos os outros patamares da pirâmide desportiva internacional.

O grau de dificuldade e a exigência das tarefas de gestão das organizações desportivas não está directamente ligada com o patamar em que se desenrola, por vezes é exactamente nos degraus mais baixos que as tarefas, embora menos valorizadas, se tornam mais espinhosas e difíceis. Tradicionalmente o percurso do dirigente desportivo é marcado por um lento caminhar através de todo o sistema desportivo começando por levar as botas, as balizas e as bolas até aos mais altos cargos nos organismos e Movimento Olímpico internacionais.

A título pessoal percorri todos os níveis do associativismo desportivo do meu país desde dos anos sessenta do século passado, vivi todas as dificuldades pelo que o desporto passou durante o Estado Novo, sem condições físicas e materiais, mas envolvido pela militância de quem queria e acreditava que ia mudar o mundo. Pratiquei mais de uma dezena de modalidades desportivas, trabalhei gratuitamente em mais de meia dúzia clubes, treinando e gerindo, participei no labor organizativo de várias associações regionais e federações nacionais, fiz parte de organizações desportivas europeias e mundiais. Conheci o mundo, as pessoas e tornei-me, como muitos outros, no que sou hoje, por via do que o desporto me facultou e o que a partir dele fui capaz de criar.

Perante toda uma vida dedicada ao desporto decidi aceitar o convite para assumir uma federação desportiva em 2004, encontro-me neste momento no início do segundo mandato e posso afirmar sem qualquer dúvida de incorrer em alguma imprecisão, que esta corresponde à tarefa mais difícil com que até hoje me confrontei.

O motivo principal desta dificuldade centra-se na gestão constante de um quadro muito vasto de limitações de todo o tipo, mas onde acabam sempre por prevalecer as materiais e as humanas, sendo que estas são as mais difíceis de superar. Todas as decisões neste contexto desportivo estão inseridas em múltiplas teias de afectos que toldam a aceitação de qualquer tipo de iniciativa ou tomada de decisão.

Ser-se desportista não pode reduzir-se à mera prática de uma modalidade desportiva. Gostar e aceitar o desporto como uma fonte de desenvolvimento social obriga a que se assumam os papéis de dirigente das organizações desportivas. É provavelmente nesta acções de coordenação e gestão que se percebe quanto se aprendeu com a prática das nossas modalidades queridas. Por isso, quem verdadeiramente se assume como desportista não tem por onde fugir à aceitação de responsabilidades nos clubes, nas associações regionais e nas federações nacionais ou internacionais.

O aparecimento e criação de cursos de gestão desportiva veio facilitar a vida de todos aqueles que escolheram o desporto como área profissional, pois com níveis de formação e preparação

mais elevados vai ser mais fácil superar todo o quadro de constrangimentos que caracterizam a gestão das organizações no século XXI

EXERCÍCIO RESISTIDO E HIPERTENSÃO ARTERIAL

Profa. Dra. Cláudia Lúcia de Moraes Forjaz
(Universidade de São Paulo - USP)

A Hipertensão arterial caracteriza-se pela elevação e manutenção de níveis elevados de pressão arterial (≥ 140 e/ou ≥ 90 mmHg para as pressões arteriais sistólica e diastólica, respectivamente). Trata-se de uma doença de alta prevalência, cujas cifras no Brasil variam de 22 a 44% da população. A manutenção da pressão arterial aumentada promove, em longo prazo, a lesão de diferentes órgãos, destacando-se o aumento dos problemas cardiovasculares. De fato, a hipertensão arterial é considerada um dos principais fatores de risco para o desenvolvimento da doença arterial coronariana e do acidente vascular encefálico, que são as principais causas de morte em nosso país(1).

O tratamento da hipertensão arterial compreende medidas medicamentosas e não medicamentosas. Das últimas, destaca-se a realização regular de atividades físicas(1). De fato, diversos estudos têm demonstrado que a prática regular de exercícios físicos, principalmente os vigorosos, diminui a chance do desenvolvimento da hipertensão, sendo uma ferramenta útil na prevenção do aparecimento desta doença(2). Além disso, nos indivíduos já acometidos pela hipertensão arterial, a prática regular de exercícios aeróbicos de intensidade leve a moderada comprovadamente reduz os níveis de pressão arterial(3). Desta forma, as diretrizes nacionais e internacionais de tratamento da hipertensão colocam o treinamento aeróbico como uma conduta necessária em todos os pacientes(1, 4-6).

Mais recentemente, outro tipo de treinamento, o resistido (também chamado de musculação ou contra resistência, entre outros) tem ganhado importância na área de saúde, devido a seus comprovados benefícios sobre o sistema musculoesquelético(7, 8). Além disso, estudos recentes(9) têm demonstrado que este tipo de treinamento pode agir favoravelmente no controle de alguns fatores de risco, principalmente a obesidade e resistência à insulina. Entretanto, os efeitos do treinamento resistido sobre a pressão arterial ainda não foi suficientemente estudado e apresenta resultados controversos.

Neste sentido, ao se discutir os efeitos de qualquer tipo de conduta terapêutica sobre pacientes portadores de uma determinada doença, torna-se importante avaliar os riscos e benefícios daquela conduta. Desta forma, considerando-se o treinamento resistido e a hipertensão arterial, o risco se relaciona à possibilidade deste tipo de exercício promover um pico excessivo de pressão arterial durante sua execução. Este fato pode representar um risco, pois a ocorrência de um pico de pressão arterial é um importante fator de risco para o rompimento de aneurismas pré-existentes(10), levando a conseqüências danosas como o acidente vascular encefálico, ou mesmo a morte. Isto é importante no caso dos hipertensos, pois eles têm mais chances de ter aneurismas(11). Por outro lado, os benefícios do exercício resistido na hipertensão arterial residem na possibilidade deste exercício diminuir a pressão arterial após cada sessão de treinamento (efeito agudo) ou em resposta a um período de treinamento (efeito crônico). Somente a ponderação destes riscos e benefícios, bem como a análise de fatores que podem minimizar os riscos e maximizar os benefícios, é que permite elaborar um programa de treinamento adequado a esta população. Desta forma, torna-se fundamental que o profissional da área de atividade física, que pretende atuar com indivíduos hipertensos, conheça profundamente estes aspectos. Uma revisão mais extensa sobre o assunto pode ser obtida no livro do Prof. Negrão(12).

Considerando-se os riscos do exercício resistido, sabe-se que este tipo de exercício promove um aumento expressivo e rápido na pressão arterial durante sua realização. Um trabalho clássico da área(13) mostra que halterofilistas normotensos chegam a atingir durante a execução de uma série do exercício de "leg-press" que dura aproximadamente 30 a 40 segundos, valores de pressão arterial sistólica/diastólica na ordem de 320/250 mmHg, o que

representa um pico de pressão arterial muito elevado. No entanto vários fatores podem influenciar este aumento da pressão arterial. Assim, o incremento é maior quando o exercício envolve um grupo muscular maior(14), quando a intensidade é mais alta(14), quando a série é conduzida até a fadiga(15) e quando as pausas entre as séries são muito curtas(16). Além disso, o aumento da pressão arterial nos indivíduos hipertensos é maior que nos indivíduos normotensos(16), mas este aumento pode ser abrandado quando o paciente faz uso de alguns medicamentos anti-hipertensivos, como o atenolol(17). Desta forma, para que o exercício resistido seja conduzido no indivíduo hipertenso com maior segurança, é interessante que este indivíduo esteja medicado e controlado; e que o exercício seja realizado com uma massa muscular pequena, baixa intensidade e sem atingir a exaustão e que se múltiplas séries forem empregadas, o intervalo entre elas deve ser longo.

Avaliando-se os possíveis benefícios do exercício, tem sido observado que uma única sessão de exercícios resistidos pode promover redução da pressão arterial após sua finalização(18-20). Este efeito, chamado de hipotensão pós-exercício, é principalmente evidenciado após uma sessão de exercícios de baixa intensidade(20). Além disso, em hipertensos, este efeito hipotensor perdurou por até 10 horas pós-exercício em pacientes que estavam em uso de medicação anti-hipertensiva, captopril(18). Dessa forma, o treinamento resistido pode ter um efeito hipotensor agudo pós-exercício, entretanto o número de estudos sobre este assunto ainda é escasso e o efeito do uso de outros medicamentos anti-hipertensivos ainda precisa ser verificado.

Considerando-se os benefícios em longo prazo, meta-análises sobre o assunto têm demonstrado que na população geral(21), o treinamento resistido pode reduzir a pressão arterial. Porém, numa meta-análise recente(22), realizada numa dissertação de mestrado da Universidade Estadual de Londrina, os estudos envolvendo normotensos e hipertensos foram separados e o efeito hipotensor foi observado apenas nos normotensos. Cabe ressaltar, no entanto, que apenas 2 estudos foram realizados com o treinamento resistido em indivíduos hipertensos sem outras comorbidades(23, 24). Destes, apenas um (24) demonstrou um pequeno efeito hipotensor diastólico, que foi perdido quando os dados do grupo treinado foram corrigidos pelos do grupo controle. Desta forma, não há hoje evidências científicas de que o treinamento resistido possa auxiliar na redução da pressão arterial de indivíduos hipertensos, embora mais estudos sejam essenciais nesta área.

Diante das observações anteriores, é possível concluir que o exercício resistido pode representar riscos ao paciente hipertenso por aumentar demasiadamente a pressão arterial durante sua execução. Para minimizar este risco, os pacientes devem estar devidamente medicados e controlados, e o protocolo de treinamento deve ser escolhido em função de reduzir a sobrecarga de pressão arterial. Em relação aos benefícios sobre a pressão arterial, as evidências científicas ainda são muito escassas para que afirmações precisas possam ser feitas, mas os dados existentes sugerem apenas um efeito hipotensor agudo pós-exercício, sem efeito crônico relevante. Entretanto, os demais benefícios à saúde evidenciados com este tipo de treinamento - melhoras musculoesqueléticas, auxílio na redução de gordura corporal, melhora na sensibilidade à insulina, entre outros - justificam a recomendação de sua inclusão no programa de treinamento dos hipertensos. Desta forma, as diretrizes nacionais e internacionais de tratamento da hipertensão arterial(1, 5, 6) recomendam que o treinamento resistido seja realizado em complemento ao aeróbico em indivíduos hipertensos, porém sendo programado com pequena massa muscular, baixa intensidade e interrompendo-se a série quando a velocidade de movimento diminuir (antes da fadiga concêntrica). Além disso, pausas longas devem ser consideradas entre as séries e os exercícios.

Prof. Dr. Marcos Polito
(Universidade Estadual de Londrina – UEL)

O palestrante não enviou resumo

DINÂMICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Profa. Ms. Luciana Venâncio
Prof. Ms. Luiz Sanches Neto
(Universidade Guarulhos - UnG)

O curso tratará do planejamento anual de aulas de Educação Física a partir de quatro blocos temáticos de conteúdos. Após a fundamentação teórica, será organizada e discutida a sistematização dos conteúdos (1ª atividade, que envolve o plano anual de ensino). A seguir, serão exemplificadas oito estratégias previamente vivenciadas pelo grupo de professores-pesquisadores. Os objetivos serão discutidos na seqüência, explicitando as teorias que fundamentam a proposta cotidiana de trabalho. Por fim, os critérios de avaliação serão apresentados e exemplificados com alguns registros das aulas dos professores do grupo (2ª atividade, que envolve o planejamento de uma situação de aprendizagem com aulas temáticas). Proporcionar aos participantes organizados em quatro grupos a vivência em quatro oficinas temáticas como forma de exemplificar as possibilidades da Sistematização de Conteúdos e análise e discussão a respeito da coerência entre os princípios curriculares.

TREINAMENTO FUNCIONAL

Prof. Ms. Eduardo de Souza Laureno

O palestrante não enviou resumo

MARKETING DESPORTIVO

Prof. Ms. Eduardo de Souza Laureno

O palestrante não enviou resumo

LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA: RELAÇÕES E DESAFIOS

Prof. Dr. Edmur Antonio Stoppa
(Universidade de São Paulo – USP)

Análise das relações entre a Educação Física, entendida em sentido amplo, ou seja, desenvolvida fora da escola, e o lazer, com ênfase nas atividades físico-esportivas, consideradas como conteúdos culturais do lazer e desenvolvidas a partir de uma atuação multidisciplinar, em equipes com capacidade técnica, exercício de reflexão constante e compromisso político. Para tanto, destaca-se a relevância das temáticas da formação e desenvolvimento de quadros para atuação na perspectiva da animação sociocultural, a partir do estabelecimento de políticas de intervenção, quer seja em relação à especificidade dos conteúdos físico-esportivos, quer seja em relação ao planejamento e gerenciamento das ações, entendendo esse profissional não como mercador, mas como um mediador, um educador, que visualiza o lazer e as atividades físico-esportivas, como um direito a ser assegurado a todos, contribuindo para o descanso, o divertimento e o desenvolvimento pessoal e social, na promoção da inclusão e da cidadania.

INFORMAÇÃO VISUAL E CONTROLE POSTURAL

Prof. Dr. José Angelo Barela
(Universidade Cruzeiro do Sul - UNICSUL)

Informação visual constitui uma importante fonte de informação sensorial utilizada para o controle postural. Por exemplo, na posição em pé a magnitude das oscilações corporais mais que duplica na ausência da visão (olhos fechados) em comparação quando a visão está disponível (olhos abertos). A influência da informação visual no controle postural não está restrita à diminuição da oscilação corporal. Na verdade, informação visual pode também induzir oscilação corporal. Lishman e Lee (1973) perturbaram a manutenção da posição em pé, movendo as paredes e o teto de uma sala especial independentemente do chão ("sala móvel"). O deslocamento da sala provoca mudança da imagem na retina e uma ilusão de oscilação do corpo na direção oposta ao movimento da sala. Como consequência desta ilusão perceptiva, oscilações corporais ocorrem na direção que a sala é movimentada. Se a sala é movimentada continuamente para frente e para trás, oscilações corporais correspondentes são observadas. Schöner (1991) propôs um modelo teórico com o objetivo de entender o relacionamento entre informação visual e ação motora verificada nas situações da sala móvel. O aspecto central deste modelo é que informação visual, proveniente dos movimentos das paredes da sala, altera a dinâmica de funcionamento do sistema de controle postural. Mais ainda, o acoplamento entre a informação sensorial e a ação motora pode ser verificado a partir da estabilidade do relacionamento entre eles. Tendo como referencial este modelo teórico, o uso da informação visual em bebês, crianças, adultos e idosos tem sido examinado. De forma geral, os resultados indicaram que mesmos bebês de seis meses de idade já apresentam um acoplamento entre informação visual e oscilação corporal bem desenvolvido. Por outro lado a variabilidade observada neste acoplamento persiste, em algumas situações, até por volta dos 12 anos de idade. Neste caso, crianças parecem não conseguir organizar as ações motoras selecionando a informação sensorial mais relevante para a tarefa. Idosos, por outro lado, acoplam ao estímulo sensorial de forma similar à observada em adultos. Entretanto, idosos são mais suscetíveis à manipulações inesperadas da informação visual.

Prof. Dr. Marcos Duarte
(Universidade de São Paulo – USP)

Desde que os humanos adotaram a postura ereta, eles têm sido desafiados a equilibrar o corpo sobre uma área de suporte relativamente pequena. Este desafio é aparente na oscilação corporal que está sempre presente, até mesmo quando tentamos nos manter o mais estático possível, e aumenta dramaticamente sob certas condições patológicas. Ainda estamos longe de compreender completamente como exatamente controlamos nossa postura em pé, parada, e ainda muitas outras questões aguardam serem satisfatoriamente respondidas. Controlamos nossa postura baseados apenas em um mecanismo de feedback ou nós também usamos um mecanismo de feedforward? A meta de controle é somente restaurar nossa postura para uma posição de referência fixa ou para uma posição de referência em movimento ou, ainda, empregamos um comportamento exploratório quando estamos em pé parados? Qual o papel de elementos músculo- esqueléticos passivos em comparação ao controle ativo para estabilizar nossa postura? O que exatamente os deslocamentos do centro de pressão e o centro de gravidade podem nos dizer sobre o controle postural? O que estes dois sinais representam e como podem ser analisados? Todas estas questões têm sido intensamente investigadas e diferentes hipóteses têm sido propostas para respondê-las. Nesta fala apresentarei algumas dessas hipóteses e farei uma síntese do estado atual do conhecimento sobre esta tarefa complexa.

PRIMEIROS SOCORROS

Prof. Ms. MIGUEL ÂNGELO MINOZZI

(Faculdade Anhanguera - Capitão do Corpo de Bombeiros da PMESP)

OBJETIVOS: Informar e capacitar os participantes a realizarem as técnicas de suporte básico de vida, prestando um adequado atendimento às vítimas, com materiais e equipamentos existentes para esse fim.

CONTEÚDOS:

1. Corrente da sobrevivência
2. Avaliação de vítimas - ABCDE
3. Obstrução respiratória – manobras de desobstrução
4. RCP (Reanimação Cárdio-Pulmonar)
5. Ferimentos e curativos – uso da bandagem triangular
6. Traumatismos e imobilizações (membros superior e inferior, pelve e coluna cervical) – aplicação de talas
7. Manipulação e transporte – rolamentos 90° e 180° - colocação em prancha longa

OBSERVAÇÕES:

Curso teórico e prático.

No primeiro dia será abordado todo o conteúdo teórico, de maneira a informar os participantes sobre os procedimentos a serem adotados nas situações apresentadas.

No segundo dia, os participantes serão divididos em quatro grupos, realizando ações práticas nas estações, orientados pelos instrutores. Todos passarão por todas as estações práticas.

GINÁSTICA LABORAL

Prof. Ms. Ricardo Alves Mendes
(Universidade Federal do Paraná – UFPR)
O palestrante não enviou resumo

PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL: DESAFIOS DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA DIFERENCIADA

Profa. Dra. Sônia Bertoni

(Universidade Federal de Uberlândia – UFU)

A palestra **Psicomotricidade Relacional: desafios de uma prática pedagógica diferenciada** trata, num primeiro momento, de apresentar alguns elementos básicos para a compreensão do tema Psicomotricidade como: a origem, as bases epistêmicas, as concepções históricas, os conceitos, as vertentes, as diferenças básicas entre Psicomotricidade funcional e relacional. Posteriormente, visa apresentar os elementos constituintes da Psicomotricidade relacional, buscando refletir sobre os desafios de uma prática pedagógica diferenciada.

RESUMOS TRABALHOS - ORAL**ÁREA: CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO FÍSICA, EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA****A COMPETIÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOB A PERSPECTIVA DOS ALUNOS COMPETITIVOS.**

José Murilo Castellani; Lílian Aparecida Ferreira.

O presente estudo problematizou a temática competição e suas influências na Educação Física Escolar. Assim, o objetivo desta investigação se centrou na compreensão que os alunos, que gostam de competir nas aulas de Educação Física, manifestam sobre a competição. Ao refletirmos sobre o processo educativo precisamos compreendê-lo no seu todo, ou seja, buscando entender não só os que são excluídos das aulas de Educação Física como aqueles que querem participar e competir todo tempo nas aulas. Inicialmente, foi elaborado um questionário com a seguinte pergunta: Você gosta de competir durante as aulas de Educação Física? Sim() Não(.). Tal questionário foi aplicado aos alunos de 5ª à 8ª série, totalizando 152 estudantes, de uma escola pública estadual da cidade de Bauru/SP. Posteriormente, ocorreu a análise das respostas para averiguar qual a sala manifestava mais interesse pela competição. As respostas obtidas foram: 5ª. A (17 alunos), 5ªD (17 alunos), 6ªB (26 alunos), 6ªC (22 alunos), 7ªE (14 alunos), 8ªB (4 alunos) e 8ªE (5 alunos). De acordo com os resultados a turma que explicitou gostar mais de competir foi a 6ªB, por isso tal turma foi selecionada para compor o grupo alvo da pesquisa. Feita a seleção da turma, os 26 alunos (14 meninos e 12 meninas) da 6ª. B responderam a questão: Por qual motivo gostavam de competir? Destacando-se os seguintes motivos: “zuar com os perdedores”, “porque é saudável”, “porque é legal”, “para se sentir um vencedor” e “não soube explicar”. A maioria das respostas indica uma valorização da competição como algo positivo, o que já vem sendo sinalizado por acadêmicos que pesquisam o tema, contudo uma das respostas explicita um desrespeito ao outro, evidenciando o caráter negativo da competição. Isso revela o seu caráter duplo e requer cuidado da parte do professor de Educação Física para desenvolvê-la em suas aulas, demandando esforços pedagógicos com vistas a contribuir para a formação humana.

Faculdade de Ciências – Departamento de Educação Física – UNESP/Bauru
murilocastellani@uol.com.br**A FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA NA REVISTA DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ATIVIDADE MOTORA ADAPTADA.**

Cláudio Silvério da Silva; Samuel de Souza Neto; Alexandre Janotta Drigo.

Este trabalho teve como objetivo analisar a produção textual sobre a formação e atuação profissional em Educação Física (EF) na Revista da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada, período de 1996 a 2007. Utilizou-se como metodologia o Repertório Analítico de Caspard-Karydis (1981), tendo como categorias de análise dois eixos temáticos: a disciplina Educação Física Adaptada no currículo dos cursos de Educação Física e a atuação de

profissionais de Educação Física em atividade motora adaptada. Entre os resultados encontrados (de 67 artigos, distribuídos em 9 seções, publicados em 12 números foram selecionados 4 textos) um artigo de 1996 sobre o processo de estruturação da disciplina Educação Física Adaptada nos cursos de graduação em EF, tendo como referência de indicação o Parecer 215/87; dois artigos internacionais do ano 2000, do contexto norte-americano e europeu, valorizando a inserção, importância e necessidade de uma disciplina específica no currículo de EF, bem como a inclusão de conceitos de atividade motora adaptada nas diversas disciplinas da graduação em EF e um de 2005 analisando a atuação de profissionais de Educação Física em instituições para deficientes após dez anos. Observaram-se nos dados analisados como um apontamento significativo que os profissionais de Educação Física que atuam nestas instituições tiveram disciplina específica na graduação e reconhecem com maior clareza as limitações e as potencialidades das pessoas com deficiência. Embora haja esta constatação também cabe apontar a escassez de artigos que tratam do tema: Formação Profissional em Educação Física na Atividade Motora Adaptada. Como conclusão cabe assinalar a inserção no currículo em Educação Física da atividade motora adaptada, reconhecendo-se a mobilização política da área proporcionada por currículos que inseriram esta disciplina ou similar nos programas de formação e, como limite, a baixíssima produção material sobre a temática em pauta no periódico pesquisado.

¹ Faculdade Anhanguera de Bauru, SP, Brasil; Programa de Pós-graduação em Ciências da Motricidade do IB/UNESP; Núcleo de Estudos e Pesquisas em Formação Profissional no Campo da Educação Física do IB/UNESP, Rio Claro, SP, Brasil.

clausilver@hotmail.com

² Departamento de Educação, Programa de Pós-graduação em Ciências da Motricidade do IB/UNESP, Núcleo de Estudos e Pesquisas em Formação Profissional no Campo da Educação Física, Rio Claro, SP, Brasil.

samuelsn@rc.unesp.br

³ Faculdade de Americana, SP, Brasil; Programa de Pós-graduação em Ciências da Motricidade do IB/UNESP, Núcleo de Estudos e Pesquisas em Formação Profissional no Campo da Educação Física, Rio Claro, SP, Brasil.

alexandredrigo@hotmail.com

ANÁLISE DA GRADE DE PROGRAMAÇÃO DAS EMISSORAS BRASILEIRA DE TELEVISÃO ABERTA EM RELAÇÃO AO CONTEÚDO ESPORTIVO

Tatiana Zuardi Ushinohama; Leticia Passos Affini; Mauro Betti

As Emissoras Brasileira de Televisão Aberta (ETVA), através da grade de programação atual, buscam adaptarem-se as alterações presentes na relação do telespectador com o televisor devido à ampliação da oferta no setor televisivo. E o esporte apresenta-se como um bom assunto a ser veiculado nas emissoras, por ser um discurso autônomo e pertencente à cultura humana. Objetivo. Analisar a grade de programação das emissoras brasileiras de TV aberta em relação ao conteúdo esportivo. Metodologia. A quantidade de programas esportivos na grade semanal da emissora e a audiência definiram quais as ETVA teriam a sua grade de programação analisadas, utilizando como referência o IBOPE. A coleta da programação aconteceu no domingo (14-6-2009), durante 24 horas. O material gravado foi fichado, selecionando-se apenas os programas com elementos esportivo em seu conteúdo, o que determinou: o número de peças audiovisuais esportivas, o tempo que cada emissora dedicou à programação esportiva e a porcentagem de programação esportiva dentro da programação diária. Os programas foram classificados em categorias a partir dos gêneros e formato do

conteúdo esportivo. Resultados. A TV Bandeirantes(Band) e a TV Globo(Globo) foram as emissoras selecionadas, conforme os critérios citados. A Band apresentou 50 peças audiovisuais, totalizando 9hs30min, o que correspondeu a 39,6% da grade de programação. Ressaltamos que 28,12%(6hs45min) da grade de programação da emissora são terceirizadas. A Globo apresentou 38 peças audiovisuais, totalizando 5hs48min, o que correspondeu a 24,81% da grade. A categoria JG concentrou-se apenas na modalidade futebol. Conclusão. As duas ETVA utilizam-se do esporte para oferecer ao telespectador a idéia de diversidade na grade de programas. Porém, o conteúdo dos programas resume-se em especulações e descrições das ações ocorridas no evento, agregados a um juízo de valor emitido por personalidades do esporte, não havendo a participação de um profissional de educação física.

UNESP – FC/FAAC – Bauru
tatianazuardi@globo.com

É POSSÍVEL REINVENTAR A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E AS PRÁTICAS EDUCATIVAS?

Narciso Mauricio dos Santos.

O questionamento deu-se a partir da necessidade em ministrar aulas de Educação Física Escolar considerando a realidade observada: falta de espaço físico, materiais e a resistência dos alunos em detrimento ao modelo esportivista presente na escola. Os objetivos do estudo pautaram-se em reinventar práticas educativas como possibilidade de ir além do cenário encontrado e ter coerência entre o que pensamos fazer e o que realmente realizamos. A pesquisa de campo foi realizada na Escola Estadual Senador Casemiro da Rocha, Ribeirão Pires/SP, com alunos do ensino fundamental 5ª a 8ª séries e apóia-se na LDB 9.394/96, artigo 26 parágrafo 3º, onde afirma que *“a Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica...”* e o item IV do decreto 69.450/71, onde direciona e regulamenta o uso do espaço para atividade física. Sendo assim, perceberam-se algumas incoerências em relação aos documentos, primeiro que *obriga* e segundo que *limita*. O procedimento metodológico utilizado pautou-se em estudo de caso na modalidade qualitativa com base em Yin (2001) que prioriza observação detalhada do contexto. Partindo dessas considerações, pensou-se na reinvenção das práticas de maneira lúdica, divertida e prazerosa, propondo aos alunos a percepção da consciência corporal, descobrindo naturalmente as habilidades e potencialidades, mesmo diante do espaço limitado. Alternativas foram criadas, atividades desenvolvidas e contextualizadas antes das práticas, onde, precisavam entender o propósito das ações e realizá-las dentro do contexto e necessidades. Os resultados foram transcritos pelos alunos na forma de relatos após observações. Concluiu-se que a pesquisa contribuiu na socialização dos pares, revelou a presença feminina, fortaleceu a participação dos excluídos do contexto do esporte, confirmando que o componente curricular transcende os limites da quadra esportiva, desvelando manifestações em detrimento a cultura do movimentar-se.

UMESP – Universidade Metodista de São Paulo/SP - Brasil
Mestrado em Educação – Linha de Formação de Educadores
narcisomauricio@bol.com.br

ENSINO DE LUTAS NA ESCOLA E SABERES DOCENTES: QUESTÕES E REFLEXÕES

Marcos Roberto So; Mauro Betti.

As conquistas obtidas pela Educação Física como área de conhecimento pedagógico parecem estar mais presentes na literatura e no ensino superior do que no cotidiano das escolas de nível fundamental e médio. Nem mesmo o relativo consenso sobre quais seriam seus conteúdos próprios (jogo, esporte, ginástica, atividade rítmica/dança e luta) consolidou-se nos currículos escolares, gerando um indesejável “laissez-faire” nas aulas de Educação Física, pobreza e repetição de conteúdos e estratégias. O que tem ocorrido, então é que apenas professor detém o poder de restringir ou ampliar as manifestações da cultura de movimento do aluno. O conteúdo “lutas”, tem sido vítima dessa situação, e está pouco presente nas aulas. Assim, o objetivo desse trabalho, realizado a partir de uma revisão de literatura sobre o tema, é refletir sobre questões do ensino de lutas nas aulas de Educação Física. Os resultados indicam que a falta de vivência dos professores em modalidades de luta, e a suposta violência intrínseca que caracterizaria este conteúdo (o que tornaria a luta inadequada no ambiente educacional-escolar), são os argumentos mais apresentados como justificativas. No entanto, concluímos que o ensino de lutas não exige que o professor seja treinador ou professor especializado, já que se pretende a apropriação e apreciação das lutas como manifestações da cultura de movimento por parte dos alunos, e não formar atletas/lutadores. É necessário, então, que o professor de Educação Física, em sua formação inicial, “aprenda a ensinar” lutas. Ou seja, no âmbito dos saberes docentes, tão ou mais importante do que conhecimentos específicos das lutas, é o conhecimento pedagógico do conteúdo - formas que o professor utiliza para transformar um conteúdo específico em aprendizagem (analogias, demonstrações, exemplos, sequenciação dos conteúdos etc.) -, o qual se constrói na relação com quem aprende, ou seja, na mediação que faz o professor entre o conhecimento específico e os alunos.

UNESP, Faculdade de Ciências, Departamento de Educação Física
so@fc.unesp.br

ESPORTE E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: ATÉ QUANDO TEREMOS “MAIS DO MESMO”?

Juliana Gomes Jardim; Mauro Betti.

Se considerarmos que o objetivo da Educação Física Escolar é a formação de indivíduos críticos e autônomos para o usufruto e apreciação dos elementos da cultura de movimento, o ensino de esportes deveria, para além do ensino de técnicas e táticas como fins em si mesmas, também preparar o aluno para a compreensão crítica do fenômeno esportivo em sua totalidade. O objetivo desde estudo foi desvelar o que a literatura da área tem proposto para o trabalho com o esporte nas aulas de Educação Física. Foi empreendido um estudo de revisão de literatura, com base em alguns dos principais autores e obras da área, bem como uma análise da Proposta Curricular de Educação Física do Estado de São Paulo (PPC-EF). Constatou-se certo consenso no tocante aos objetivos do ensino de esportes na escola: as aulas devem propiciar a inclusão de todos, não devem pautar-se pelos valores do esporte de alto rendimento, devem favorecer a liberdade de ação e participação autônoma dos alunos e devem possibilitar o entendimento crítico dos componentes sócio-político-culturais que influenciam o fenômeno esportivo. Na PPC-EF, o trabalho com o conteúdo esporte abrange desde o ensino de técnicas, táticas, regras e processo histórico até temas que estabelecem relações com as questões de gênero, doping e uso de anabolizantes, mídias, lazer e trabalho. A despeito disto, não é incomum encontrar, nas escolas, o ensino de esportes atrelado meramente à aprendizagem de gestos técnicos padronizados, ou a situações de “aula livre”. Por oferecer sugestões de atividades, recursos materiais e avaliação, é possível que a PPC-EF facilite a aproximação entre as proposições da literatura e a prática pedagógica. Sugerem-se

estudos que investiguem o impacto da PPC-EF nas escolas, considerando os saberes docentes e a qualidade da aprendizagem dos alunos.

FAPESP (processo número: 2009/00410-9)
Universidade Estadual Paulista/ UNESP Bauru – Faculdade de Ciências
Departamento de Educação Física
julianagjardim@yahoo.com.br

PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA: O PROFESSOR DE EF COMO MEDIADOR DE CONFLITOS AFETIVO-EMOCIONAIS NA AULA.

Irineu Aliprando Tuim Viotto Filho; Ismael Forte Freitas Filho; Bárbara de Moura Mello Antunes; Bruno Affonso P. Oliveira; Driele Pereira da Silva; Fernando Botelho Morato; Gabriella Mathias; Jefferson Arakaki; Loreana Sanches Silveira; Paula Alves Monteiro; Raoni Bernardes Malta; Suziane Ungari Cayres.

Este trabalho é realizado junto aos sujeitos do “Projeto Superação” (PS) da UNESP-Pres.Prudente e visa possibilitar relações sociais diferenciadas, mediadas pelo prof. de EF, para que os alunos (sujeitos obesos/sexo masc-fem/07-14 anos), possam lidar com seus conflitos afetivo-emocionais, oriundos de sua condição de sujeitos obesos. Sabe-se o quanto a obesidade é carregada de estigmas e preconceitos, levando os sujeitos a sofrimentos psíquicos, culpas e frustrações, dentre outros conteúdos afetivo-emocionais. Identifica-se nas aulas de EF do PS conflitos e dificuldades existenciais que podem desmotivar os sujeitos participantes do projeto, uma vez que lá também se reproduzem as relações encontradas na sociedade. Preocupados com essa questão, os Estagiários de EF do PS, resolveram trabalhar tais conflitos a partir de “grupos de vivências”, cujo objetivo principal é criar condições objetivas para que os participantes do PS possam explicitar suas dificuldades, discutir, dialogar e entrar em contato com suas frustrações, conflitos e sofrimentos, de forma a melhor compreendê-los e superá-los e, nesse sentido, lidarem com a sua condição existencial de forma saudável e satisfatória e, garantirem sua participação e motivação nas atividades do PS. Para a consolidação desse processo, os estagiários de Educação Física, sob supervisão de um psicólogo, tem reunido seus alunos semanalmente para realizarem dinâmicas de grupo, brincadeiras e outras atividades coletivas e expressivas, sempre permeadas pelo diálogo e pelo respeito incondicional ao outro, com objetivo de criar condições recíprocas para trocas de experiências e vivências afetivas acerca da sua condição de sujeitos obesos, pois nas aulas de EF do PS nem sempre são possíveis relações sociais afetivas. Tais vivências configuram-se como momentos de expressão e manifestação humana nos espaços próprios da Educação Física, ampliando assim as possibilidades de ação do professor de EF diante dos conflitos postos na aula.

UNESP-PRES. PRUDENTE – Depto Educação Física
tuimviotto@fct.unesp.br

O PROFESSOR ATENTO PARA SI E ATENTO AO OUTRO: UMA PERSPECTIVA SEMIÓTICA PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.

Bruna Eliza Paiva; Mauro Betti.

Partimos do pressuposto que as intencionalidades pedagógicas da Educação Física escolar deve refletir um *projeto* de mundo, de sociedade, de ser humano, e, portanto, a Escola não

pode se limitar a ser um apêndice da *dinâmica da vida*. Contudo, o que constatamos é que tem havido dissociação entre a Escola e a vida, o que decorre, pelo menos em parte, do fato de que as idéias e intenções pedagógicas do professor nem sempre estão em consonância com as crenças que dirigem sua própria vida, dissociando o ser-professor do ser-cidadão, ou, por outro lado, da ausência de auto-crítica diante das suas próprias crenças e ações. Revelar-se-iam aí as incoerências entre *discursos* e *ações* pedagógico-escolares e *condutas* na vida. Diante disso, o objetivo deste estudo, de cunho teórico, é apresentar e discutir alguns conceitos da Semiótica de Charles S. Peirce (1839– 1914), que possam nos levar a melhor compreender esses processos e sugerir possibilidades de superação. Dentre esses conceitos, destacamos o *método científico* como mais adequado para questionarmos as nossas *crenças*, pois nos conduz à *auto-crítica* que possibilita reconhecer a *falibilidade* de nossas *crenças* e a busca de novas, que mais se aproximariam da *Verdade*. Assim, o professor poderia voltar a *atenção a si*, de modo a repensar e escolher coerentemente as crenças que guiarão seu projeto, de modo a obter crescente compatibilidade entre ação pedagógica e conduta cidadã, na vida. Entretanto, além de atentar-se para si, é preciso que o professor esteja *atento ao outro*, aos alunos, merecedores de serem ouvidos e incluídos, já que a *alteridade* deve ser um dos eixos condutores da ação pedagógica. O professor não deve temer a possibilidade de aprender com os alunos para mudar suas condutas na escola e na vida cidadã. Para tal, é preciso conceber e desenvolver a ação pedagógica como um processo de *relações comunicativas* entre alunos e professor, no qual todos são privilegiados como *produtores de conhecimento*.

Programa de Pós-Graduação em Educação da FCT/UNESP Presidente Prudente;
Departamento de Educação Física da FC/UNESP Bauru
busjk@hotmail.com

O VOLEIBOL NA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA À LUZ DAS DIRETRIZES CURRICULARES EM VIGOR: A PERSPECTIVA DOCENTE

Rafael Quezada Almeida; Lílian Aparecida Ferreira.

Reduzidas investigações buscam compreender as disciplinas esportivas nos currículos de Educação Física. Essa lacuna na literatura resulta em disciplinas de modalidades esportivas que estabelecem pouco diálogo com o conhecimento produzido na área, bem como, colabora de forma restrita com a construção de tal conhecimento, o que pode comprometer a boa qualidade destas disciplinas, implicando em deficiências na formação do professor de Educação Física. Tendo em conta que o currículo em Educação Física é discutido e reformulado desde a criação do seu primeiro curso no Brasil e que as atuais reformulações para cursos de licenciatura foram fixadas pelo Parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE) 009/2001, e pelas Resoluções CNE 01 e 02/2002, o objetivo desta pesquisa foi analisar a disciplina Voleibol nas Instituições de Ensino Superior (IES), especificamente nos cursos de licenciatura em Educação Física, à luz dessas últimas reformulações, a partir da perspectiva docente. A proposta foi ancorada na pesquisa qualitativa, usando a entrevista semi-estruturada como técnica de coleta. Foram envolvidos na pesquisa quatro IES do interior de São Paulo e participaram da entrevista quatro professores responsáveis pela disciplina voleibol nestas IES. A análise preliminar do estudo aponta que todos os entrevistados tiveram contato com as Diretrizes Curriculares em vigor. Os docentes defendem que tais diretrizes formarão professores mais capazes para atuar na escola. Eles enfocam o contexto escolar ao ministrar a disciplina e acreditam que a disciplina contribui positivamente para a atuação do futuro professor na escola. Os professores baseiam-se em suas experiências profissionais ao preparar as aulas, afirmando que a literatura acerca do tema é insuficiente. Como reflexão inicial os

dados parecem revelar que as Diretrizes Curriculares em vigor têm contribuído para configurar um processo formativo mais atento às questões do ambiente escolar, pelo menos no nível do discurso docente.

Faculdade de Ciências - Departamento de Educação Física – UNESP/Bauru
rafael.quezada7@hotmail.com

**REDIMENSIONANDO A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR : UMA PROPOSTA DE PROGRAMA
TEMÁTICO**

Willer Soares Maffei.

Trata de uma intervenção em Educação Física pautada na tematização dos elementos da cultura de movimento, propondo e detalhando estratégias adequadas para o desenvolvimento de competências e habilidades, através dos conteúdos nas suas três dimensões (conceitual, atitudinal e procedimental). O referencial teórico caracteriza-se pela discussão dos fundamentos, tendências e organização didática da Educação escolarizada e da Educação Física como componente curricular. Apresenta um estudo sobre o ensino reflexivo, utilizado como norteador do processo, bem como uma discussão sobre as dimensões do conteúdo. Por meio de estudo de natureza qualitativa, do tipo pesquisa-ação, foi realizada uma pesquisa de campo que constou das seguintes etapas: avaliação de um programa temático, parcialmente desenvolvido com professores da rede pública de ensino e coordenado pelo pesquisador; organização, execução e avaliação de um programa temático desenvolvido em escola da rede pública; re-planejamento e reaplicação da intervenção no ano seguinte. O programa foi desenvolvido em escola do município de Macatuba/SP, nas quatro últimas séries do ensino fundamental, sendo que se objetivou, acompanhar uma turma ao longo de dois anos (7ª e 8ª séries). Como instrumento de coleta de dados foi utilizado os planos de ensino e diário de campo do professor. Os resultados foram apresentados de forma descritiva, traduzindo avanços e dificuldades encontradas pelo professor-pesquisador como: a resistência inicial dos alunos, a opção pelo trabalho com as dimensões do conteúdo e sua ampliação ao longo do percurso; tratamento dado à coletividade e individualidade dos alunos; possibilidade de um tratamento interdisciplinar e a aplicação de uma ampla diversidade de estratégias. Os resultados decorrentes da aplicação de um Programa Temático no ensino fundamental levam a sugerir sua aplicabilidade como uma possibilidade a mais do ensino da Educação Física na escola e da integração do aluno na Cultura de Movimento.

Faculdade Orígenes Lessa/Lençóis Paulista
willermaffei@facol.br

ÁREA: TREINAMENTO ESPORTIVO, EXERCÍCIO FÍSICO E SAÚDE E COMPORTAMENTO MOTOR

ANÁLISE DA FREQUÊNCIA CARDÍACA NA NATAÇÃO COMO MÉTODO NÃO-INVASIVO DE CONTROLE DAS RESPOSTAS FISIOLÓGICAS

Milton Vieira do Prado Junior; Mariana Santoro Nakagaki; Rafael Oliveira de Antonio; Thiago Sakamoto Contesini; Tatiana Zuardi Ushinohama.

Introdução. Um teste de tolerância a acidose exige dos nadadores FC máxima e uma velocidade elevada, sendo que a evolução dos períodos de treinamento tende a provocar uma melhora nas *performances*. Portanto, a Frequência Cardíaca (FC) é um dos mecanismos não-invasivos de controle das respostas fisiológicas, bastante utilizada nos esportes terrestres e na natação há poucos relatos de estudos. O objetivo deste trabalho foi analisar o comportamento da FC de recuperação obtidos durante um teste de tolerância a acidose em dois períodos do treinamento. **Metodologia.** 10 nadadores, idade $20,7 \pm 2,7$ anos e mais de 4 anos de experiência realizaram um teste de tolerância a acidose composto de $6 \times 100\text{m}$ (100% da *performance* máxima de 100m) em piscina curta (25m), durante os treinos no final período básico e específico. A velocidade média (VM) foi estabelecida através dos tempos (segundos) obtidos a cada tiro dividido pela distância (100m). A Frequência Cardíaca (bpm) foi obtida após os tiros por meio de um frequencímetro no momento da chegada a borda e durante os 5 primeiros minutos de recuperação. O tratamento estatístico contou com: estatística descritiva, ANOVA e correlação de Pearson, com significância de $p < 0,05$. **Resultados.** No período básico encontramos a $VM = 1,48 \pm 0,15\text{m/s}$ e $FC_B =$ Chegada – 172bpm; 1min – 143bpm; 2min – 123bpm; 3min – 117bpm; 4min – 112bpm; 5min – 112bpm. No período específico, $VM = 1,51 \pm 0,14\text{m/s}$ e $FC_E =$ Chegada – 173bpm; 1min – 146 bpm; 2min – 121bpm; 3min – 115bpm; 4min – 112bpm; 5min – 113bpm. Houve diferença significativa entre as VM ($p = 0,03$) dos períodos e uma correlação alta e positiva entre as $FC_{B \times E}$ ($r = 0,99$; $p = 0,000$) obtidas na fase de recuperação. **Conclusão.** Neste estudo, a FC revelou-se um confiável mecanismo de controle das respostas fisiológicas, confirmando a melhora na *performance* (VM), conforme o proposto pelo técnico no desenvolvimento do seu planejamento de treinos.

UNESP – FC – LAPEF - GEPAA
contatogepaa@gmail.com

ANÁLISE DA VELOCIDADE CRÍTICA DETERMINADA EM DIFERENTES ESTILOS DE NADO COMPETITIVO

Rafael Oliveira de Antonio; Tatiana Zuardi Ushinohama; Mariana Santoro Nakagaki; Julio Wilson dos-Santos; Milton Vieira do Prado Junior

A velocidade crítica (VC) se mostra na literatura como um atraente teste não invasivo para determinação da capacidade aeróbia. Na natação a maioria dos estudos com a VC são realizados com o nado *crawl*. No entanto, ainda há poucos estudos com a VC sobre os demais estilos de nado. Assim, o objetivo deste estudo foi comparar a VC com a velocidade de limiar anaeróbio através dos métodos de retas bi-segmentadas (V_{BI}) e concentração fixa de $3,5\text{ mmol/L}$ ($V_{3,5}$). Oito nadadores ($18 \pm 2,7$ anos; $173,0 \pm 5,2\text{ cm}$; $62,8 \pm 7,4\text{ kg}$), ambos os gêneros e especialistas nos estilos de nado: costas ($n=4$); peito ($n=2$), borboleta ($n=1$) e medley ($n=1$) foram avaliados apenas em seus respectivos estilos. Sendo realizadas duas avaliações com

intervalo de 24-48h, em piscina de 25m: 1ª) Testes de *Performances* máximas nos 100 e 200m; 2ª) Teste Incremental de 5x200m a 80, 85, 90, 95 e 100% da velocidade máxima dos 200m, com pausa de 45s para coleta sanguínea e posterior análise lactacidêmica, em cada estágio. A partir da concentração de lactato sanguíneo no teste Incremental foram determinadas a $V_{3,5}$ por interpolação linear e a V_{BI} pela igualdade do valores de "y" das duas equações de retas, definidas por inspeção visual. Já a VC foi calculada a partir do coeficiente angular da reta nas coordenadas 100-200m. A análise estatística compreendeu teste de normalidade dos dados por *Shapiro-Wilk*, ANOVA para medidas repetidas, coeficiente de correlação de Pearson, com nível de significância de 5%. A VC ($1,12 \pm 0,06$ m/s) subestimou significativamente em 5,1% e 7,4% a V_{BI} ($1,18 \pm 0,03$ m/s) e a $V_{3,5}$ ($1,21 \pm 0,07$ m/s), respectivamente. Houve forte correlação positiva apenas entre V_{BI} e a $V_{3,5}$ ($r=0,91$). A utilização de apenas dois testes, 100 e 200m, para determinar a VC e/ou a duração do exercício dessas distâncias (67,0 e 156,4s, respectivamente) podem explicar os menores valores da VC. De qualquer forma, a VC ainda precisa ser mais estudada nos estilos de nado borboleta, costas, peito e medley com diferentes distâncias.

UNESP, FC, Depto de Educação Física, Gepaa, Bauru/SP

rafael.deantonio@gmail.com

ANÁLISE LONGITUDINAL DE PARÂMETROS BIOMECÂNICOS DO NADO EM COMPETIÇÃO

Mariana Santoro Nakagaki; Tatiana Zuardi Ushinohama; Rafael Oliveira de Antonio; Milton Vieira do Prado Junior.

Análise dos parâmetros de braçada acontece geralmente dentro situações e avaliações inseridas no contexto dos treinos pelo técnico, como estratégia para verificar mudanças específica causada pelo treinamento. O objetivo foi analisar duas competições pré-eliminatórias com uma competição alvo em provas curta distância, inseridas dentro de uma periodização de treinamento, através dos parâmetros biomecânicos do nado. 8 nadadores treinados de nível nacional, $20,7 \pm 2,7$ anos, foram avaliados em provas de 100m, piscina curta(25m), períodos diferentes (endurance geral, EG; endurance específico, EE; competição, C) de uma temporada. As variáveis independentes analisadas: tempo(seg), velocidade de nado(m/s), frequência de braçada(ciclo/min), comprimento de braçada(m/ciclo) e índice de braçada(m^2/s); foram coletadas através da filmagem dos 10m centrais da piscina, para posterior análise. Estatística descritiva e ANOVA para medidas repetidas com nível de significância de 5%. Obtivemos: frequência de braçada: $48,00 \pm 5,62$ (EG), $49,98 \pm 6,76$ (EE) e $47,71 \pm 7,37$ (C); comprimento de braçada: $2,28 \pm 0,36$ (EG), $2,23 \pm 0,22$ (EE) e $2,23 \pm 0,23$ (C); índice de braçada: $4,39 \pm 1,15$ (EG), $4,13 \pm 0,82$ (EE) e $3,94 \pm 0,82$ (C); velocidade de nado: $1,56 \pm 0,15$ (EG), $1,57 \pm 0,16$ (EE) e $1,60 \pm 0,17$ (C). Não houve diferença significativa entre os tempos e os parâmetros de braçada distribuídos nos 3 períodos. Encontramos uma alta correlação entre os períodos EG e C nas variáveis índice de braçada($r=0,85$) e velocidade de nado($r=0,96$); e entre os períodos EE e C nas variáveis frequência de braçada($r=0,97$), comprimento de braçada($r=0,85$), índice de braçada($r=0,84$) e velocidade de nado($r=0,97$). Verificamos entre os períodos EG e C, uma baixa correlação nas variáveis frequência de braçada($r=0,74$) e comprimento de braçada($r=0,55$). Portanto, neste trabalho, os parâmetros indicaram que houve problemas na preparação, principalmente do período EE para o C, devido a uma alta correlação entre as variáveis, o que não deveria ocorrer.

UNESP- FC – Dep. Ed. Física- GEPAA

msantoro16@hotmail.com

APTIDÃO FÍSICA RELACIONADA À SAÚDE DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS PRATICANTES DE NATAÇÃO

Camila Bissaro; Cassiano Merussi Neiva.

As evidências sugerem que sujeitos com altos níveis de atividade física, e os que adotam um estilo de vida ativo, apresentam menores riscos de desenvolverem doenças cardiovasculares. Exercícios regulares também proporcionam impacto positivo em fatores de risco como: pressão arterial, perfil de lipoproteínas, tolerância à glicose e desempenho cardiorrespiratório, que influenciam diretamente a saúde. A frequência cardíaca (FC), e o duplo produto (DP = FC x Pressão Arterial Sistólica - PAS) caracterizam-se como importantes indicadores do esforço cardíaco, podendo ser relacionados com o estado de condicionamento físico e saúde, uma vez que frente à mesma intensidade de esforço, valores mais baixos do DP indicam melhor estado de saúde cardiovascular e menor risco eminente. O objetivo deste estudo foi avaliar o perfil do comportamento hemodinâmico através da FC e DP e suas relações com estado de condicionamento físico, avaliado pelo teste indireto para determinação do VO₂ máximo de Banco de *McArdle*, em universitários atletas de natação. Participaram do estudo 14 voluntários, com idade entre 18 e 24 anos, praticantes da modalidade há pelo menos 6 meses. O quesito principal para inclusão foi a prática de no mínimo 3 vezes por semana. As aferições da FC e PAS foram feitas em 2 momentos diferentes, pré e imediatamente pós teste. Os resultados demonstraram que os valores médios de FC e DP foram respectivamente 66 bpm e 8141, 136 bpm e 21295 nas fases pré e pós teste. Além disso, o valor médio estimado para o teste de VO₂ foi de 54ml/Kg/min. Tais resultados, quando em confronto com a literatura, demonstram que os sujeitos apresentam uma excelente resposta hemodinâmica tanto no repouso (representado pela significativa bradicardia fisiológica e pelo baixo valor do DP), como ao final do exercício onde os valores de DP são significativamente mais baixos do que aqueles esperados em indivíduos da mesma faixa etária destreinados, o que representa uma ótima resposta hemodinâmica.

Unesp *campus* de Bauru
camilabissaro@yahoo.com.br**BURNOUT E ENFRENTAMENTO EM JOGADORES DE FUTEBOL DURANTE A FASE DE PREPARAÇÃO COMPETITIVA**

Carlos Eduardo Lopes Verardi; Ana Paula da Silva Lobo; Maria Cristina de O. S. Miyazaki.

Introdução: A síndrome de *burnout* é pouco estudada no contexto do futebol, embora possa ser um fator limitador no desenvolvimento da carreira do atleta. Objetivo: Identificar níveis de *burnout* e estratégias de enfrentamento entre jogadores de futebol profissionais e amadores em fase de preparação competitiva. Metodologia: Participaram 134 jogadores de futebol do sexo masculino, 71 profissionais (idade=22,77±3,98 anos) e 63 amadores (idade=17,18±0,84 anos) de três equipes participantes do Campeonato Paulista das Séries A-1 e A-2 (categoria profissional) e Copa São Paulo de Futebol Júnior (categoria amador), os jogadores responderam individualmente ao Questionário de *Burnout* para Atletas e a Escala Modos de Enfrentamento de Problema. Resultados: Não houve diferença estatisticamente significativa (P<0,05) entre as médias das duas categorias de atletas nas subescalas de *burnout*. Entretanto, goleiros e atacantes profissionais e zagueiros amadores apresentaram os maiores escores médios totais para *burnout*, associados à Exaustão Física e Emocional. Enfrentamento

Focalizado no Problema foi a estratégia mais utilizada por todos os jogadores (amadores: média=3,77 e profissionais: Média=3,78). Suporte Social, por outro lado, foi a menos utilizada (profissionais: Média=1,94 e amadores: Média=2,13). Quando comparadas as estratégias de enfrentamento por categoria e posição de jogo, os laterais amadores utilizaram mais o Pensamento Fantasiado/Práticas Religiosas ($P=0,042$) do que os profissionais. Conclusões: Não houve diferença significativa entre as categorias de jogadores em relação às três dimensões de *burnout*, mesmo quando comparadas as diferentes posições de jogo. A Estratégia Focalizada no Problema foi a mais utilizada tanto por profissionais como por amadores, exceto pelos laterais amadores, que utilizavam mais Pensamento Fantasiado/Práticas Religiosas. Pesquisas futuras devem determinar as conseqüências negativas associadas aos níveis de *burnout* durante a competição.

Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto; Centro Universitário de Votuporanga;
Universidade Paulista.
celverardi@hotmail.com

CRENÇA DE AUTO-EFICÁCIA, FONTES DE CONSTRUÇÃO E SUAS CORRELAÇÕES PARA A PRÁTICA REGULAR DE ATIVIDADE FÍSICA

Mariana Bennaton de Barros; Roberto Tadeu laochite.

A auto-eficácia (AE) no contexto da atividade física (AF) pode ser entendida como a capacidade de se exercitar mesmo diante de impedimentos que possam surgir. Sua constituição se dá por meio da influência de 4 fontes: a) Experiências diretas; b) Experiências vicárias; c) Persuasão social e d) Estados emocionais e fisiológicos. Os objetivos do estudo foram mensurar o nível de AE para a prática regular de AF, as fontes de construção da AE, identificar o nível de participação em aulas de Educação Física (EF), correlacionar a participação nas aulas de EF do Ensino Fundamental com a participação nessas aulas no Ensino Médio e correlacionar também a AE com cada uma de suas fontes de construção. Participaram 196 sujeitos praticantes de AF com idade média de 38,8 anos. A AE para a prática de AF obteve média de 111,19 pontos numa escala que pode variar de 18 a 162 pontos. A fonte que obteve maior média foi a Persuasão social ($M=27,64$) numa escala que pode variar de 4 a 36 pontos. Logo em seguida, vieram as fontes Experiência vicária ($M=25,79$), Experiência Direta ($M=23,64$) e Estados Emocionais e Fisiológicos ($M=20,06$). Com relação a participação em aulas de EF, obteve-se a média de 6,01 no Ensino Fundamental e 4,75 pontos no Ensino Médio, numa escala de 9 pontos. Para as correlações foi usado o coeficiente de Pearson (r) de forma que a correlação entre a participação nas aulas de EF no Ensino Fundamental e no Ensino médio foi positiva ($r=0,483$). Para as correlações entre auto-eficácia e fontes foram obtidos índices baixos e positivos para todas as fontes, sendo que a Experiência direta se sobressaiu entre as demais ($r=0,297$). Os resultados obtidos mostram a importância do planejamento de vivências que aumentem a crença de capacidade dos participantes, além do incentivo de professores, familiares e amigos na manutenção do comportamento de se praticar AF, sobretudo nos períodos escolares.

Apoio: PIBIC/CNPq
Universidade de Taubaté – UNITAU
marianabennaton@hotmail.com

FORÇA DE PREENSÃO MANUAL EM ADOLESCENTES

Luana Farias de Oliveira; Sandra Lia do Amaral.

Introdução: a Força de Preensão Manual (FPM) é a força exercida pela mão sobre algum objeto ou ela mesma. Tem sido sugerido que o gênero pode influenciar a FPM, no entanto poucos estudos se preocupam em avaliar a FPM em adolescentes. Objetivo: Avaliar a FPM em escolares e correlacioná-la com as variáveis antropométricas. Metodologia: Foram avaliados 134 alunos, 90 meninos (15±1 anos) e 44 meninas (15±1 anos). Foi preenchida uma anamnese e avaliadas as variáveis antropométricas (peso e estatura) para cálculo do índice de massa corporal (IMC). A FPM foi avaliada por meio de dinamometria manual. Resultados: Dos 134 avaliados, 5 eram canhotos e 1 era ambidestro. Os meninos apresentaram FPM maior do que as meninas, tanto para a mão direita (MD = 38,9 ± 0,7 vs 26,7 ± 0,6 Kgf, para meninos e meninas, respectivamente) como para a mão esquerda (ME = 36,9 ± 0,8 vs 22,9 ± 0,6 Kgf, para meninos e meninas, respectivamente). Comparando a MD com a ME, pôde-se observar que tanto para os meninos como para as meninas, os valores de FPM foram maiores para MD em comparação com a ME (38,9±0,7 vs 36,9±0,8 e 26,7±0,6 vs 22,9±0,6 Kgf, para meninos e meninas, respectivamente), independente da dominância da mão. Houve correlação positiva significativa entre estatura e FPM para as meninas na MD (r=0,557). Por outro lado, na ME, a FPM se correlacionou tanto com o peso (r=0,396) como com a estatura (r=0,547). Já para os meninos, a FPM se correlacionou com o peso, estatura e IMC, tanto na MD (r=0,543, r=0,426, r=0,0413, respectivamente) como na mão esquerda (r=0,508, r=0,422, r=0,372, respectivamente). Conclusão: Os resultados do presente estudo nos permitem concluir que há influência do gênero na FPM em adolescentes e que a mão direita é mais forte que a mão esquerda, independente do gênero e da dominância das mãos. Além disso, algumas variáveis antropométricas se correlacionam positivamente com a FPM.

Departamento de Educação Física
Faculdade de Ciências UNESP-Bauru
luanaindaia@yahoo.com.br

IMPACTO DE DIFERENTES ESQUEMAS TERAPÊUTICOS NO GASTO COM O TRATAMENTO DO DIABETES MELLITUS TIPO 2

Jamile S. Codogno; Rômulo A. Fernandes; Clara Suemi Da Costa Rosa; Denise Rodrigues Bueno; Henrique L. Monteiro.

Introdução: O diabetes mellitus tipo 2 gera elevados custos para o sistema público de saúde. Dieta, exercício e medicamentos são estratégias empregadas para o controle da doença, entretanto, em nosso meio, pouco se sabe sobre gastos com saúde segundo o esquema terapêutico (ET). O objetivo do estudo foi analisar, de acordo com o ET, possíveis diferenças no gasto com saúde entre pacientes diabéticos. Metodologia: A amostra foi composta por 121 pacientes, idade média de 60±8,9 anos residentes na cidade de Bauru-SP. O ET foi avaliado por entrevista. A atividade física (AF) foi avaliada pelo questionário de Baecke já validado para a população brasileira. Os 25% dos indivíduos com os maiores escores de AF foram classificados como "Ativos". Os grupos formados foram: Medicamentoso (GM), Medicamentoso e Dieta (GMD), Medicamentoso e Exercício (GME) e Medicamentoso, Dieta e Exercício (GMDE). O custo com os procedimentos de saúde foi avaliado (moeda corrente) através do prontuário médico (exames, consultas e medicamentos), retroagindo um ano a data da avaliação. Análise de variância (ANOVA *one-way*) com teste *post hoc* de Tukey estabeleceu comparações entre os grupos formados. Resultados: Observa-se que não existe diferença estatisticamente

significante entre os grupos ($p=0,096$) no gasto total com a saúde (somando-se consultas, exames e medicamentos), entretanto nota-se que o GMD apresentou maior gasto (R\$ 342,20) enquanto o grupo GME, o menor (R\$ 176,20); o GM e o GMED gastaram respectivamente R\$ 248,40 e R\$ 299,20. Apesar de não haver diferença estatisticamente significativa quando comparados os grupos de maior e menor gasto com saúde observamos economia de R\$166,00 por pessoa. Deste modo pode-se concluir que diabéticos que fazem uso de medicamento e praticam atividade física apresentam menor gasto, evidenciando ser a atividade física uma importante estratégia no tratamento da doença.

Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus Rio Claro
jamile_sc@yahoo.com.br

PERFIL DO USO DE RECURSOS ERGOGÊNICOS ENTRE PRATICANTES DE EXERCÍCIOS RESISTIVOS

Daniel Fernandes Viveiros; Dalton Müller Pessoa Filho.

O uso de recursos ergogênicos (REerg) propagou-se como viés de aquisição rápida e pronunciada das adaptações morfológicas e funcionais do sistema neuromuscular associadas aos exercícios resistidos. Este estudo teve por propósito descrever o perfil dos usuários, substâncias de preferência, benefícios almejados e meios de informação sobre REerg. Cem homens responderam dezessete questões fechadas e objetivas, que foram tabuladas e descritas em termos percentuais. O perfil da amostragem revelou que 77% apresentavam entre 17 a 26 anos e apenas 57% treinavam a mais de 1 ano. A estrutura predominante de treino entre os entrevistados foi 4 sessões ou mais por semana (85%), com duração superior à 1h (42%), revelando-se satisfatória ao menos para atender às expectativas salientadas: melhor a aparência corporal (estética - 48%) e saúde (40%). As respostas revelaram que 75% admitiram o uso, ou conhecem alguém, que se utilizou de REerg, sendo as especificações técnicas do modo de uso adquiridas em 47% dos casos por fontes não seguras, e a recomendação para uso fornecida por profissionais não especializados (62%). Entre os entrevistados predomina (90%) a noção da necessidade em usar suplementos quando se pratica os exercícios resistidos, com o uso regular ou esporádico confirmado por 72%. Todos relatam fazer, ou já ter feito, uso de suplementos nutricionais, com destaque aos construtores e energéticos com 84%. Em 80% dos relatos, a procura pelo auxílio do suplemento ocorreu para obter os benefícios de forma mais rápidas. Dentre os benefícios citados, destacam-se com 80% o aumento da massa muscular (estética) e do vigor (aptidão) físico. Todavia, sem um planejamento e recomendações especializadas, o treino e seus benefícios estagnam, conduzindo ao uso de substâncias androgênicas como relatado por 71% das respostas. Conclui-se que o uso de REerg é indiscriminado entre os entrevistados e distante do propósito em suprir o déficit calórico-nutricional imposto pelas sessões de treino.

Departamento de Educação Física, Faculdade de Ciências – UNESP/Bauru
dfv_funny@yahoo.com.br

RELAÇÃO ENTRE ATIVIDADE FÍSICA ANTROPOMETRIA, IDADE E PRESSÃO ARTERIAL DE HIPERTENSOS.

Denise Rodrigues Bueno, Jamile Sanches Codogno, Clara Suemi da Costa Rosa, Henrique Luiz Monteiro.

É consensual que o exercício físico é benéfico para manutenção de saúde e controle de fatores de risco, como antropometria e pressão arterial, porém, sobre outras naturezas de atividade física ainda não se tem a mesma certeza. Objetivo foi investigar impacto de diferentes tipos de atividade física sobre estes componentes. Metodologia: Foram avaliados 180 hipertensos, idade média de 63,12 anos, assistidos por dois Núcleos de Saúde situados na cidade de Bauru, SP. Foram coletadas as variáveis: peso e estatura para cálculo do IMC e aferida a pressão arterial em repouso. Foi aplicado, em formato de entrevista estruturada, o questionário de Baecke et al. (1982) para estimativa dos níveis de atividade física total, de lazer, de locomoção e ocupacional. Para cada tipo de atividade física foi obtido um escore e, por meio deste, os pacientes foram classificados em suficientemente ativos (SA), moderadamente ativos (MA) e sedentários (SD). Os dados foram tratados utilizando-se procedimento de estatística descritiva para caracterização dos grupos de acordo com o nível de atividade física, e teste qui-quadrado para visualização de diferenças entre grupos. Resultados: Para a atividade ocupacional observam-se também diferenças significantes na idade, onde os pacientes SD são mais velhos que os demais grupos (66,8 vs 63,9 e 58,7 anos, SD vs MA e SA respectivamente). Para a atividade física de Locomoção observa-se tendência de aumento da PA com redução do NAF. A pressão sistólica média do grupo SD foi significativamente superior a do grupo SA (130,9mmHg). De igual forma, a pressão diastólica do SD (84,1 mmHg) mostrou-se mais elevada que os do AS (79,2 mmHg). Para a atividade de lazer foram observadas diferenças significantes entre idade, peso (SD vs SA) e cintura (SD vs MA).

Apoio: CAPES

Unesp, campus de Presidente Prudente. Mestrado em Fisioterapia.

deni_unesp@yahoo.com.br

RESUMOS DOS TRABALHOS - PÔSTER**A “LEITURA DO JOGO” NO HANDEBOL: REFLEXÕES PRELIMINARES**

Igor Malinosqui Rinaldi; Juliana Gomes Jardim; Lillian Aparecida Ferreira.

A “leitura do jogo” é a capacidade do jogador de visualizar e compreender as mais diversas situações que ocorrem durante o jogo. Para que o jogador seja capaz de tomar decisões mais acertadas em uma partida é imprescindível que ele possua uma boa “leitura do jogo”. Atualmente são reduzidos os estudos sobre tal temática. Diante disso, o objetivo deste trabalho é relatar a experiência de ensino e aprendizagem acerca da “leitura do jogo” que foi desenvolvida no projeto de extensão “Ensinando e Aprendendo Handebol”. O referido projeto envolve quinze meninos na faixa etária de 9 a 17 anos que, desde março de 2009, têm aulas de handebol todos os sábados das 9h às 10h30. As atividades desenvolvidas foram: 1) jogo dos técnicos: trata-se de um jogo de handebol formal, entre os próprios alunos, no qual um dos participantes exerce o papel de técnico, tendo um tempo específico para observar e dar instruções à sua equipe; 2) platéia analítica: caracteriza-se por um jogo de handebol, vivenciado pelos próprios alunos, durante este jogo o professor motiva e questiona os que assistem a observar, torcer, opinar e comentar a partida; 3) handebol estátua: durante o jogo de handebol, o professor, ao manifestar o comando de voz estátua, faz com que os jogadores parem a jogada e fiquem “congelados” onde quer que estejam, a partir daí os alunos são incitados a analisar o jogo. Uma variação dessa atividade é, após o comando, todos permanecerem na posição de estátua e o jogador que está com a bola analisa e toma a decisão que julgar mais adequada, todos só poderão se movimentar após o primeiro movimento de quem está com a bola. Ao experimentarmos as atividades descritas acima constatamos que os alunos apresentaram: tomadas de decisões mais variadas; posicionamento descentrado da bola; maior objetividade no que se refere à ocupação espacial. Tais resultados destacam a contribuição destas dinâmicas para o desenvolvimento da “leitura do jogo”.

Faculdade de Ciências - Departamento de Educação Física – UNESP/Bauru
Núcleo de Estudos e Pesquisas das Abordagens Táticas nos Esportes Coletivos
igormalinosqui@hotmail.com

**A ALIENAÇÃO NOS JOGOS DE PAPÉIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DISCUTINDO E ATUANDO
NUMA PERSPECTIVA HUMANIZADORA**

Rodrigo Lima Nunes; Irineu Aliprando Tuim Viotto Filho.

Esta pesquisa respalda-se na Teoria Histórico-cultural de desenvolvimento humano para estudar o jogo de papéis, propondo-se a investigar essa brincadeira na escola de educação infantil, pois, na infância pré-escolar os jogos surgem como importante forma de comunicação da criança com os seus pares e com os adultos e, a partir deles, ao representar os papéis sociais presentes na sociedade, superam atividades que seriam irrealizáveis socialmente. Diante disso pretende-se discutir sua importância e implicações nos processos de humanização dos alunos, enfatizando o papel do professor de Educação Física como mediador desse desenvolvimento. Teve como sujeitos os professores e alunos da pré-escola em seus momentos de brincadeiras e jogos de papéis, com observações “in loco” e intervenções, uma vez por semana. Os dados coletados e analisados procuram identificar no jogo de papéis os momentos de relação alienada ou conscientizadora e, a partir disso, mediar ações numa

perspectiva crítica e humanizadora. Esta pesquisa encontra-se em fase de desenvolvimento e, considerando os dados coletados, consegue-se apreender e discutir o quanto o jogo de papéis apresenta-se como conteúdo efetivo no interior da escola, constituindo-se como importante instrumento metodológico para o professor de Educação Física e como é recebido com motivação pelos alunos. Identifica-se também o quanto à maioria dos momentos reproduzem situações e papéis sociais do cotidiano da sociedade alienada, observando-se que em algumas situações as crianças incorporaram de tal forma as relações alienadas que chegam a estratificar suas amizades, separando-se em grupos por gênero, por tipo de brincadeira “própria” dos meninos ou das meninas, enfim, excluindo-se mutuamente. Assim, nesse trabalho, defende-se a importância do jogo de papéis na escola, assim como a ação educativa dos professores numa direção crítica, os quais sejam sujeitos mediadores do processo de humanização das crianças numa sociedade alienada.

UNESP- Campus de Presidente Prudente
rod_igaum@yahoo.com.br

A CULTURA DAS VESTIMENTAS DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Thiago Frederico da Silva Zani; José Murilo Castellani; e Luciene Ferreira da Silva.

Partindo-se da observação das aulas de Educação Física e estudos bibliográficos sobre as práticas dos alunos do Ensino Fundamental, durante a disciplina de Estágio Supervisionado, o objetivo do presente estudo foi analisar a interferência que a cultura escolar exerce sobre aulas de Educação Física, de uma escola pública do município de Bauru-SP. A cultura escolar manifestou-se no modo que os alunos freqüentavam as aulas de Educação Física, sendo que muitos deles usavam vestimentas inadequadas para essa prática educacional. Assim, a pesquisa questionou tais comportamentos e chegou a algumas conclusões como que, para propiciar o envolvimento dos alunos nas aulas de forma efetiva se deve atentar para as condições físicas da escola, com a viabilização por exemplo, de vestiários já que as aulas ocorrem no horário regular de aulas e os alunos se queixam de voltarem suados e sujos para a sala de aula. Além disso, faz-se necessária a conscientização dos professores da escola como um todo, dos pais e dos alunos sobre a necessidade da utilização das roupas e calçados adequados para as aulas e também que há necessidade de organização do horário das aulas Educação Física, com aulas duplas seguidas, no início e no final dos períodos e próximo do horário do intervalo para que eles possam fazer ter mais motivação para levarem para a escola as roupas adequadas para as aulas e usufruírem de uma prática educacional mais fruída e saudável.

Departamento de Educação Física, Faculdade de Ciências – UNESP/Bauru.
thiago.zani@uol.com.br

A FALTA DE DIVERSIFICAÇÃO DE CONTEÚDOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA: CAUSAS E POSSIBILIDADES

Rafael Sales Lima; Douglas dos Santos Pierazo Valadares; Lucas Torres Basque; Arthur Bertaglia de Souza.

Ao realizar estágio de observação/intervenção em uma escola da rede pública estadual de Bauru, estado de São Paulo, pôde-se observar que um dos principais problemas encontrados

durante aulas de Educação Física, é a falta de diversificação de conteúdos. A metodologia se baseou em observação direta das aulas de Educação Física, do quinto ao nono ano do Ensino Fundamental. Os resultados que obtivemos foram que com a falta de variação dos conteúdos, as aulas tornam-se algo extremamente desmotivante para os alunos, à medida que acontece a exclusão dos menos habilidosos na realização das atividades, gerando a evasão. Acredita-se que o fator fundamental para tal acontecimento seja atribuído à postura e metodologia de ensino do professor, que não cumpre seu dever profissional, dando base à criação de uma ideologia errônea sobre a disciplina e conseqüente desvalorização da mesma. Há uma gama de propostas desenvolvidas no intuito de atender estas especificações no ensino, de modo a estabelecer uma prática pedagógica reflexiva, dando suporte à orientação profissional e construção de um planejamento adequado. Pode-se concluir que para a construção de aulas condizentes com as necessidades e características dos alunos, faz-se necessária uma boa formação docente e posterior formação continuada, possibilitando ao professor melhor qualidade na realização e planejamentos de atividades que atendam a maior variabilidade de práticas, para promover não apenas um maior interesse dos alunos nas aulas de Educação Física, e conseqüentemente gerar menos evasão, mas também proporcionar ao educando maior conhecimento sobre a cultura corporal de movimento.

Universidade Estadual Paulista – UNESP/Bauru/Educação Física
rafael.san1@gmail.com

A GINÁSTICA ARTÍSTICA NA ESCOLA

Douglas de Almeida Cipriano; Virginia Mara Próspero da Cunha

O processo de limitação que vem ocorrendo na Educação Física Escolar brasileira, restringindo-se aos Esportes Tradicionais é muito sério e preocupante. Uma das manifestações clássicas da cultura corporal que compõem os conhecimentos da Educação Física é a Ginástica, podendo provocar valiosas experiências corporais, enriquecendo o universo de conhecimento do ser humano. Uma das formas é a Ginástica Artística, que aplicada na escola de forma pedagógica, deve ser trabalhada com atividades de fácil execução, estimulando a criança a participar prazerosamente num mundo de descobertas. Utilizando a pesquisa qualitativa, foram pesquisados 12 professores de educação física da Rede Estadual de Ensino (SP) em duas cidades no Vale do Paraíba, submetidos a um questionário composto de 3 perguntas abertas e 11 perguntas fechadas, com o propósito de investigar se os sujeitos abordam este conteúdo nas aulas de educação física escolar no Ensino Fundamental. Os resultados mostraram que, 100% dos entrevistados concluíram a graduação em universidades ou faculdades privadas, entre os anos de 1978 a 2004. Como enriquecimento curricular, a maior parte dos sujeitos executou algum tipo de especialização. 41,5% atua como profissional de educação física no Ensino Fundamental há mais de 20 anos. 74,9% dos sujeitos tiveram a disciplina na graduação, sendo que o restante da amostra, mesmo não vivenciando a GA durante formação acadêmica, conhece a modalidade e 66,4% já utilizou a GA como conteúdo nas aulas de educação física. Contudo, os profissionais foram questionados se sentiam capazes de abordar este conteúdo nas aulas, como sugerem os PCN's e 66,4% disse se sentir capaz de administrar este conteúdo. A partir dos achados, acredita-se que a GA ainda é vista pelos professores como um conteúdo de difícil aplicação e que devem saber executá-la para poder ensiná-la. Entre os fatores discutidos que dificulta a inserção da GA nas aulas, este se apresenta com grande incidência na realidade estudada.

Universidade de Taubaté.

A IMAGEM E A PRÁTICA ESPORTIVA

Cleusa Medina Custódio Alves; Raquel Custódio Alves.

O ser humano é um organismo capaz de perceber eventos, de possuir desejos, de sentir emoções, de resolver problemas. Suas vontades, desejos, manifestações, escolhas, carências, ambições, medos, ódios parece depender de sua motivação. A imagem televisionada, parece ser um importante fator motivacional para a prática esportiva. A imagem é uma ponte de ligação entre o homem e o seu imaginário. Sabendo-se que um comportamento da pessoa pode ser determinada pela busca do prazer, e que existe uma tendência para classificar a experiência como "agradável" ou "desagradáveis", o que leva o indivíduo a decidir por uma opção profissional ou esportiva? A questão que se coloca é se a imagem televisiva tem estimulado o imaginário infanto-juvenil, impulsionado e motivado crianças e adolescentes a buscar pela prática esportiva. Utilizando-se de procedimentos de pesquisa bibliográfica, encontramos que as imagens e os movimentos sonorizados do cinema e da televisão têm um grau forte de "realidade". Realidade no sentido de que aquilo que a pessoa está vendo "é", mais do que parece ser. Na projeção de um filme, ou na televisão, qualquer coisa ou pessoa que apareça está sendo vista e não lida ou escutada. A imagem/som projetada, por mais fantasiosa que seja, é sempre real; está sendo vista/ouvida como no mundo real. A sua relação com a imaginação é direta e global, quase sem mediações, semelhante a situação da fala (oral). É muito diferente da imaginação reflexiva, mediada pela palavra escrita e pela sintaxe de um texto literário. É essa homologia com a fala (oral) e com a realidade visível/audível que dá ao cinema e à televisão sua força e domínio sobre as populações orais atuais. São os instrumentos e o meio dominante da educação cultural massiva. Conclui-se portanto, que a imagem televisionada ou ao vivo torna-se um importante fator motivacional para a prática esportiva.

Docente do Departamento de Educação Física, da Faculdade de Ciências -Unesp-Bauru;
doutoranda da Universidade Católica de Santa Fé (ARG)

Licenciada em Educação Física, Unesp-Bauru; pós-graduada em Direito Desportivo pela Escola Paulista de Direito e doutoranda em Direito Civil pela Universidade de Buenos Aires (ARG)

cmedina@fc.unesp.br

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA TENTATIVA DE SUPERAR A "VIOLÊNCIA" NO COTIDIANO ESCOLAR

Felipe Gustavo Barros Nunes; Irineu Aliprandi Tuim Viotto Filho.

A violência no ambiente escolar é um tema pertinente nas discussões sobre educação e os professores cada dia mais se encontram sem ação diante de tal fenômeno. O objetivo deste estudo é discutir e demonstrar a importância da Educação Física escolar e o quanto ela pode contribuir para o processo de formação e humanização dos sujeitos e para a superação da violência presente na instituição escolar. Participa do estudo uma turma de 20 alunos de uma escola municipal da cidade de Presidente Prudente. Inicialmente foram realizadas observações sistemáticas na escola, com objetivo de identificar as manifestações de violência e considerando esses conteúdos foram construídos processos de intervenção nas aulas de Educação Física. A partir das observações pode-se considerar que algumas crianças praticam atos de violência contra as outras e que muitos desses atos são cometidos simplesmente para

mostrarem superioridade física ou intelectual e em alguns casos as crianças praticam a violência para obterem o respeito dos demais. A partir das intervenções que têm sido realizadas na escola identifica-se que algumas crianças que são consideradas violentas, tiveram uma leve mudança de comportamento, porém parte delas ainda continua cometendo atos considerados inadequados. Apesar dos resultados não serem expressivos em curto prazo, nota-se que o trabalho que está sendo feito poderá ajudar na tentativa de superar o problema da violência presente na escola. As crianças mostraram-se interessadas nas aulas de Educação Física e aquelas que praticam atos considerados violentos, apresentaram leves mudanças de comportamento. Há muito que se fazer para superar essa realidade tão adversa que se manifesta no interior da escola e, sem dúvida, os professores são sujeitos fundamentais e as aulas de educação física são imprescindíveis nesse processo.

Universidade Estadual Paulista “JULIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de Presidente Prudente

A INFLUÊNCIA DA NECESSIDADE DE AUTO - REALIZAÇÃO DO ADULTO NA ESCOLHA DA PRÁTICA ESPORTIVA DA CRIANÇA

Giovanni Plácido Palhaci; Maria do Carmo Jampaulo Plácido Palhaci.

Introdução: Em décadas passadas não era discutida a necessidade das crianças realizarem exercícios físicos regularmente, pois a prática dessas atividades já era espontânea durante a infância. As brincadeiras ativas, por serem atividades físicas completas, satisfaziam as necessidades da criança de se exercitar. É necessário estimular a criança, respeitando a sua preferência, pois a mesma escolhe a atividade que se sente mais inclinada. Metodologia: este estudo caracteriza-se por uma revisão da literatura objetivando enfatizar a importância da atividade física na infância. Vários autores apontam que a participação das crianças no esporte está além do interesse da própria, pois muitas vezes os pais procuram inculcar na mesma seus próprios sonhos de realização. Dessa forma, a prática esportiva pode ocasionar efeitos de ordem fisiológica, emocional, psicológica e social. Por um lado, proporciona divertimento e até perspectiva de um futuro melhor, se for tomado como exemplo a mídia que supervaloriza os jogadores de futebol e os tenistas. Por outro lado, frustrações, e até mesmo prejuízo à saúde, são fatores que podem surgir devido a uma prática esportiva que não respeita a idade evolutiva das crianças. Resultados: O trabalho visa alertar sobre a necessidade de se respeitar o desejo e o limite infantil na escolha de suas atividades esportivas. Para as crianças terem uma vida esportiva prolongada, chegando ao esporte de alto rendimento, torna-se necessário que suas experiências motoras e de iniciação esportiva sejam positivas, tanto do ponto de vista psicomotor quanto das dimensões afetivas, sociais e cognitivas.

Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Bauru
palhaci@faac.unesp.br
Faculdades Integradas de Bauru – FIB - Bauru
Giovanni_palhacci@hotmail.com

AS ATIVIDADES LÚDICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM UMA CRECHE DE BAURU - SP

Maria Márcia da Silva; Vanessa Bentes de Miranda.

A proposição desse tema surgiu da importância das atividades lúdicas intencionais na Educação Infantil para um melhor desenvolvimento motor, cognitivo e social da criança,

através da observação da rotina de professoras numa creche na cidade de Bauru durante o período de estágio realizado no ano de 2008. Durante as aulas foi observado que as professoras em vários momentos deixavam as crianças realizando brincadeiras “livres”, a partir daí, foi proposto que nesses intervalos “vagos” fossem trabalhadas algumas atividades lúdicas intencionais com o objetivo de melhor desenvolver a coordenação motora, noções de lateralidade, oralidade, percepção de si e do outro, valores morais, entre outros. E levando em consideração que a escola é o espaço do saber científico, e que muitas vezes somente na escola a criança terá acesso às brincadeiras intencionais, as quais exigirão hábitos diferenciados para conviver em sociedade, superar limites, trabalhar tolerância, respeito mútuo e cooperação com o outro. O projeto foi aplicado em período integral com crianças de 03 a 05 anos de idade, através do resgate de brincadeiras infantis, contos, fábulas, cantigas e versões educativas de algumas músicas populares e fábulas infantis associando valores morais com o cotidiano. Como resultados as professoras mostraram-se interessadas e obstinadas no projeto e alegaram ter muitas tarefas no cotidiano ligadas muitas vezes à higiene e alimentação, deixando em segundo plano o desenvolvimento cognitivo e motor, fundamental à faixa etária. As crianças apresentaram-se dispostas a participar de um novo projeto na instituição e sempre estavam ansiosas em aprender uma nova música, ouvir uma nova história, enfim estiveram sempre receptivas em participar das atividades lúdicas intencionais.

Universidade Estadual Paulista-Júlio de Mesquita Filho- Campus de Bauru
marcinha_pedago@hotmail.com

ALTERAÇÕES DA MECÂNICA E DA VELOCIDADE MÁXIMA DO CRAWL APÓS 4-SEMANAS DE TREINAMENTO DE FORÇA ESPECÍFICO

Douglas S. P. Valadares; Thiago F. S. Zani; José Murilo Castellani; Camila Bissaro; e Dalton M. Pessoa Filho.

A transferência das adaptações do treino de força fora da água para o desempenho na piscina é evidenciado pela produção da força na braçada, mas depende da especificidade da carga, padrão de movimento e plano de intervenção. O presente estudo objetivou prescrever exercícios resistidos fora da água, específicos para promover adaptações na força da braçada e melhorar a velocidade do crawl, sem a influência da sobrecarga de treino na piscina. Seis nadadores (22,6±2,3 anos, 82,3±13,3kg e 179,9±10,8cm) foram avaliados, antes e após o treinamento quanto à velocidade máxima de crawl (média em 15-m), força máxima (teste de uma repetição máxima para os músculos solicitados no crawl) e parâmetros mecânicos pelo método de perturbação da velocidade (força de arrasto ($F_{r_{max}}$), eficiência propulsiva (ep) e potência ($P_{u_{max}}$) útil à braçada). O treinamento por quatro semanas empregou o banco de nado (2 séries de repetições máximas, com carga referente à 70% $F_{r_{max}}$ e pausas de 90s) e exercícios convencionais (70%1RM, 12 repetições, 3 séries, 90s de pausa), realizados duas vezes por semana e intercalados por sessões de treino na piscina com sobrecarga (método de Foster pela escala de Borg) moderada e regressiva no período. As diferenças entre o pré e o pós-teste foram comparadas pelo teste de Wilcoxon, considerando $\alpha=0,05$. As alterações na velocidade (13,2%, pré 1,54±0,24m/s e pós 1,74±0,13m/s), $F_{r_{max}}$ (14,7%, pré 83,3±13,2N e pós 95,5±8,8N) e $P_{u_{max}}$ (21,7%, pré 137,2±31,2W e pós 167,0±26,6W) não apresentaram significância. Contudo, há uma tendência em recair sobre a produção de força na braçada, a razão pelo aumento da velocidade, pois há ausência de alterações hidrodinâmicas (ep: pré 42,7±0,3% e pós 42,6±0,3%; e coeficiente de proporcionalidade corporal: pré 31,2±2,6 e pós 31,6±2,5). A reduzida sobrecarga em piscina (31513.4 a 7339.4 unidades de esforço percebido)

ratifica o efeito do treinamento e permite concluir que satisfaz à demanda por especificidade e transferência ao crawl.

Apoio: PROEX
Departamento de Educação Física, Faculdade de Ciências – UNESP/Bauru
thiago.zani@uol.com.br

ANÁLISE DO ESTADO DE SAÚDE DE ADULTOS A PARTIR DO ÍNDICE DE MASSA CORPORAL E DA RELAÇÃO CINTURA-QUADRIL

Vinicius de Lima Freitas¹; Cassiano Merussi Neiva²; Carlos Eduardo Lopes Verardi³; Cláudio Luiz Neves Júnior⁴.

Introdução: Um dos principais fatores determinantes do estado de saúde é o acúmulo de gordura corporal especialmente na região do tronco, devido ao maior risco de no futuro desenvolver doenças coronarianas. Objetivo: O presente estudo analisou o estado de saúde, por meio do Índice de Massa Corporal (IMC) e a Relação de Cintura e Quadril (RCQ), em adultos usuários do Programa Saúde da Família (PSF) da cidade de Carneirinho/MG. Metodologia: A amostra foi constituída por dois grupos, o Grupo1 formado por 18 indivíduos do sexo masculino (idade=38,63±14,17anos) e o Grupo2 com 36 indivíduos do sexo feminino (idade=40,28±11,59anos). Para análise dos dados foi utilizado o *Unpaired T Test* comparando a média geral, o desvio padrão e o valor ($P<0,05$), de cada variável. As tabelas de referência utilizadas são do programa *Physical Test 5.0*. Resultados: O Índice de Massa Corporal do Grupo1 obteve (25,84±4,98 kg/m²), enquanto que o Grupo2 apresentou (27,22±7,64 kg/m²), com valor ($p=0,4905$) não havendo diferença significativa entre ambos os grupos. Entretanto na Relação de Cintura e Quadril o Grupo1 apresentou média de (0,90±0,04) e o Grupo2 com (0,86±0,07), este resultado indicou diferença significativa entre os grupos, onde o valor de P foi $p=0,0293$. Conclusão: Constatou-se que, o Índice de Massa Corporal de ambos os grupos estão classificados como "Sobrepeso". Porém, na Relação de Cintura e Quadril observou-se que, os homens estão classificados no nível "Moderado" quando comparados os resultados das mulheres, classificadas no nível "Alto". Estes resultados revelam que o grupo de mulheres avaliadas no presente estudo, apresenta maior risco de desenvolver problemas coronarianos. Uma das hipóteses é o fato da população feminina apresentar um estilo de vida menos ativo.

1 - Instituições: Universidade de Franca - UNIFRAN;

2 - Faculdade de Ciências - UNESP;

3 - Centro Universitário de Votuporanga - UNIFEV;

4 - Centro Universitário do Planalto de Araxá – UNIARAXA;

freitas23@bol.com.br

AULAS MISTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: VALORES E INTENÇÕES DOS FUTUROS PROFESSORES

Juliana Gomes Jardim; Lílian Aparecida Ferreira.

As aulas de Educação Física Escolar mistas são defendidas com o intento de contribuir para a não discriminação, compreensão das diferenças e não reprodução de relações sociais autoritárias. O objetivo deste trabalho consistiu em desvelar os valores e intenções de futuros professores em relação às aulas mistas. Participaram do estudo 20 alunos (10 mulheres e 10 homens) último anistas do curso de Licenciatura em Educação Física na cidade de Bauru. A

técnica de coleta se deu por meio da leitura e comentário (registrado em gravador de voz), por parte dos sujeitos, de um caso de ensino fictício contendo a história de um professor sobre uma experiência frustrada com o conteúdo futebol em aulas mistas. Para as alunas, o insucesso do professor deveu-se à elaboração de planejamento que desconsiderou interesses e necessidades da turma, e a uma maior habilidade motora dos meninos, em primeiro e segundo lugar, respectivamente. Para os alunos, os principais motivos de insucesso foram a não utilização de atividades dinâmicas e/ou lúdicas e, em segundo lugar, a desconsideração dos interesses e necessidades da turma. Para a condução de aulas mistas bem sucedidas, ambos citaram, em primeiro lugar, que manteriam o conteúdo futebol, mas pensariam em atividades que facilitassem a participação bem sucedida de meninos e meninas. Os discursos sugerem uma prática pedagógica cujo foco resida no(a) aluno(a), bem como a intenção de adequar atividades e conteúdos para promover um trabalho satisfatório com turmas mistas. Identificou-se uma maior preocupação em realizar atividades bem sucedidas do que em conscientizar os(as) alunos(as) para a importância do respeito às diferenças e do direito igual à prática da Educação Física. A ênfase nas habilidades motoras apareceu em algumas falas, indicando uma possível desvalorização das meninas, além de contradição frente aos valores defendidos para a Educação Física escolar nos dias atuais.

Universidade Estadual Paulista/ UNESP Bauru – Faculdade de Ciências
Departamento de Educação Física
julianaqjardim@yahoo.com.br

BASQUETEBO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM ESTUDO SOBRE A REALIDADE DA PRÁTICA NA CIDADE DE BAURU-SP

Lucas Torres Basque; Luciene Ferreira da Silva.

O basquetebol pode ser um elemento interessante quando estabelece relações com o jogo, englobando um caráter educacional, pois pode proporcionar interação, cooperação, respeito, espírito de equipe, autonomia, prazer, entre outros. O basquetebol sempre esteve presente como prática na cultura na cidade de Bauru-SP. Contudo, na atualidade observa-se que o jogo vem sendo pouco utilizado nas aulas de Educação Física. Assim, o objetivo deste estudo foi o de investigar o porque dessa problemática. A metodologia se baseou em pesquisa de campo em que se realizou entrevistas com seis professores, sendo dois de escolas públicas e quatro de escolas particulares. Dois professores disseram ter dificuldades em ensinar o basquetebol, um observou ter dificuldade em demonstrar os elementos técnicos do esporte para os alunos, e o outro revelou ter pouca facilidade para ensinar o basquetebol devido aos alunos viverem em um “mundo informatizado”, realizarem pouca atividade física, tendo limitações na coordenação motora; Dois professores de escola particulares apontaram restrições para trabalharem um conteúdo como o basquetebol, devido a existência de somente uma aula de 50 minutos por semana; Cinco professores falaram que ensinam o basquetebol através de jogos adaptados, de forma lúdica. Constatou-se que há um interesse pelo basquetebol na cidade de Bauru-SP, segundo os docentes pesquisados, devido a cultura do jogo estar presente. No entanto, o basquetebol se configurou como prática pouco utilizada nas aulas de Educação Física e isso se deveu a pouco tempo de aula, para trabalhar a diversidade da cultura corporal de movimento e em específico do basquetebol que inclui grande variedade de manejos de corpo e de bola. Também se verificou que tais dificuldades para os que responderam tê-la se deve ao modelo de prática do basquetebol estar fortemente atrelado ao esporte de rendimento. Os docentes que demonstraram maior facilidade atuavam com o basquetebol enquanto jogo.

Universidade Estadual Paulista – UNESP/Bauru/Educação Física

ltbasque18@hotmail.com**BRINCADEIRAS INFANTIS DE ESCOLARES DO PRIMEIRO CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE BAURU**

Débora Pignataro Fumes, Luciene Ferreira da Silva.

A problemática que se aborda é a do distanciamento vivência dos jogos tradicionais infantis e do papel que poderia ser exercido pela Educação Física escolar no seu desenvolvimento e ou manutenção. Tal afastamento decorre do consumo do tempo, que na infância seria ideal que fosse utilizado com muitas atividades lúdicas, mas que vem sendo cada vez mais ocupado com outras de caráter obrigatório, visando a formação do adulto precoce. O estudo constará de observações das atividades vivenciadas na escola e principalmente nas aulas de Educação Física, em três instituições de ensino, sendo uma delas municipal, outra estadual e outra privada. Também contará com a utilização de entrevistas com os professores, para verificação se há ou não o resgate cultural dos jogos/brincadeiras tradicionais. O objetivo então é o de constatar se os jogos tradicionais infantis são elementos presentes nos conteúdos das aulas de Educação Física escolar e como esses vem sendo utilizados na realidade atual das escolas que aceitem participar da pesquisa. Tem-se como hipótese que há falta de tempo livre para convivência prazerosa entre as crianças e entre elas e seus pais, parentes, etc. O tempo que seria destinado ao divertimento, é encarado, pela sociedade que vive no sistema econômico capitalista, como tempo de não utilidade, pois as atividades praticadas nesses períodos são tidas como não sérias uma vez que se acredita não haver ganho nas sua realização. O distanciamento pode ocorrer também pelo aumento da violência nas cidades tornando a rua, que já foi local propício para o desenvolvimento de jogos tradicionais, um espaço perigoso. Esse problema acontece com as crianças de maneira geral, porém, diferem-se os tipos de obrigações empregadas a infância de acordo com a classe social em que estão inseridas.

Universidade Estadual Paulista, Julio de Mesquita Filho – UNESP

deborafumes@terra.com.br**COMPARAÇÃO DAS CAPACIDADES MOTORAS DE JOGADORES DE FUTSAL DO CAMPEONATO PAULISTA DAS SERIES OURO E PRATA**

Carlos Rogério Thiengo; Flávio Ismael da Silva Oliveira; Júlio Wilson dos Santos; Higor dos Santos Morceli; Júlio César Porfírio Vicente; Elton Carvalho da Silva; Everton Carvalho da Silva; Laurindo de Menezes; Guilherme Augusto Talamoni; Cléber Carlos Evangelista

O objetivo deste estudo foi comparar o desempenho motor de jogadores de futsal participantes do Campeonato Paulista das Séries Ouro e Prata em 2009. Participaram do estudo 13 jogadores de uma equipe da Série Ouro (25±3 anos, 1,77±0,06m, 77±10kg, 11,2±4,8 %gordura) e 10 jogadores de uma equipe da Série Prata (23±3 anos, 1,72±0,03m, 70±7kg, 13,2±4,2 %gordura). Os jogadores foram avaliados nos testes de sentar e alcançar (flexibilidade), corrida de 15 metros (velocidade cíclica), teste T-40 m (velocidade acíclica), salto horizontal e salto triplo (força rápida), *rast test* (potência máxima, média, mínima (Pma, Pme, e Pmi) e índice de fadiga) e *yo-yo intermittent recovery test* (resistência especial). Para análise estatística descritiva utilizou-se a média e desvio padrão para as variáveis com

distribuição normal (Pme e resistência especial) e mediana e intervalos interquartis para as variáveis que não tiveram a normalidade constatada pelo teste de Shapiro-Wilk (flexibilidade, velocidade cíclica e acíclica, força rápida, Pma, Pmn e índice de fadiga). Na análise inferencial foram utilizados os testes de hipótese: teste-*t* para amostras independentes e teste de Mann Whitney. Os resultados das equipes da Série Ouro e Série Prata foram respectivamente: flexibilidade: 34(8,5) – 36,2(12,1)cm; velocidade cíclica: 6,30(0,29) – 6,02(0,48)m/s; velocidade acíclica: 4,22(0,19) – 4,10(0,14)m/s; salto horizontal: 2,37(0,15) – 2,34(0,09)m; salto triplo perna direita: 6,68(0,76) – 6,40(0,54)m; salto triplo perna esquerda: 6,85(0,46) – 6,62(0,39)m; PMax: 9,7(1,8) – 8,4(1,0)w/kg; PMed: 8,41(±1,16) – 6,84(±0,46)w/kg; Pmin: 6,8(1,5) – 5,8(1,2)w/kg; índice de fadiga: 33,4(12,1) – 30,2(21,4)%; resistência especial: 1438 (±422) – 1044 (±136)m. Foram encontrados resultados estatisticamente superiores na velocidade cíclica, Pma, Pme, Pmn e resistência especial na equipe participante da Série Ouro. Tais resultados podem estar associados ao nível competitivo e ao regime de treinamento das equipes.

Apoio: Ativa – Intervenção em Educação Física e Esportes Ltda.
 Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Ciências da Motricidade pela Universidade Estadual Paulista, Câmpus de Rio Claro
 Prof. Ms. do Instituto Superior de Ensino Orígenes Lessa e Rede Municipal de Ensino de Bauru
 Prof. Dr. do Curso de Licenciatura em Educação Física da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauru
 Membros da Comissão Técnica da Associação Atlética das Faculdades Integradas de Bauru (FIB)
 Membros da Comissão Técnica da Fundação de Amparo ao Esporte Luiz Antonio
 Graduandos do Curso de Licenciatura em Educação Física da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauru
thiengo@fc.unesp.br

COMPORTAMENTO DA PRESSÃO ARTERIAL EM DUAS MODALIDADES DO TREINAMENTO RESISTIDO

Luana Urbano Pagan; Francisco Gouvêa Jr.

Introdução: O conhecimento da resposta da pressão arterial (PA) durante as várias etapas do exercício é fundamental tanto para a prescrição correta e posterior controle das cargas no treinamento aeróbio, bem como para a escolha do melhor método e modelo do treinamento resistido que resulta em uma menor sobrecarga ao sistema cardiovascular. Assim, este estudo procurou verificar o comportamento da PA em dois momentos, em repouso e após a execução de dois tipos de treinamento resistido: resistência muscular localizada (RML) e hipertrofia (HIPER), em indivíduos não-treinados.

Metodologia: A amostra foi composta por 21 mulheres (21 anos) que não praticavam exercícios resistidos. Todas realizaram um teste de uma repetição máxima para posterior execução do protocolo experimental, que consistiu na realização de 3 séries, cada uma com 15 repetições com 50% da carga máxima para o RML, e igualmente 3 séries, cada uma com 6 repetições com 70% da carga máxima, para o HIPER. Os intervalos entre as séries para o RML foram de 1 minuto e para o HIPER foram de 1,5 minutos. O exercício realizado foi leg press horizontal. A PA foi aferida pelo método auscultatório, na posição sentada, após repouso de 10 minutos e ao término da atividade. A análise estatística foi feita pelo Test "t-student" pareado, ao nível de $p < 0,05$.

Resultados: Os valores obtidos, em média e erro-padrão do gradiente de alteração da PA, foram para o exercício de RML de $4,73 \pm 1,03$ (PA Média), $14,76 \pm 1,51$ (PA Sistólica) e para o de HIPER foram de $4,79 \pm 1,28$ (PA Média) e $15,9 \pm 2,02$ (PA Sistólica), todos com significância estatística entre o repouso e o final. Não ocorreram alterações na PA Diastólica em ambos os exercícios e não houve diferenças significativas dos valores da PA entre as duas modalidades.

Conclusão: A análise dos dados permite concluir que os exercícios de HIPER e de RML promovem alterações semelhantes na PA.

Departamento de Educação Física, Faculdade de Ciências, Unesp-Bauru, SP.

luanapagan@ig.com.br

DANÇA: UMA OPÇÃO DE LAZER-EDUCAÇÃO PARA CRIANÇAS SOCIALMENTE DESFAVORECIDAS

Marcela Gomez Alves da Silva; Luciene Ferreira da Silva.

Este estudo tem como problemática central a limitação do ensino da dança para crianças de classes desfavorecidas economicamente. As pesquisas realizadas até o momento permitem levantar algumas hipóteses, vistas como respostas provisórias da ocorrência do problema. Assim, com a realização deste estudo, que é de pesquisa bibliográfica, documental e de campo, se objetiva um entendimento da separação da cultura da dança, bem como a limitação imposta por uma sociedade capitalista que enxerga na dança uma atividade acadêmica, que faz parte da elite. Verificar o porquê do ensino da dança ser restrito a algumas camadas sociais e como a mesma, quando inserida no contexto social de crianças, pode contribuir para o lazer dos indivíduos, bem como sua inserção social. A pesquisa é realizada com crianças da Creche "São Judas Tadeu e São Dimas", com idade entre 03 e 05 anos da cidade de Bauru-SP. A proposta da pesquisa é inserir a dança proporcionando autoconhecimento e cultura corporal de movimento. A cultura "pré-estabelecida" contém visões prejudicadas pela mídia e pela sociedade, impedindo e/ou restringindo o aprendizado por meios que despertem algo mais que o conhecimento. Algo que quando realizado produza alegria e satisfação, contribuindo para enriquecer o ser como um todo. Portanto, a pesquisa busca um melhor entendimento sobre a inserção da dança no contexto do lazer e como a mesma pode contribuir para a Educação de crianças de camadas desfavorecidas da população. A dança é vista enquanto prática distante da realidade de algumas pessoas pertencentes a algumas classes sociais, dificultando o acesso às formas de dançar e mostrando as restrições impostas que levam à falta de comunicação das formas de dançar das crianças de bairros carentes ao resto da comunidade. Assim, com base em estudos já realizados, buscam-se fundamentos que sustentem o ensino da dança como algo que contribui para a formação do indivíduo como um todo.

Universidade Estadual Paulista-Júlio de Mesquita Filho- Campus de Bauru

marcelagomez@fc.unesp.br

DÉFICIT DE FORÇA DE PÓS-PÚBERES EM EXERCÍCIOS GLOBAIS PARA O MEMBRO SUPERIOR ANTES E APÓS TREINAMENTO RESISTIDO

José Adolfo Mariani Neto e Dalton Müller Pessoa Filho.

A comparação entre o desempenho em exercícios globais de força e a pontuação de referência para uma dada população é denominada déficit de força. O objetivo foi avaliar o déficit de força em pós-púberes nos testes de flexão de solo e em barra suspensa antes e após

treinamento resistido convencional. Trinta homens (19,5±1,3 anos, 74,9±6,5kg e 177,5±5,4cm) compuseram dois grupos (controle (GC) e treinado (GT)) e foram submetidos às avaliações de circunferências (braços, ombro e tórax), composição corporal (protocolo de três dobras cutâneas), força concêntrica máxima (uma repetição máxima (1RM) no supino reto, puxada alta, rosca direta e pulley-tríceps) e desempenho nos testes. O déficit de força foi averiguado pelo percentual da diferença entre a pontuação obtida e aquela de referência para os testes. O treinamento de GT consistiu em 8-semanas a 70%1RM, 10–12 repetições, 3 séries com 90s de pausa. O T-teste independente averiguou as diferenças entre grupos, enquanto que o T-teste dependente avaliou os instantes pré e pós-teste. Adotou-se $p \leq 0,05$. A exceção da circunferência do ombro (GC 111,8±1,4cm; GT 113,1±2,1cm) e tórax (GC 98,0±2,4cm; GT 94,7±2,4cm), as demais variáveis braço direito (GC 30,7±1,0cm; GT 32,8±1,3cm) e esquerdo (GC 30,9±1,3cm; GT 32,5±1,2cm), percentual de gordura (GC 18,8±1,95%; GT 15,5±2,1%), força no supino reto (GC 67,5±6,8kg; GT 81,3±9,1kg), puxada alta (GC 66,2±18,3kg; GT 84,2±6,8kg), rosca direta (GC 35,2±4,3kg; GT 45,8±3,6kg) e pulley-tríceps (GC 30,9±4,0kg; GT 39,5±3,5kg), e desempenho em FS (GC 25,1±8,4 rep; GT 44,4±10,6 rep) e BS (GC 4,5±3,2 rep; GT 12,1±3,4 rep) mostraram-se diferentes ao comparar GT com GC no pós-teste. A redução do déficit de força em GT (solo pré -19,8% e pós 11,0%; barra pré -26,7% e pós 10,3%), em contraposição a manutenção do déficit em GC (solo pré -43,7% e pós -37,3%; barra pré -61,2% e pós -59,4%), revela a efetividade do treino resistido convencional em melhorar a aptidão em exercícios globais de força.

Departamento de Educação Física, Faculdade de Ciências – UNESP/Bauru
killerdeza_7@hotmail.com

DIFERENÇAS E DEFICIÊNCIAS NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA: SEGUNDO CRIANÇAS SEM DEFICIÊNCIAS

Andréia de Carvalho Lopes; Marli Nabeiro, Maria Regina Cavalcante.

Na perspectiva da diversidade humana a temática atual é ser diferente e por isso deficiência é considerada como *diferença*. Na escola, o processo de inclusão deve promover atitudes de respeito às diferenças. É nas aulas de Educação Física Inclusiva que o aluno terá a percepção de se sentir incluído, de bem estar o de autonomia por realizar movimentos que antes não fazia, ou simplesmente fazer os movimentos devido à oportunidade dada a ele, vivendo concretamente o processo de inclusão. Como sabemos a inclusão é para todos, logo esta parcela do Sistema Educacional precisa ser ouvida. O estudo objetivou investigar como alunos que não apresentam diagnóstico de deficiência avaliam a possibilidade de participação dos colegas que apresentam “diferenças” durante a aula de Educação Física Inclusiva. Esta foi uma pesquisa qualitativa com técnica de elaboração e análise de unidades de significado, realizada na Escola Estadual em Bauru que atende uma aluna com deficiência, na Turma Regular da 2ª série do ensino fundamental. Entrevistamos 18 alunos aplicado questionário semi-estruturado, para análise da opinião dos alunos. Resultados: A maior parte dos alunos (72%) avaliou que todos os colegas são diferentes enquanto 28% disseram que achavam todos os colegas iguais. Quanto à participação nas aulas de educação física, 89% relataram que a aluna que apresentava deficiência devia participar das aulas de educação física e 11% disseram que não. Concluímos analisando os relatos dos alunos que eles percebem que são diferentes entre si independente da existência da deficiência, e que essa diferença não inviabiliza a realização das aulas em grupo. Mas a princípio como mostrou os resultados, vejo que foram todos positivos e demonstram que a Educação Física Inclusiva é possível, trazendo novas informações e quebra de mitos como “a aula de Inclusiva fica mais fraca para os alunos sem deficiências”, além de

divulgar o trabalho sobre a formação do educando dentro da realidade da diversidade humana.

Universidade Estadual Paulista - UNESP Campus de Bauru/ Programa de Pós Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem
Departamento de Educação Física.
deiatrinys@hotmail.com

É BRINCANDO QUE SE APRENDE

Jessica Osmondes Travassos.

O protagonismo juvenil tem aumentado sua repercussão na área educacional. Na escola, o intervalo é considerado pelos alunos um dos melhores momentos do período escolar, sendo as brincadeiras o principal motivo de diversão, porém, é no intervalo que acontece o maior número de acidentes da escola. Partindo da motivação que o intervalo desperta nos jovens, este estudo teve por objetivos: a) promover o protagonismo juvenil em atividades dirigidas por alunos do ciclo II para alunos do ciclo I, durante o intervalo do ciclo I de uma Escola Municipal da cidade de São Paulo; b) diminuir o número de acidentes durante o intervalo. Participaram do estudo 30 alunos do ciclo II, como monitores de atividades e 15 salas (450 alunos) do ciclo I. Foi criado um grupo de alunos monitores voluntários do ciclo II que se reuniam uma vez por semana com a professora de Educação Física para pesquisar, elaborar e discutir propostas de atividades para o intervalo. As atividades foram aplicadas de segunda a sexta pelos alunos monitores durante os 20 minutos de cada intervalo de agosto a novembro de 2008. Os resultados mostraram a participação ativa dos alunos do ciclo II em sua aprendizagem, onde a escola tornou-se um espaço pedagógico atraente e desafiador para os jovens. Quanto ao número de acidentes, houve uma redução significativa. A partir destes resultados, sugere-se que as escolas incentivem e ampliem canais de protagonismo juvenil na gestão escolar.

Secretaria de Educação do Município de São Paulo
jessicatravassos@hotmail.com

EDUCAÇÃO FÍSICA E A ANÁLISE E DESCRIÇÃO DE CARGOS

Guilherme Becker Tagliarini; Fernanda Maria de Oliveira Meirelles.

A Gestão de Pessoas é uma área de estudo da Administração, caracterizada como um conjunto de processos que compreendem a agregação, aplicação, recompensa, desenvolvimento, manutenção e monitoramento de pessoas. Visa ao gerenciamento técnico, operacional e humano dos colaboradores de uma empresa, sendo considerada a chave do sucesso de muitas empresas. Esses seis processos são compostos por uma seqüência de etapas a serem desenvolvidas para maximizar o desempenho empresarial e dos colaboradores. Uma delas, compreendida no processo de aplicar pessoas, é a descrição e análise de cargos, problema de estudo desta pesquisa teórica. Descrever um cargo significa relacionar as tarefas que o ocupante de um determinado cargo faz, por que faz e como faz. Já a análise representa as capacidades, conhecimentos e habilidades necessárias ao exercício de determinada uma função. Essa etapa é vital para um melhor conhecimento acerca das funções e dos requisitos necessários para ocupá-las, facilitando a colocação dos colaboradores mais indicados para cada uma delas. Sem dúvida elas não funcionam isoladamente. Devem ser desenvolvidas conjuntamente com os outros processos da gestão, para assim proporcionarem um resultado

efetivo. Se a escola for considerada como uma empresa, um de seus cargos será o de professor, dentro dele, o da disciplina Educação Física. Descrever e analisar o cargo de professor de Educação Física escolar possibilita saber se não todas, mas as principais tarefas a serem realizadas por um educador físico e os pré-requisitos que ele deve desenvolver para alcançar um desempenho ótimo. Sem dúvida, não se pode descartar a importância da prática e da experiência, mas conhecer melhor o cargo em questão é uma boa fonte de subsídios para o constante aprimoramento da prática e aquisição dos conhecimentos disponíveis nas diversas situações vivenciadas nas relações professor-aluno, professor-professor e professor-direção, sendo, por isso, de suma importância.

Unesp; Unip
gui_fer@ymail.com

EDUCAÇÃO PELO ESPORTE E A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA: O CASO DO PROJETO ESPORTE JOVEM SESCSP-SANTO ANDRÉ

Douglas dos Santos Rosário Matos

A sociedade brasileira passa por profunda crise de valores sociais. Boa parte da população não tem acesso a condições de vida digna, encontra-se excluída do pleno exercício da cidadania. Acreditamos que o Esporte-Educação, como no caso do projeto, Esporte Jovem SESCSP-Santo André, pode contribuir para mudar essas condições de vida, muitas vezes desumanas, possibilitando o exercício da cidadania. O projeto Esporte Jovem é realizado há 21 meses, com 25 jovens na faixa etária de 13 a 17 anos, jovens carentes das comunidades próximas ao SESCSP-Santo André, comunidades de baixas condições econômicas e sérios problemas sociais. O projeto utiliza o esporte e a educação (sustentada por seus quatro pilares: Aprender a conhecer aprender a ser, aprender a fazer e aprender a conviver), como principais ferramentas para construção da cidadania e formação integral desses jovens. Considerarmos o esporte como uma manifestação cultural, com múltiplos sentidos e possibilidades, “uma metáfora da vida”, pautado por um quadro de valores morais e éticos, indispensáveis na formação humana. Além das diversas práticas corporais e esportivas, o projeto contempla atividades culturais, artísticas e de lazer, tais como; visitas a exposições, orientações sobre saúde: bucal e sexual, orientações sobre o mercado de trabalho e confecções de brinquedos com materiais recicláveis. Podemos concluir que a educação pelo esporte e a forma que vêm sendo conduzidas as atividades dentro do nosso projeto, influencia positivamente na formação humana e tem possibilitado que os jovens consigam: realizar projetos de vida; respeitar valores éticos, morais e de solidariedade; perceber-se cidadãos possuidores de direitos e deveres; utilizar o diálogo como forma de mediar conflitos; se colocar no lugar do outro, melhorando seu convívio com o próximo, respeitando as diferenças e lutando contra qualquer tipo de preconceito; enfim, adquirir novos conhecimentos, tornando-se pessoas melhores, competentes, mais humanas.

Instrutor de Atividades Físicas SESCSP- Santo André
douglasm@santoandre.sescsp.org.br
douglassrm@hotmail.com

EDUCAÇÃO PSICOMOTORA: UMA FERRAMENTA PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Irineu A. Tuim Viotto Filho; Rafael César Ferrari; Edelvira de Castro Q. Mastroianni.

A psicomotricidade é a ciência que estuda o homem por meio do seu corpo em movimento e em relação ao seu mundo interno e externo, bem como suas possibilidades de perceber, atuar, agir com o outro, com os objetos e consigo mesmo. Com isso, a secretaria municipal de educação de presidente prudente, tendo como compromisso recuperar a trajetória dos alunos em defasagem de aprendizagem elaborou com o laboratório de atividades lúdico-recreativas (LAR), um projeto, na intenção de possibilitar avanços no desenvolvimento psicomotor e reintegrar os alunos no percurso regular do ensino fundamental. Considerando que muitas crianças possuem carências de estímulos corporais e ambientais, objetivou-se avaliar o desenvolvimento psicomotor de sujeitos matriculados em duas 4^{as}. Séries do ensino fundamental. Para o desenvolvimento desse projeto, foram avaliados 43 crianças, matriculadas no ano letivo de 2008 e o procedimento utilizado foi a escala de desenvolvimento motor. Foram avaliados os seguintes elementos: coordenação motora fina e global, equilíbrio, esquema corporal, organização espacial e temporal. Os resultados constatados demonstraram que ambas apresentavam déficits na organização espacial e no esquema corporal e, então, foi possível levantar a hipótese de uma possível relação entre o nível de desenvolvimento psicomotor e o processo de aprendizagem. Também foi percebido a necessidade da intervenção no desenvolvimento psicomotor da criança, enfatizando-a com atividades que trabalhem a organização espacial e o esquema corporal dos sujeitos, tendo em vista o seu desenvolvimento escolar numa direção satisfatória. Diante desses resultados, é possível pensar na relação entre esses elementos psicomotores e nota-se que os dois aspectos citados são basilares para uma melhora e aprimoramento no desenvolvimento do indivíduo e que o professor de educação física pode lançar mão da ferramenta da psicomotricidade na construção de novas possibilidades de desenvolvimento para seus alunos.

Apoio: PROEX
Faculdade de Ciências e Tecnologia-UNESP
rafaeleduca_unesp@yahoo.com.br

EFEITO DE CINCO SEMANAS DE TREINAMENTO PERIODIZADO EM ATLETAS PROFISSIONAIS DE HOCKEY IN LINE

Gustavo Barquilha; Vinicius Coneglian Santos; Paulo Henrique Silva Marques de Azevedo; Nivaldo ribeiro; Tania Cristina Pithon Curi; Elaine Hatanaka; Sandro Massao Hirabara.

Atletas de alto rendimento realizam treinamentos de força de alta intensidade visando melhorar o desempenho em competições, principalmente quando a modalidade exige força e potência muscular, como é o caso do Hockey *in line*. Porém, exercícios intensos não estruturados podem causar lesão muscular, inflamação e imunossupressão, prejudicando a performance. O objetivo do presente estudo foi analisar o efeito do treinamento de força não-linear sobre a força muscular e marcadores de lesão (creatina quinase - CK) e marcadores de inflamação (Proteína C reativa - PCR) em atletas de Hockey *in line*. Foram estudados 11 atletas da equipe da 2^o divisão do campeonato brasileiro de Hockey *in line*. Os atletas fizeram repouso 48 horas antes das coletas sanguíneas (20 ml) que foram realizadas antes e após o treinamento de força (3 vezes por semana, durante 5 semanas). Foram realizados exercícios supino reto, remada curvada, levantamento terra, desenvolvimento com halteres, rosca bíceps, tríceps supino na barra e *leg press* 45°. A intensidade do treinamento variou entre leve (12 a 15 repetições), moderada (8 a 11 repetições) e intensa (4 a 7 repetições). Os testes de uma Repetição Máxima nos exercícios supino reto e *leg press* 45° antes e após o treinamento foram realizados com o objetivo de acompanhar alterações em força muscular. Os resultados do presente estudo indicam que o treinamento de força não-linear aumentou a força

muscular, como demonstrado pelos testes de supino reto ($20,9 \pm 4,5\%$; $p < 0,001$) e *leg press* 45° ($10,2 \pm 2,0\%$; $p < 0,001$). Porém, houve leve quadro de inflamação resultante de lesão muscular pelo treinamento, observado através do aumento do marcador de lesão CK (aumento de $58,9 \pm 7,2\%$; $p < 0,05$) e da proteína de fase aguda PCR (aumento de $192,7 \pm 48,8\%$; $p < 0,05$). Assim, o treinamento de força não-linear foi eficiente em aumentar a força muscular, mas com elevação de CK e PCR em atletas de Hockey *in line*.

Apoio: CAPES, CNPq e FAPESP

Programa de pós-graduação *Stricto Sensu* em Ciências do Movimento humano - Instituto de Ciências da Atividade Física e Esporte – Universidade Cruzeiro do Sul;
Programa de pós-graduação em Ciências Fisiológicas - Laboratório de Fisiologia do Exercício – Universidade Federal de São Carlos
gustavo_barquilha@hotmail.com

ESCOLA NOVA NO BRASIL: UMA REFLEXÃO SOBRE A INFLUÊNCIA DO IDEÁRIO ESCOLANOVISTA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Misael Hipólito Ribeiro.

Este trabalho tem por objetivo analisar as contribuições que o Movimento da Escola Nova, propiciou a Educação Física Escolar. Porém apesar de decorridos quase 80 anos da publicação do documento que se tornou um marco referencial na história da educação brasileira de ruptura com o ensino tradicional o Manifesto dos Pioneiros (1932-2009) e dos embates ocorridos entre os escolanovistas e os defensores do ensino tradicional ter dominado o cenário educacional no período compreendidos entre as décadas de 1920 à 1950, o debate em torno das influências da Escola Nova na interface da Educação Física permanecem ainda pouco explorado, quase nebuloso com uma produção acadêmica praticamente ínfima. A justificativa deste trabalho é importante nesse contexto atual da Educação Física de críticas, incertezas e acreditamos ser de suma importância conhecer as dimensões pedagógicas que possibilitem embasar teoricamente a Educação Física e a formação docente. Procuramos através de um trabalho teórico-bibliográfico, mostrar conceitualmente as diferenças entre o Ensino Tradicional e a Escola Nova. Ao nosso ver, acreditamos que a Escola Nova contribuiu com a Educação Física no bojo das atuais concepções progressistas, pois o atual discurso (não tão) moderno de prática docente e professor reflexivo, métodos de projetos (transdisciplinar, multidisciplinar, interdisciplinar), trabalhos em grupos, heterogeneidade e contrato didático (consenso) pregadas por John Dewey e os demais escolanovistas ganhou ares de modernidades em releituras por autores atuais e foram adotadas pela Educação Física e pela educação de maneira geral.

SME - Miguelópolis/SP

misaribeiro@hotmail.com

EXERCÍCIO FÍSICO COMO COADJUVANTE NO CONTROLE PRESSÓRICO DE INDIVÍDUOS HIPERTENSOS

Priscila Moulaiibb; Haliny Miqueleto Casado; Luiza Viola Romani; Thalita Berdú Llevadot e Sandra Lia do Amaral.

INTRODUÇÃO: Hipertensão arterial é uma doença multifatorial e assintomática, que acomete 30% dos brasileiros e representa um dos principais fatores de risco para morbidade e

mortalidade cardiovasculares. A realização de exercício físico regularmente e supervisionado pode ser uma medida eficiente para a redução da pressão arterial (PA). OBJETIVO: Avaliar o efeito de um programa de exercício físico supervisionado durante 6 meses nas variáveis hemodinâmicas em indivíduos hipertensos. MÉTODOS: Foram avaliados 9 indivíduos de ambos os sexos (56±3anos), sob tratamento farmacológico. Todos os indivíduos foram submetidos a um teste ergométrico submáximo para estimativa do VO₂ máx e prescrição de exercícios físicos. O programa de condicionamento físico foi constituído de exercícios aeróbios de 40 a 60% VO₂ máx. e flexibilidade, 3 vezes/semana com duração de 90 minutos, por 6 meses. A PA e a frequência cardíaca (FC) foram aferidas antes, durante e após cada sessão de acordo com as V Diretrizes Brasileiras de Hipertensão Arterial. A FC foi utilizada para controle da intensidade do exercício. Os dados foram analisados no início e no 6º mês por meio do teste *t de student*, com nível de significância de $p < 0,05$. RESULTADOS: O condicionamento físico determinou queda significativa na PA sistólica (PAS = 119±4 vs 133±4 mmHg, final vs início, $p < 0,05$). A PA diastólica também reduziu-se significativamente após 6 meses de exercício (de 84±2 para 76±2 mmHg, $p < 0,05$). Os valores de FC e consumo máximo de oxigênio não se alteraram significativamente. No entanto, a redução na PAS contribuiu para determinar uma queda significativa no duplo produto de 15%. CONCLUSÃO: Os resultados do estudo comprovam a eficiência de um programa de 6 meses de exercícios físicos supervisionados no controle pressórico de indivíduos hipertensos.

Departamento de Educação Física, Faculdade de Ciências, Unesp-Bauru, SP.

moulaibb.unesp@yahoo.com.br

EXPRESSÃO E CONSCIÊNCIA CORPORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Fernanda Montebugnoli Boniotti; Ana Flora Zanirato Zonta.

O ser humano por meio da Linguagem Corporal, expressa as suas emoções, pensamentos, sensações, comunicando-se e interagindo dessa maneira na Sociedade em que vive. Pensando na infância como uma das fases mais significativas de nossas vidas, o objetivo desse estudo é de compreender por meio da observação de aulas de Educação Física, como as crianças se expressam e qual a Linguagem mais utilizada por elas para o desenvolvimento de um diálogo comunicativo e expressivo. Outro aspecto analisado na Educação Infantil está relacionado à Consciência Corporal. Através do conhecimento de seu próprio corpo, a criança inicia o processo de conhecimento e reconhecimento corporal, compreendendo as suas possibilidades de movimento, enfrentando desafios e limitações, construindo a sua identidade. A cada dia crescem os números de Creches e Escolas de Educação Infantil em nosso País. Pensando nesse fato e nos estudos realizados, cresce também o interesse e a necessidade de se ter uma educação infantil de qualidade. A Educação Física nas Instituições de Educação Infantil, não é obrigatória. Esse estudo traz uma discussão sobre a importância de se ter uma prática corporal orientada por profissionais da Área de Educação Física, visando, principalmente, a expressividade espontânea da criança. Para isso, o palco desta Proposta é o Centro de Convivência Infantil-CCI da UNESP de Bauru, tendo como sujeitos quinze crianças, de cinco anos de idade de ambos os sexos. As observações estão sendo feitas há um ano e os Resultados já se direcionam à preocupação inicial: a necessidade de um profissional especialista graduado em Licenciatura em Educação Física, considerando os conteúdos específicos contidos na formação desse profissional, pois a comunicação expressiva dos pequeninos, na maioria das vezes, está apoiada no processo imitativo imposto pelo professor-pedagogo-recreacionista, ato prejudicial que limita a expressão comunicativa individual espontânea.

UNESP-Bauru
ferboniotti@hotmail.com

ÍNDICES CORPORAIS COMO INDICATIVOS DE HIPERTENSÃO ARTERIAL EM PRÉ-ADOLESCENTES E ADOLESCENTES OBESOS

Loreana S. Silveira; Karolynne N. Bastos; Driele Pereira da Silva; Paula Alves Monteiro; Ismael F. F. Júnior.

Introdução: A puberdade é marcada por intensas mudanças na vida dos jovens e alguns índices corporais que podem servir como indicativo de algumas alterações morfológicas relacionadas à algumas doenças crônicas como a hipertensão. O objetivo do presente estudo foi analisar e discutir, entre os sexos, quais os índices que apresentam maior correlação com a hipertensão. **Metodologia:** Foram mensuradas massa corporal, estatura e diâmetros de 34 crianças e adolescentes, sendo 18 meninos com idade média de 11,5 ($\pm 2,98$) anos e 16 meninas com idade média de 11,9 ($\pm 2,62$) anos. Amostra foi dividida por sexo e foram calculados Índice de Massa Corporal ($IMC = \text{peso}/\text{estatura}^2$); Índice Rohrer ($\text{peso}/\text{estatura}^3$), para determinar adiposidade; Índice Acrômio-Iliaco ($\text{diâmetro bilioicristal} \times 100/\text{diâmetro biacromial}$) e Índice Córmico ($\text{estatura sentado} \times 100/\text{estatura}$), para analisar a morfologia do tronco, além das aferições de Pressão Arterial Sistólica (PAS) e Diastólica (PAD). Uma maior precisão na mensuração da massa adiposa foi obtida através do exame de densitometria óssea (DEXA equipamento DPX-NT, marca GE-Lunar). A análise estatística foi feita por meio do programa SPSS, versão 10.0 ($p < 0,05$). **Resultados:** O sexo masculino apresentou significância estatística quando relacionada a PAS com o IMC ($r = 0,631$, $p = 0,005$) e PAS com o Índice Rohrer ($r = 0,580$, $p = 0,012$). No caso do sexo feminino a PAS apresentou correlação significativa apenas para o Índice Acrômio Iliaco ($r = 0,713$, $p = 0,002$). No caso da PAD o sexo masculino apresentou correlações significantes com os Índice Rohrer ($r = 0,721$, $p = 0,001$), com o IMC ($r = 0,480$, $p = 0,044$) e com o percentual de gordura ($r = 0,482$, $p = 0,043$). As correlações do sexo feminino apresentou correlações no limite da significância estatística entre PAD e IMC ($r = 0,478$, $p = 0,061$) e Índice Córmico ($r = 0,472$, $p = 0,065$). **Conclusão:** Verificou-se que alguns dos índices corporais estudados podem ser indicativos de hipertensão arterial, principalmente no sexo masculino.

Apoio: PIBIC
Universidade Estadual Paulista – UNESP – Presidente Prudente
loreana_loly@hotmail.com

INTERVENÇÃO PSICOMOTORA EM CRIANÇAS COM DISLEXIA

Rafael César Ferrari; Ninfa de Lima B. Beneti; Edelvira C. Q. Mastroianni; Irineu A. Tuim Viotto Filho.

O presente estudo vinculado ao laboratório de atividades lúdico-recreativas (LAR) da UNESP/Pres. Prudente, aborda a importância e o papel da psicomotricidade no desenvolvimento de crianças com dislexia. Considerando que os aspectos psicomotores são fatores importantes no processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança, pois enriquecem as suas possibilidades de desenvolvimento no que se refere à apropriação de conceitos e formas diferenciadas de pensar, por meio de experiências. Evidencia-se também que é na fase escolar que as crianças constroem, com base no seu esquema corporal, a sua

estruturação e orientação no espaço e no tempo, propiciando a progressiva exigência dos recursos motores, cognitivos, afetivos e sociais, fato que torna fundamental a verificação do nível de desenvolvimento psicomotor e a identificação dos déficits apresentados por crianças com dislexia. O presente projeto se desenvolve a partir de um programa de atividades lúdico-recreativas, em que participam 05 crianças que foram submetidas a uma avaliação baseada na escala do desenvolvimento motor para identificar seus níveis de desenvolvimento psicomotor. No programa de atividades lúdico-recreativas são realizadas sessões semanais, de forma a propiciar novas e diferenciadas atividades que estimulem o seu desenvolvimento psicomotor. No final do período letivo aplica-se novamente a avaliação motora com objetivo de verificar as evoluções e superações obtidas pelas crianças ao longo do processo de intervenção. Pode-se afirmar, a partir dos resultados que os 05 participantes evoluíram significativamente nos aspectos de motricidade fina, esquema corporal e organização, assim como nos demais aspectos psicomotores conseguiram uma boa manutenção. Diante disso pode-se considerar que as atividades lúdicas, baseadas na psicomotricidade, contribuem de maneira satisfatória para o desenvolvimento psicomotor das crianças com dislexia e pode ser uma importante ferramenta para o seu desenvolvimento no âmbito escolar e social.

Apoio: PROEX
Faculdade de Ciências e Tecnologia-UNESP - Pres. Prudente
rafaeleduca_unesp@yahoo.com.br

LACTACIDEMIA E DESEMPENHO EM TESTE PROGRESSIVO ENTRE INDIVÍDUOS TREINADOS COM PESOS E AEROBIAMENTE

Vinicius Souza Napolitano e Dalton Muller Pessoa Filho.

Ao prescrever um programa de treinamento físico deve-se atender ao princípio da especificidade, que se refere às demandas fisiológicas impostas pelo tipo de exercício. No presente estudo, o desempenho em teste progressivo foi comparado quanto ao perfil lactacidêmico entre indivíduos com diferentes níveis de aptidão cardiorespiratória e neuromuscular. Oito homens (24,5±1,8 anos, 76,2±6,8kg e 175,9±5,8cm) foram divididos em dois grupos (GTF: treinado com pesos; GTA: treinado de forma aeróbia) e submetidos a um teste progressivo, contínuo e máximo em cicloergômetro de frenagem mecânica (1,5W/kg⁻¹ no primeiro estágio e incrementos de 0,5W/kg⁻¹ a cada três minutos até a exaustão). Ao final de cada estágio o sangue foi coletado (25µl) e analisado no 2300STAT (Yellow Spring). O limiar anaeróbico (LAn) foi determinado pelo ajuste exponencial da cinética do lactato e interpolado para uma concentração fixa de 3,5mmol/L. O teste de ANOVA (Bonferroni como post-hoc) comparou as médias de duração do teste, carga final e carga em LAn entre os grupos. O coeficiente de Pearson (r) e o momento de correlação parcial analisaram a relação entre estas mesmas variáveis sem e com, respectivamente, o efeito da diferença de aptidão física entre os sujeitos. Adotou-se $\alpha=0,05$. Notou-se diferenças entre os grupos quanto à carga em LAn (GTF 79,0±22,0W; GTA 183,3±22,7W). Não houve diferença na carga final de teste, mas o tempo de exaustão foi diferente entre os grupos (GTF 13,63±1,92min; GTA 21,39±3,51min). O coeficiente de Pearson, que carrega a influência das diferenças de aptidão entre os grupos, evidenciou influência entre o tempo final de teste (0,812) e carga final de teste (0,613) sobre a carga em LAn a favor de GTA. Pela semelhança no peso corporal entre os grupos (GTF 78,2±3,1kg; GTA 74,3±8,0kg), conclui-se que a maior quantidade de estágios desempenhados por GTA reside na menor taxa acúmulo de lactato (maior fração oxidativa) em cada estágio, proporcionando maior LAn e tempo de exaustão.

Departamento de Educação Física, Faculdade de Ciências – UNESP/Bauru

dmpf@fc.unesp.br**MÚSICA E EDUCAÇÃO FÍSICA INTEGRADAS AO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO NA ESCOLA**

Thiago Henrique de Carvalho; Irineu Aliprando Tuim Viotto Filho.

Essa pesquisa-intervenção enfatiza a relação entre música e EF (educação física) e sua contribuição para o processo de desenvolvimento humano na escola. A EF ao se relacionar com a música possibilitará diferenciadas formas de expressão humano-corporal, pois ao proporcionar práticas da cultura corporal, permeadas pelos variados OM (objetos musicais) (samba, funk, etc), poderá promover, além do desenvolvimento físico, condições para a construção da subjetividade humana, conteúdos essenciais ao processo de humanização. Nessa perspectiva, os seres humanos passam a ser reconhecidos como sujeitos histórico-culturais-corporais, não mais dicotomizados em corpo-mente, mas sim reconhecidos na sua totalidade bio-física, histórica e social. Esse trabalho de pesquisa, ao socializar a música nos seus variados gêneros e estilos, a partir da EF, poderá criar condições concretas aos escolares para experienciar OM diferenciados e, nesse sentido ampliar as possibilidades de desenvolvimento da sua subjetividade. Ao defender a importância desses novos OM e sua relação com a EF no processo de desenvolvimento humano, esse trabalho poderá se constituir como importante instrumento mediador para a construção de uma educação de qualidade. O trabalho encontra-se em andamento e tem sido realizado com escolares da 3ª. série do ensino fundamental de uma escola pública estadual da cidade de Presidente Prudente/SP. Ao concluir as observações sistemáticas do campo, pode-se notar que nas aulas de EF o OM não tem sido trabalhado e observa-se também a prioridade das atividades esportivas e competitivas e a secundarização dos jogos e brincadeiras nas aulas de EF. Espera-se, com a implementação desse projeto, proporcionar aos estudantes, condições reais através das aulas de EF, de apropriação de OM e da cultura corporal, com objetivo de desenvolver novas e diferenciadas formas de manifestação da sua subjetividade pela via das ações prático-teóricas proporcionadas pela EF Escolar e na direção da humanização.

UNESP-PRESIDENTE PRUDENTE-Depto Educação Física

Thc_pirapo@hotmail.com**NÍVEIS DE OBESIDADE INFANTIL DE ALUNOS DE ESCOLAS DA REDE PÚBLICA URBANA E RURAL**

Julio Wilson dos-Santos; Adriana Nascimento de Souza; Alessandra Neves Roque; Ana Lúcia Porfírio; Claudio Tarso de Jesus Santos Nascimento.

Esse estudo teve como objetivo comparar os níveis de obesidade infantil de escolares das zonas rural e urbana do município de São José do Rio Pardo/SP. Participaram do estudo 249 crianças, de ambos os gêneros, de quatro escolas rurais (RUR, n = 99) e uma escola da periferia da cidade (CID = 150) de São José do Rio Pardo/SP de 7-10 anos, todas da rede pública. Os parâmetros avaliados foram a massa corporal, a altura e o índice de massa corporal (IMC = massa corporal/altura²). Através do IMC os alunos foram classificados com sobrepeso ou com obesidade, de acordo com a classificação proposta para crianças e adolescentes utilizada pela Organização Mundial de Saúde, publicada em 2000. A diferença entre o IMC foi determinada através do teste-t para amostras independentes e a diferença entre o nível de obesidade

através do teste de Qui-quadrado, com nível de significância de 5%. Não houve diferença no IMC tanto entre os meninos (7 anos = $15,0 \pm 1,6$ vs $16,1 \pm 2,8$; 8 anos = $16,3 \pm 1,6$ vs $16,2 \pm 2,5$; 9 anos = $17,7 \pm 3,3$ vs $16,2 \pm 2,5$; 10 = $17,0 \pm 3,8$ vs $19,0 \pm 4,5$ Kg·m⁻²) quanto entre as meninas (7 anos = $17,8 \pm 2,7$ vs $16,2 \pm 2,4$; 8 anos = $16,8 \pm 4,3$ vs $16,4 \pm 2,8$; 9 anos = $16,6 \pm 2,9$ vs $18,0 \pm 3,9$; 10 anos = $18,4 \pm 3,1$ vs $16,8 \pm 3,6$ Kg·m⁻²) da CID e da RUR, respectivamente. O índice de sobrepeso e obesidade também não diferiu entre os meninos (sobrepeso = 10,9 vs 10,3%; obesidade = 3,6 vs 8,6%) e entre as meninas (sobrepeso = 11,4 vs 8,8%; obesidade = 9,1 vs 6,6%) da CID e da RUR, respectivamente. Considerando todos os avaliados, também não houve diferença no sobrepeso (11,1 vs 9,4%) e na obesidade (6,0 vs 7,4%) entre os alunos da CID e da RUR, respectivamente. Não houve diferença nos níveis de sobrepeso e de obesidade entre os alunos da zona rural e da periferia da cidade estudada. Ambos os grupos, CID e RUR, apresentaram índices de sobrepeso e obesidade inferiores aos de outras regiões do Brasil, o que justifica um mapeamento regional sobre a obesidade no Brasil.

Grupo de pesquisa em fisiologia aplicada ao treinamento esportivo (FITES) – DEF/FC, UNESP,
Bauru/SP;

Faculdade Euclides da Cunha, FEUC, São José do Rio Pardo.

santos@fc.unesp.br

O DESINTERESSE E A INDISCIPLINA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO SEXTO AO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Nicole Chiba Galvão; Daiane Pessoa Berto; Iani Fassa dos Santos; Jéssica dos Santos; Luciene Ferreira da Silva.

O presente trabalho objetivou compreender as temáticas, desinteresse e a falta de disciplina, observadas nas aulas de Educação Física, de acordo com as discussões propostas pela disciplina de Estágio Supervisionado: Prática de Ensino em Educação Física no Ensino Fundamental (5^a a 8^a séries). Tais temáticas foram elencadas após observações e intervenções nas aulas de Educação Física e aplicação de questionários aos alunos. Para compreender melhor o problema, apoiou-se em literaturas acerca do comportamento e dos interesses dos adolescentes, do contexto escolar, da formação profissional e das políticas públicas atreladas ao neoliberalismo. O desinteresse dos alunos pelas aulas de Educação Física é crescente ao longo das séries devendo-se a diversos fatores como repetição de conteúdos, inadequação a faixa etária, a falta de correlação entre as políticas públicas e a realidade encontrada na escola. Deste modo, esta falta de interesse também contribui para o segundo problema levantado, que é a indisciplina. Foi entendido então que a indisciplina pode ser compreendida pela falta matrizes teóricas úteis do professor em seu processo de formação, pela falta de envolvimento com o momento histórico de seus alunos, e para complementar, a falta de organização escolar atual. Como proposta para amenizar estas problemáticas é de vital importância fortalecer o diálogo do tripé aluno – escola – professor em que podem ser trabalhados planejamentos participativos, conteúdos não tradicionais, interdisciplinaridade, temas transversais e principalmente a melhoria dos métodos avaliativos. A disciplina e o interesse estão atrelados ao entusiasmo pela busca do conhecimento e a noção de importância que tem a escola e a educação para a vida dos educandos. No entanto a escola vem perdendo sua especificidade, não mais formando cidadãos críticos de forma global e sim atendendo apenas a expectativas mínimas de formação exigidas pela sociedade, sobretudo para o mundo do trabalho.

Departamento de Educação Física - UNESP – Bauru
Departamento de Educação – UNESP - Bauru

O DUPLO PRODUTO OBTIDO EM DUAS MODALIDADES DO TREINAMENTO RESISTIDO

Francisco Gouvêa Jr; Luana Urbano Pagan.

Introdução: A observação isolada da frequência cardíaca (FC) e da pressão arterial (PA) não garante um nível significativo de segurança para a avaliação dos impactos de diferentes modalidades de exercício sobre o sistema cardiovascular. Porém, o produto destes parâmetros fornece dados que se correlacionam com o consumo de oxigênio pelo miocárdio, denominado duplo produto (DP). Assim, este estudo verificou o comportamento da PA e da FC em dois momentos, em repouso e após a execução de dois tipos de treinamento resistido: resistência muscular localizada (RML) e hipertrofia (HIPER), em indivíduos não-treinados e, a partir deles, calcular o DP. Metodologia: A amostra foi de 21 mulheres (21 ± 1 anos) que não praticavam exercícios resistidos. Todas realizaram um teste de uma repetição máxima para posterior execução do protocolo, que consistiu na realização de 3 séries, cada uma com 15 repetições com 50% da carga máxima para o RML, e igualmente 3 séries, cada uma com 6 repetições com 70% da carga máxima, para o HIPER. Os intervalos entre as séries para o RML foram de 1 minuto e para o HIPER foram de 1,5 minutos. O exercício realizado foi leg press horizontal. A PA foi aferida pelo método auscultatório, após repouso de 10 minutos e após o término da atividade. A FC foi mensurada por um monitor cardíaco, no início e no fim da execução de cada série. A análise estatística foi feita pelo Test "t-student" pareado, considerando nível de $p < 0,05$. Resultados: Os valores obtidos, em média e erro-padrão do DP, foram para o exercício de RML de $8.028,95 \pm 325,16$ (repouso), $14.134,57 \pm 481,81$ (final), e para o de HIPER foram de $8.604,10 \pm 375,02$ (repouso) e $14.500,19 \pm 578,49$ (final), sendo ambos estatisticamente significantes. Não houve diferenças significativas dos valores da DP entre as duas modalidades, tanto em repouso quanto após o exercício. Conclusão: A análise dos dados permite concluir que os exercícios de HIPER e de RML promovem alterações semelhantes no DP.

Departamento de Educação Física, Faculdade de Ciências, Unesp-Bauru, SP.

gouvea@fc.unesp.br

O OLHAR DE FORMANDOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Rogério Zaim-de-Melo; Iris Costa Soares; Carlos Eduardo Vilela Gaudioso.

O Estágio Supervisionado é um dos pré-requisitos para a obtenção do título de licenciado em Educação Física, caracteriza-se por 400 horas que deverão ser desenvolvidas a partir do início da metade do curso. A distribuição da carga horária, locais da realização do Estágio, quer seja em instituições públicas, quer seja em instituições particulares, e, as etapas de ensino (Educação Infantil, Ensino Fundamental ou Ensino Médio) que serão atendidas ficam a cargo das Instituições de Ensino Superior. O presente estudo teve o objetivo de verificar sob a ótica de acadêmicos do 8º Semestre de Educação Física a importância/significado do Estágio Supervisionado, enumerando as principais experiências positivas e/ou negativas do discente ao estagiar e, as possíveis mudanças na estrutura do Estágio Supervisionado. Para tanto se realizou uma pesquisa de natureza qualitativa tendo como sujeitos 35 acadêmicos do 8º semestre de Educação Física de duas IES que responderam a um questionário composto com 03 (três) questões abertas. Os dados obtidos foram analisados com a técnica de Análise de Conteúdo. Os resultados indicam que os acadêmicos reconhecem a importância do Estágio em sua formação, reivindicando em alguns casos uma maior participação do professor supervisor

e/ou orientador. Apresentaram experiências positivas, principalmente no que concerne ao desenvolvimento de relação afetiva professor/aluno.

MAGSUL; UNIGRAN
rogeriozmelo@gmail.com

ORIENTAÇÃO MOTIVACIONAL NA MODALIDADE DO BASQUETEBOL: UM ESTUDO PILOTO

Vinicius Barroso Hirota; Carlos Eduardo Lopes Verardi; Ana Paula da Silva Lobo; Ademir De Marco.

O basquetebol é um esporte no qual os estados emocionais, a ansiedade, o estresse e a motivação se sobressaem devido ao seu caráter coletivo e por ser um esporte de contato. Este estudo piloto tem como objetivo, verificar a orientação motivacional (tarefa ou ego) durante a aprendizagem esportiva do basquetebol, e iniciar o processo de validação do instrumento. Utilizou-se uma escala de motivação do tipo Likert de cinco pontos, a TASK AND EGO ORIENTATION IN SPORT QUESTIONNAIRE (TEOSO), no qual determinará o tipo de orientação motivacional dos atletas de basquetebol. A escala foi traduzida, adaptada e validada da língua inglesa para a língua portuguesa, apresentando atualmente seus resultados no futebol. Sendo assim, algumas adaptações foram realizadas a fim de demonstrar seus resultados no basquetebol. A amostra foi constituída por 37 jogadores de basquetebol do sexo masculino, idade entre 11 e 17 anos, participantes de escolas de esportes municipais mantidas pela Prefeitura da Cidade de São Caetano do Sul. Foi calculado o *Coefficiente Alfa de Cronbach* para verificar a validade e fidedignidade do instrumento, além da média e o desvio padrão de cada orientação fazendo uso do software *SPSS data editor*, versão 13.0 for windows. A escala apresenta *Alfa* de Tarefa de 0.73 e Ego de 0.71, mostrando sua estabilidade e fidedignidade. As médias de orientação de Tarefa dos alunos entre 11 e 13 anos mostrou-se em 4,6 ($\pm 0,62$), entre 14 e 15 anos 4,23 ($\pm 0,78$) e entre 16 e 17 anos média de 4,78 ($\pm 0,10$), a média do grupo de 4,36 ($\pm 0,75$). Em relação a orientação para Ego entre 11 e 13 anos temos 3,11 ($\pm 0,84$) seguido de 14 e 15 anos com 2,74 ($\pm 1,02$) e entre 16 e 17 anos 2,66 ($\pm 0,47$) revelando média do grupo de 2,83 ($\pm 0,97$). Concluímos que, os alunos aprendizes do basquetebol são orientados para Tarefa, mostrando-se mais perspicazes na aprendizagem de uma nova jogada, trabalhando mais em função do grupo e são mais persistentes em função do resultado do jogo.

Universidade Presbiteriana Mackenzie; Instituto de Ensino Superior de Santo André; Centro
Universitário de Votuporanga; FAIMI; UNIP; UNICAMP.
vhirota@mackenzie.com.br

OS BRINQUEDOS NO PROCESSO EDUCACIONAL DE CRIANÇAS DOS PRIMEIROS E SEGUNDOS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Bárbara Pignataro Fumes, Luciene Ferreira da Silva.

O adiantamento de um ano para o início da vida escolar, fez com que a escola se tornasse, ainda mais, um local de difícil permanência do infante, pois suas características quase não são levadas em conta no sistema atual de ensino, que visa a preparação para o futuro. Nessa fase, as crianças são muito apegadas aos seus familiares, seus objetos e ambientes costumeiros, ao entrarem na escola se deparam com uma realidade totalmente diferente da do seu cotidiano. A importância atribuída ao brincar, bem como ao seu acesso na infância se vêem diminuídos por conta da transformação do objeto de brincar em objeto a ser consumido,

comercializável, pouco inventado ou criado e transformado. Os brinquedos que podem ser construídos com finalidades educacionais não estão sendo abordados na escola, em aulas de Educação Física, como poderiam e isso nos chama a atenção por alguns motivos. Primeiro, porque o processo de formação profissional pode não estar dando a devida ênfase à necessidade criativa, manipulativa e cultural que possui o brinquedo e segundo, porque o brinquedo pode não estar sendo visualizado enquanto objeto educacional. A pesquisa em andamento objetiva pesquisar se os brinquedos vem sendo criados ou não e de que maneira são abordados na escola, em especial na Educação Física escolar. pesquisa se realizará por meio de pesquisa bibliográfica e se utilizará de entrevistas junto aos professores de escolas de Bauru- SP. Serão investigadas três escolas, sendo uma municipal, uma estadual e uma privada. Tem-se como hipótese que devido à comercialização de todos os bens possíveis, incluindo os brinquedos, os fabricantes investem fortemente nos atrativos dos produtos para instigar as crianças em possuírem esses objetos. (SANTOS, 2002, FRIEDMANN, 1998). Para Lebovici (1998) o brincar e o brinquedo são elementos do universo infantil, ausente de responsabilidades, à medida que a criança adquire obrigações, como a escola, o direito a brincadeira e ao brinquedo vai se perdendo.

Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho – UNESP.

barbarafumes@terra.com.br

OS JOGOS E AS BRINCADEIRAS DE CRIANÇAS DE UMA ESCOLA RURAL: UM ESTUDO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE PONTA PORÃ, MS

Iris Costa Soares; Rogério Zaim-de-Melo; Carlos Eduardo Vilela Gaudioso; Carlos Alberto Mundier Junior; Ana Paula da Cunha Arguelho

A escola rural possui características peculiares, atende crianças que moram próximas à escola e outras mais distantes, das mais variadas faixas etárias, gerando muitas vezes distorção ano/série, ou seja, alunos que por sua idade deveriam cursar anos diferentes ao que estão um dos fatores que contribui para essa situação é a distancia de suas residências (fazendas, sítios ou chácaras) do local em que estudam, acarretando em um grande numero de evasão escolar. Os alunos são muito educados, ávidos em aprender, divertidos, às vezes muito carentes, exigentes de carinho e atenção do professor, correm o tempo todo, são agitados, com uma "preguiça" maior para estudar, são crianças incomuns diferentes das que estudam nas escolas urbanas. O presente estudo teve o objetivo de verificar quais são os jogos e brincadeiras preferidos de alunos de uma escola rural da cidade de Ponta Porã. Para atingir esse propósito realizou-se um portfólio de avaliação em Educação Física com alunos do 5º, 6º, 7º e 9º anos, totalizando 66 discentes. Os desenhos demonstram as atividades preferidas de cada criança, sendo representados os seguintes jogos e brincadeiras: futebol (49), vôlei (23), pular corda (5), basquete (1), esconde-esconde (1), tênis (1), amarelinha (2), queimada (3), dança (1), andar de bicicleta (2), atletismo (3), natação (2), hipismo (1), pega-pega (1) e *bets* (1). Todas as brincadeiras demonstram a relação salutar existente entre o campo e a criança, na qual a liberdade predomina e o ar livre e um dos requisitos para o gostar.

MAGSUL; UNIGRAN

rogeriozmelo@gmail.com

PERFIL DA COMPOSIÇÃO CORPORAL DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS PRATICANTES DE NATAÇÃO

Camila Bissaro; Cassiano Merussi Neiva.

Vários estudos indicam que jovens estão se tornando pouco ativos e com isso estão adquirindo excesso de peso e desenvolvendo doenças advindas do hábito de vida sedentário. Uma baixa deposição de gordura corporal está associada a uma menor ocorrência de distúrbios como hipertensão arterial, doença arterial coronariana, diabetes melitus, hiperlipidemias e obesidade. Exercícios físicos regulares podem contribuir para o aumento de massa magra e diminuição da porcentagem de gordura corporal, melhorando o metabolismo da glicose e da sensibilidade da insulina, evitando assim, o sobrepeso ou obesidade e conseqüentemente, diminuindo o risco de desenvolver cardiopatias. O objetivo deste estudo foi avaliar o perfil da composição corporal de universitários praticantes de natação relacionando o índice de massa corporal (IMC), a relação cintura-quadril (RCQ) e a porcentagem de gordura corporal (%GC) desses indivíduos. Participaram do estudo 14 voluntários, com idade entre 18 e 24 anos, praticantes da modalidade há pelo menos 6 meses. O quesito principal para inclusão foi a prática de no mínimo 3 vezes por semana. Os resultados demonstraram que os valores médios de IMC, RCQ e %GC foram respectivamente 23,12, Kg/m², 0,830 e 11,88%. Tais resultados, quando em confronto com a literatura, demonstram que os sujeitos apresentam uma excelente composição corporal com dados significativamente mais baixos do que aqueles esperados em indivíduos da mesma faixa etária, porém sedentários. Isto representa benefícios à saúde, mostrando que sujeitos com um estilo de vida ativo se destacam neste sentido, se comparado com a maioria da população dessa faixa etária.

Unesp *campus* de Bauru
camilabissaro@yahoo.com.br

PERFIL DO ESTILO DE VIDA DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE DE UMA UNIDADE DE SAÚDE DA FAMÍLIA DO INTERIOR DE SP

Kelen Cristina Paccola Larini; Giovana Budart; Tiago Rocha Pinto.

Introdução: O estilo de vida representa o conjunto de ações cotidianas que reflete as atitudes e valores das pessoas, sendo o principal responsável pelo surgimento das doenças crônico-degenerativas. O objetivo do nosso trabalho foi analisar o estilo de vida dos profissionais de saúde de uma Unidade de Saúde da Família da cidade de Botucatu/SP. Metodologia: Utilizamos uma amostra de 25 pessoas, 8 com ensino superior completo, 5 com ensino superior incompleto, 10 com ensino médio completo e 2 com ensino fundamental completo. Aplicamos o questionário do Perfil do Estilo de Vida Individual. Este gera um mapa individual de avaliação de cinco aspectos, representados por um pentágulo que ilustra cinco componentes contribuintes para a qualidade de vida dos indivíduos: nutrição; atividade física; comportamento preventivo; relacionamento social; e controle do estresse. As perguntas de cada componente tiveram valores de 0 a 3 sendo distribuídos: 0 não faz parte do seu estilo de vida (NUNCA), 1 às vezes corresponde ao comportamento (ÁS VEZES), 2 quase sempre verdadeiro (QUASE SEMPRE), 3 completa realização do comportamento (SEMPRE). Os resultados demonstraram que das respostas referentes à nutrição (40%) ficaram no quase sempre. Quanto à atividade física (52%) das respostas enquadraram-se no item nunca; o comportamento preventivo ficou com (73,4%) de respostas do item sempre; já o aspecto relacionamento social houve um certo equilíbrio nas respostas, prevalecendo (32%) no item sempre e o controle do estresse foi avaliado com (38,7%) de respostas quase sempre.

Concluimos que mais da metade dos profissionais desta unidade de saúde possui deficiência no componente atividade física, corroborando com estudos que indicam que a maioria das pessoas no Brasil e também no mundo é sedentária. Já o aspecto comportamento preventivo com um grande número de respostas talvez possa ser explicado pelo fato de que todos os participantes do estudo eram profissionais de saúde.

Faculdade de Medicina de Botucatu (FMB-UNESP)

klarini@bol.com.br

PERFIL MOTOR DE CRIANÇAS QUE APRESENTAM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Maiara P. Assumpção; Rafael César Ferrari; Edelvira C. Q. Mastroianni; Irineu A. Tuim Viotto Filho.

Sabe-se que ao longo do desenvolvimento infantil ocorrem mudanças nos padrões de movimento e também que os componentes da aprendizagem motora exercem influência na aquisição das habilidades e padrões cognitivos. Desta forma, afirma-se que o desenvolvimento das capacidades motoras, particularmente da noção corporal, de tempo e espaço, nos anos que antecedem a idade escolar, revela-se fundamental, porque tais capacidades são solicitadas no processo de aprendizagem escolar. Identifica-se que as crianças com dificuldades de aprendizagem evidenciam um conjunto de características e comportamentos que as diferenciam das crianças que aprendem com mais facilidade, com isso torna-se importante analisar o perfil motor das crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem para podermos intervir no seu processo de desenvolvimento escolar. Para avaliação dos sujeitos participantes dessa pesquisa utilizou-se a escala de desenvolvimento motor, que avalia os seguintes elementos: motricidade fina e global, equilíbrio, esquema corporal, organização espacial e temporal. Participaram do estudo 5 crianças, duas do sexo feminino e três do masculino entre 8 a 12 anos. Para a análise dos resultados as crianças foram separadas por dois grupos etários sendo o primeiro de 8 e 9 anos e o outro de 11 a 12 anos. Segundo os resultados das avaliações as crianças do primeiro grupo apresentaram atraso significativo em relação a sua idade cronológica nos quesitos equilíbrio e esquema corporal. No segundo grupo as maiores defasagens foram no esquema corporal, organização espacial e temporal. Comparando os grupos nota-se que os sujeitos de ambos apresentaram defasagem no esquema corporal, elemento primordial para complementação da aprendizagem escolar. Sendo assim, afirma-se a importância da intervenção de profissionais da educação física para superação dos déficits apresentados por crianças em idade escolar e defende-se que a formação deste profissional não pode prescindir da psicomotricidade.

Apoio: PROEX

Faculdade de Ciência e Tecnologia – UNESP

maiaaraassumpcao@hotmail.com

PLANEJAMENTO, ORGANIZAÇÃO E OBJETIVOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Mariana Vidal Syllós; Fernanda M Boniotti, Maria Stela F Castro; Augusto F Figueiredo; Livia C. P. Gomes; Luciana S. P. Ramos.

A partir de um período de estágio supervisionado realizado no curso de licenciatura em Educação Física da Unesp de Bauru, propusemos uma discussão sobre algumas problemáticas encontradas no âmbito escolar, tais como o planejamento e a organização dos conteúdos nas

aulas e a falta de objetivos claros por parte dos educadores. A Educação Física abrange inúmeros conteúdos, como jogos, esportes, lutas, danças e ginásticas, a falta de sistematização para a aplicação destes dificulta o trabalho dos professores, que por muitas vezes ficam confusos sobre o que, o porquê e como ensinar esses conteúdos em suas aulas. Uma das possíveis causas dessa falha pedagógica pode ser atribuída à formação profissional. Durante a graduação muitas teorias são estudadas, porém não acabam estabelecendo uma relação direta com a prática e com a realidade encontrada nas escolas. Sem este contato direto com a realidade escolar, o futuro educador físico acaba se sentindo inseguro para a aplicação de suas aulas, e incapaz de coordenar uma turma, devido à defasagem no ensino, no que se refere ao contato direto com o ambiente de trabalho. A falta de um planejamento e organização leva os professores a desenvolver sempre os mesmos conteúdos, como o futebol e o vôlei nas aulas de Educação Física, tornando-as monótonas e desmotivante, além de descaracterizar a disciplina, que tem como principal objetivo ampliar, desenvolver e aperfeiçoar a cultura corporal de movimento dos alunos, não somente passar conteúdos única e exclusivamente relacionados ao desporto. Para modificar esse quadro encontrado nas escolas, não é preciso apenas uma mobilização ou uma reflexão maior da parte dos professores, mas também, a formação de propostas eficientes e programas governamentais que estimulem os profissionais a estudar e se atualizar, podendo desta forma melhorar e modificar suas aulas de acordo com o que cada turma necessita, oportunizando aos alunos um contato maior com os conteúdos da cultura corporal de movimento.

Universidade Estadual Paulista. UNESP – Bauru. Departamento de Educação Física
ma_vidals@hotmail.com

POLÍTICAS PÚBLICAS DE LAZER, ESPORTE E EDUCAÇÃO

Luciene Ferreira da Silva; Flavio Barone Bitelli.

Resumo: Este estudo aborda as políticas públicas de lazer, esporte e educação para a promoção de cultura, e tem como objeto de estudo o projeto social Caná em andamento no bairro Ferradura Mirim, comunidade carente da cidade de Bauru – SP. Um significativo problema nas questões relativas ao lazer, esporte-educação e cultura, tem sido a falta de acessibilidade da população de baixa renda. Esta pesquisa se realiza com auxílio de dados coletados em campo junto aos alunos participantes do projeto Caná, investigação por meio de entrevista com o prefeito da cidade de Bauru ou secretário da área de lazer, sobre projetos a serem implementados, voltados ao lazer, esporte-participação e esporte-educação. Conjuntamente se desenvolve pesquisa bibliográfica sobre o lazer, o esporte e as políticas públicas. O problema foi escolhido por ser relevante para a sociedade, já que o lazer é benéfico para a formação do cidadão, bem como melhoria da qualidade de vida, além de atuar na inserção sócio-cultural dos sujeitos, favorecendo a convivência e desenvolvimento dos grupos de forma criativa. O objetivo da pesquisa é identificar as razões que levam a baixa incidência de projetos sociais, como o Caná, em comunidades carentes, investigando as políticas públicas existentes numa cidade como Bauru, além de aproximar a vertente esporte-lazer ou de participação da comunidade do bairro de Ferradura Mirim, trazendo para a comunidade, a cultura de esportes menos tradicionais. Até o momento, se conclui que não há políticas públicas suficientes para atendimento da população e que as crianças e adolescentes que não freqüentam o projeto Caná, que tem número restrito de participantes não estão usufruindo do seu direito ao lazer e ao esporte. Também se averiguou a inexistência de áreas de lazer, parques, e outros equipamentos de lazer.

Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho
Departamento de Educação
Departamento de Educação Física
lucienebtos@ig.com.br

PRÁTICA DE EXERCÍCIOS FÍSICOS DE PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO DE SACRAMENTO – MG

Cláudio Luiz Neves Júnior; Fernando Oliveira Martins; Vinicius de Lima Freitas.

Sabemos que a qualidade de vida tem relação direta com a prática de exercícios físicos e promoção de saúde no mundo contemporâneo. A presente pesquisa versa sobre a Prática de Exercícios Físicos de Professores do Ensino Médio, da rede pública e particular de Sacramento, do período matutino em 2008. Objetivos: Determinar faixa etária e gênero dos praticantes de exercícios físicos, conhecendo os mais praticados pelos professores; analisar quais exercícios físicos os professores conhecem e já praticaram; e saber qual o motivo que levam os professores a não praticarem. Abordamos questões pertinentes ao assunto com um questionário semi-estruturado. Foram respondidos 40 questionários pelos professores do ensino médio. Sendo 29 mulheres e 11 homens, na faixa etária de 25 a 55 anos. Identificamos nesta amostra que os homens (63,63%) praticam mais atividade física que as mulheres (58,62%); Observamos que após os 55 anos de idade a prática de exercícios físicos é mais constante, quando comparada a outras idades. A caminhada foi apontada como o exercício físico mais praticado por 45% (n=18) dos professores e o mais conhecido por 67,5% (n=27) dos professores; 61% (n=24) dos professores alegaram a falta de tempo como principal motivo para não praticarem exercícios físicos. Podemos concluir que apesar do esforço da área da saúde de Sacramento em oferecer e incentivar a prática de exercícios físicos, com projetos sociais, sob orientação dos professores de educação física nos bairros da cidade. Como também a disseminação de informação por vários meios de comunicação para o benefício da prática regular de exercícios físicos e conseqüentemente a melhora da qualidade de vida, o percentual de professores não-praticantes foi maior com 52,5% (n=21). Estes resultados serão divulgados nas escolas públicas e particulares para alertar os professores sobre os benefícios dos exercícios físicos visando melhorar seus hábitos de vida e salientar sobre os riscos do sedentarismo.

Instituições: Centro Universitário do Planalto de Araxá – UNIARAXA e
Universidade de Franca – UNIFRAN;
Centro Universitário do Planalto de Araxá – UNIARAXA;
Universidade de Franca – UNIFRAN
claudioluiz@uniaraxavirtual.com.br

PROBLEMAS DE GESTÃO DE MATERIAIS PEDAGÓGICOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DETECTADOS ATRAVÉS DO ESTÁGIO CURRICULAR

Thalita Berdú Llevadot; Rafael Quezada Almeida; Luciene Ferreira da Silva.

Este trabalho resulta de uma pesquisa realizada durante a disciplina “Estágio Supervisionado em Educação Física: Práticas de Ensino em Educação Física no Ensino Fundamental (5ª a 8ª Séries)”. Os estagiários/pesquisadores levantaram problemas referentes ao cotidiano escolar que mereciam ser estudados em maior profundidade quando se deseja melhorar a qualidade das interferências educacionais a partir da Educação Física. O problema levantado e

pesquisado diz respeito à gestão de materiais, que não se mostrou apropriada para o desenvolvimento das aulas de Educação Física. Partiu-se da hipótese de que a quantidade e a variedade de materiais para o desenvolvimento das aulas de Educação Física não eram vistos como importantes para o enriquecimento metodológico da aula e para a aprendizagem dos alunos, uma vez que a escola possuía grande quantidade de materiais pedagógicos novos, mas não os colocava em uso com receio de estragarem. Foram observadas aulas de Educação Física em uma Escola Estadual da cidade de Bauru-SP durante três meses. Também foram realizados estudos sobre Educação Física escolar e motivação, distribuição de verbas destinadas à compra de materiais pedagógicos nas Escolas Públicas Estaduais de São Paulo, além das teorias sobre desenvolvimento, lazer, ludicidade e controle dos corpos à luz da filosofia. Com o estudo, se avançou na compreensão do fenômeno pesquisado e se chegou à conclusão que a escola pesquisada não tinha uma gestão de materiais adequada e nem compreendia que aqueles materiais destinados às aulas de Educação Física são como qualquer outro material pedagógico, e a falta dos mesmos prejudica o processo educacional, principalmente desmotivando os alunos, comprometendo as aulas e a visão da sociedade acerca da disciplina Educação Física. Também se concluiu a necessidade e importância do estágio enquanto momento de observação, estudo e compreensão da realidade da Educação e das escolas.

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP, *Campus* de Bauru
thalitaberdu@hotmail.com

RAZÃO DE CHANCE DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES OBESOS EM DESENVOLVER DOENÇAS CRÔNICAS NÃO TRANSMISSÍVEIS

Bárbara de Moura Mello Antunes; Camila Buonani; Paula Alves Monteiro; Driele Pereira da Silva; Loreana Sanches Silveira; Ismael Forte Freitas Júnior.

Introdução: A obesidade, problema que atinge adultos e crianças, sendo considerada fator de risco independente para o desenvolvimento de diversas doenças crônicas. Objetivo: Analisar a razão de chance de crianças e adolescentes obesos em possuir as mesmas doenças crônicas não transmissíveis que seus pais. Métodos: A amostra foi composta por 17 indivíduos de ambos os sexos com idade entre 7 e 17 anos ($11,09 \pm 3,023$) classificados como obesos. A identificação dos fatores de risco nas crianças e adolescentes foi feito por meio da dosagem de glicemia, colesterol total e triglicérides, utilizando o aparelho portátil Accutrend GCT (Roche Diagnostics, Mannheim, Germany), aferição da pressão arterial por meio de monitor automático (marca Omron Healthcare) e estimativa de gordura corporal total realizada pelo DEXA (DPX-NT, Lunar). Aos pais foi aplicado um questionário, desenvolvido exclusivamente para o presente estudo, para verificar a presença das doenças diabetes, hipercolesterolemia, hipertrigliceridemia e obesidade. O tratamento estatístico foi feito por meio da análise de razão de chance, adotando o intervalo de confiança de 95% (IC95%). Resultados: No presente estudo, 100% das crianças são obesas e não apresentaram alteração na glicemia. Quando o pai e a mãe apresentam pressão arterial alterada, a razão de chance do filho apresentar a alteração é, respectivamente, de 3,27 (IC=0,67-15,82) e 2,55 vezes (IC=0,52-12,55). Os valores de razão de chance para hipercolesterolemia do pai e da mãe, em relação aos filhos, é de 0,03 (IC=0,00-0,20) e 0,02 (IC=0,00-0,14). Para triglicérides, os respectivos valores de razão de chance são 0,17 (IC=0,04-0,75) e 0,03 vezes (IC=0,00-0,32). Conclusão: Concluí-se que apesar dos elevados valores de razão de chance para hipertensão, as crianças investigadas não apresentam valores de razão de chance, estatisticamente significante, de apresentarem as mesmas doenças crônicas dos seus pais.

Apoio: PROEX

Universidade Estadual Paulista– UNESP – Campus Presidente Prudente.

bah_tunes@hotmail.com**SENSIBILIDADE DO TESTE AERÓBIO DE VAI-E-VEM DE FUTSAL**Ruth Luzia Baraviera; Julio Wilson dos-Santos; Olga de Castro Mendes; Edson Valter Lopez;
Ruth Luzia Baraviera; Ricardo Sant'anna; Marcelo Papoti.

Considerando as características de movimentação do futsal, a avaliação aeróbia intermitente é a mais indicada para essa modalidade. O objetivo do presente estudo foi verificar os efeitos de seis semanas de treinamento sobre o consumo máximo de oxigênio (VO_{2max}), a intensidade de esforço correspondente ao VO_{2max} (iVO_{2max}) e a distância total percorrida (DIST), determinados no teste de vai-e-vem de 20 m, em jogadores de futsal. Foram avaliados dez jogadores de futsal da categoria sub-20, de nível estadual, da mesma equipe (Idade = $18,6 \pm 1,0$ anos; massa corporal = $64,7 \pm 8,3$ Kg; estatura = $170,2 \pm 4,1$ cm), com frequência semanal de seis sessões de treinamentos/jogos, com duração de aproximadamente 90 min/sessão, durante o período competitivo. Antes e após seis semanas de treinamento os atletas realizaram o teste de vai-e-vem de 20 m até a exaustão, para determinação do VO_{2max} ($6,0 \times$ Velocidade do último estágio completo, $Km \cdot h^{-1}$) – $24,4$), iVO_{2max} (considerando o tempo do último estágio, quando este não foi completado) e DIST final. O teste de vai-e-vem foi realizado em uma distância de 20 m, delimitada por cones, em ida e volta (vai-e-vem), de maneira progressiva, com velocidade inicial de $8,5 Km \cdot h^{-1}$ e incremento de $1 Km \cdot h^{-1}$ por minuto, até a exaustão. A velocidade do teste foi controlada por um sinal sonoro através de um metrônomo. A análise estatística foi feita através do teste-*t* para amostras pareadas, considerando $P < 0,05$. Não houve alteração no VO_{2max} ($54,1 \pm 4,0$ vs $54,1 \pm 4,0 ml^{-1} \cdot kg^{-1} \cdot min^{-1}$) e na iVO_{2max} ($13,3 \pm 0,7$ vs $13,2 \pm 0,7 km \cdot h^{-1}$), no entanto, a DIST foi significativamente maior (1104 ± 161 vs 1154 ± 204 m), entre as avaliações pré e pós. Apesar do curto período entre os testes pré e pós e pela avaliação ter ocorrido durante o período de competição, a DIST foi o único parâmetro que apresentou sensibilidade ao treinamento e por isso ela pode ser um ótimo parâmetro para discriminar os efeitos do treinamento no futsal.

Grupo de pesquisa em fisiologia aplicada ao treinamento esportivo (FITES) – DEF/FC UNESP,
Bauru/SP;

Centro de Estudos e Pesquisa da Atividade Física, Faculdades Integradas de Bauru/SP;

³Laboratório de Avaliação Física, Saúde e Esporte, Universidade Estadual de Ponta Grossa -
Ponta Grossa/PR.santos@fc.unesp.br**TREINAMENTO RESISTIDO ESPECÍFICO PARA A FORÇA MÁXIMA E O DESEMPENHO EM EXERCÍCIOS GLOBAIS PARA O MEMBRO SUPERIOR**

Filipe Mariano de Moura; Dalton Müller Pessoa Filho.

A força é um componente do desempenho nos testes de aptidão física, que envolvem os membros superiores e o deslocamento do peso corporal em suspensão ou apoio no solo. Neste estudo, verificou-se a influência de um treinamento específico de força para membros superiores sobre o desempenho na flexão em barra suspensa (FBS) e na flexão de solo (FS) empregados pelo Corpo de Bombeiros da Polícia Militar. Dezesesseis 16 indivíduos do sexo masculino ($22,63 \pm 3,22$ anos e $74,85 \pm 11,37$ kg) foram divididos em dois grupos: treinado (GT),

que foi submetido ao treinamento de oito semanas e cargas progressivas de 50% a 90%1RM; e controle (GC) que não realizou nenhum tipo de atividade de força no período de análise. Os sujeitos foram avaliados antes e após o treinamento, quanto à força muscular (teste de 1RM) em aparelhos específicos para o treinamento resistido, e quanto ao desempenho em FBS e FS. As diferenças de força e de desempenho foram analisadas pelo ANOVA, empregando Bonferroni como post-hoc. Em todas as análises, adotou-se $p \leq 0,05$. Após 8-semanas de treinamento, os resultados revelaram que GT teve melhora nos exercícios empregados no protocolo de treino: peck-deck (pré $56,9 \pm 8,8$ kg; pós $68,5 \pm 7,2$ kg); peck-dorsal (pré $54,4 \pm 11,5$ kg; pós $63,1 \pm 8,8$ kg); remada (pré $125,0 \pm 10,7$ kg; pós $140,9 \pm 10,2$ kg); rosca direta (pré $33,0 \pm 4,0$ kg; pós $39,5 \pm 3,96$ kg); pulley-tríceps (pré $29,4 \pm 3,2$ kg; pós $35,8 \pm 3,0$ kg); testa-barras (pré $29,0 \pm 5,2$ kg; pós $36,0 \pm 6,1$ kg). Na FBS houve melhora no número de repetições máximas (pré $7,0 \pm 2,6$; pós $9,3 \pm 2,1$). Na FS e nos exercícios supino reto, puxada alta e rosca alternada não foram observadas melhoras para GT. Ao comparar o desempenho entre GT e GC no pós-teste, observou-se diferenças de repetições em FBS (GT: $9,3 \pm 2,1$ e GC $4,5 \pm 1,9$) e em FS (GT $27,4 \pm 8,6$ e GC $18,1 \pm 5,0$). Conclui-se que o treinamento proposto melhora o desempenho em exercícios que empregam a força (FBS), mas há restrições de especificidade ao propô-lo para o desempenho que tende a exigir a resistência muscular (FS).

Departamento de Educação Física, Faculdade de Ciências – UNESP/Bauru

dmpf@fc.unesp.br